



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

WELISON ALAN GONÇALVES ANDRADE



**SABERES E DIVERSÃO, EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO:
A LUTA MARAJOARA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO
SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO ARARI**

**Belém-Pará
2024**

WELISON ALAN GONÇALVES ANDRADE

**SABERES E DIVERSÃO, EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO:
A LUTA MARAJOARA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO
SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO ARARI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nazaré Cristina Carvalho.

**Belém-Pará
2024**

***Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará Gerada
automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)***

A554 Andrade, Welison Alan Gonçalves
 Saberes e diversão, educação e devoção: a Luta Marajoara na
 Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari / Welison
 Alan Gonçalves Andrade. — Belém, 2024.

 Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nazaré Cristina Carvalho
 Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) -
 Universidade do Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências Sociais
 e Educação (CCSE), 2024.

 1. Luta marajoara. 2. São Sebastião. 3. Cachoeira do Arari. 4. Marajó.
 I. Título.

CDD 22.ed. 370.7098115

WELISON ALAN GONÇALVES ANDRADE

**SABERES E DIVERSÃO, EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO:
A LUTA MARAJOARA NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO
SÃO SEBASTIÃO DE CACHOEIRA DO ARARI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nazaré Cristina Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará

Examinadora externa

Prof^a. Dr^a. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Universidade Federal do Pará

Examinadora interna

Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares
Universidade do Estado do Pará

Ao povo de fé e luta de Cachoeira do Arari.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo.

À Nossa Senhora de Nazaré, por ouvir minhas preces e me ajudar a realizar os meus sonhos!

À mulher mais guerreira, inspiradora e forte que já conheci, minha mãe Luzia, por acreditar na educação como meio de superação e transformação.

Ao meu pai Helio, ao meu irmão André e à minha irmã Luane que, à sua maneira, não deixaram de apoiar minha formação acadêmica.

À minha orientadora por contribuir significativamente na construção deste trabalho, por sugerir as melhores referências, pelos conselhos acadêmicos, pelas conversas sobre a vida, pela paciência e por me deixar voar na escrita desta dissertação com as minhas próprias asas.

Ao Coletivo Luta Marajoara em Debate, na figura do Rógerio, Afonso e Fabio, por me incentivarem a ingressar no mestrado e pesquisar este tema.

À banca examinadora, Josebel Akel e Ivone Maria, pelas sugestões, indicações de referências e pelas palavras acolhedoras.

Ao professor Lino Ramos por suas generosas mediações nas minhas idas a campo e por me acolher tão bem em sua casa.

Ao Mestre Augusto por facilitar o encontro com os lutadores intérpretes da pesquisa.

Ao Mestre César e seus familiares por me receberem com carinho em Cachoeira do Arari e me envolverem na organização do torneio da festividade.

Aos amigos da turma 18 do PPGED-UEPA, especialmente Jesyan, Beatriz, Zilene, Michelly, Alberto, Luciene e Carmen, pela união de forças e pelos conselhos acadêmicos.

À CAPES, pelos subsídios financeiros, sem os quais esta pesquisa não seria viável.

À minha cachorra Minnie por interromper, por diversas vezes, a escrita deste trabalho para oferecer amor e fofura.

Ao Marcos que, com amor, me deu forças para finalizar esta dissertação.

Ao Mailson por colocar as vírgulas no seu devido lugar e enxergar meus demais erros gramaticais.

A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto.

Carlos Rodrigues Brandão

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. **Saberes e diversão, educação e devoção: a Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari**. 2024. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2024.

RESUMO

Luta secular da Ilha de Marajó, Norte do Brasil, a Luta Marajoara é permeada por um conjunto de saberes que reluz a identidade, a criatividade e a força do homem e da mulher marajoara. No município de Cachoeira do Arari, sua prática está presente na vida do povo de muitas formas. Em fazendas da região, entretém os vaqueiros em seu momento de ócio; na beira do imenso rio Arari e nas demais paisagens de areia e grama do município, encontra sua arena natural e diverte os cachoeirenses em geral; em centros de treinamento, quando a sua vertente esportivizada se sobressai, incentiva a competição e proporciona amizade entre crianças, jovens e adultos; e quando chega a Festividade do Glorioso São Sebastião, lutadores-devotos encontram espaço para pipocar dezenas de performances a céu aberto. A partir do conceito de cultura de Geertz (2008) e Hall (2003), observamos que a Luta Marajoara, assim como outras lutas, pode ser compreendida como uma manifestação culturalmente construída e imbuída de significados. Entre os fatores que podem contribuir para as lutas agregarem diferentes significados, está o contexto em que ocorre a sua prática. Seguindo essa interpretação e tendo por base os pressupostos teóricos de festa e educação de Brandão (1989, 2007, 2010), Ingold (2010), Duvignaud (1983), Tedesco e Rossetto (2010), esta pesquisa analisou os significados atribuídos à prática da Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari. Os objetivos específicos foram: delinear os saberes técnicos que perpassam a sua prática nesse contexto festivo e compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem de tais saberes. Ancorada em elementos da Etnometodologia, a pesquisa se sustenta em uma abordagem qualitativa. A reunião dos dados ocorreu mediante observação participante, caderno e diário de campo, entrevista semiestruturada e registro fotográfico. Os intérpretes da pesquisa são dez lutadores cachoeirenses. A categorização, análise e interpretação dos dados permitiu inferir que a diversão é o principal significado atribuído à prática da Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, e que são múltiplos os saberes técnicos que podem permeá-la nesse contexto festivo. Saberes aprendidos e ensinados por meio de uma “educação da atenção”, um processo que ocorre quando um lutador experiente mostra um saber técnico da luta ao lutador iniciante para que ele possa olhar e ouvir e, assim, aprender. Saberes que quando aprendidos significam dominar a arte de praticar a Luta Marajoara.

Palavras-chave: Luta Marajoara. São Sebastião. Cachoeira do Arari. Marajó.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. **Knowledge and Fun, Education and Devotion: The Marajoara Wrestling in the Festivity of Glorious Saint Sebastian of Cachoeira do Arari**. 2024. 130 f. Dissertation (Master's in Education) – Graduate Program in Education, State University of Pará, Belém-PA, 2024.

ABSTRACT

The secular wrestling of Marajó Island, in Northern Brazil, the Marajoara Wrestling is imbued with a set of knowledge that reflects the identity, creativity, and strength of the Marajoara man and woman. In the municipality of Cachoeira do Arari, its practice is present in the lives of the people in many forms. On the region's farms, it entertains the cowboys during their moments of leisure; on the banks of the immense Arari River and in the municipality's sandy and grassy landscapes, it finds its natural arena and amuses the people of Cachoeira; in training centers, when its sportified version prevails, it encourages competition and fosters friendships among children, young people, and adults; and when the Festivity of the Glorious Saint Sebastian arrives, devoted wrestlers find space to burst into dozens of open-air performances. Based on Geertz's (2008) and Hall's (2003) concept of culture, we observe that Marajoara Wrestling, like other wrestling modalities, can be understood as a culturally constructed practice imbued with meaning. Among the factors that contribute to these wrestling modalities acquiring different meanings is the context in which their practice occurs. Following this interpretation and based on the theoretical assumptions of celebration and education by Brandão (1989, 2007, 2010), Ingold (2010), Duvignaud (1983), Tedesco and Rossetto (2010), this research analyzed the meanings attributed to the practice of Marajoara Wrestling during the Festivity of the Glorious Saint Sebastian in Cachoeira do Arari. The specific objectives were to outline the technical knowledge that permeates its practice in this festive context and to verify how the teaching and learning process of such knowledge occurs. Anchored in elements of Ethnomethodology, the research is based on a qualitative approach. Data collection occurred through participant observation, field notes and diaries, semi-structured interviews, and photographic records. The interpreters of the research are ten wrestlers from Cachoeira. The categorization, analysis, and interpretation of the data allowed us to infer that fun is the main meaning attributed to the practice of Marajoara Wrestling during the Festivity of the Glorious Saint Sebastian in Cachoeira do Arari, and that there are multiple technical skills that may permeate it in this festive context. Skills learned and taught through an “education of attention”, A process that occurs when an experienced wrestlers demonstrates technical knowledge of the Marajoara Wrestling to a beginner wrestlers so that they can watch and listen, and thus learn.. Knowledge that, when learned, means mastering the art of practicing Marajoara Wrestling.

Keywords: Marajoara Wrestling. Saint Sebastian. Cachoeira do Arari. Marajó Island.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. **Saberes y diversión, educación y devoción: La Lucha Marajoara en la Festividad del Glorioso San Sebastián de Cachoeira do Arari**. 2024. 130 f. Disertación (Maestría en Educación) – Programa de Posgrado en Educación, Universidad del Estado de Pará, Belém-PA, 2024.

RESUMEN

La lucha secular de la Isla de Marajó, en el norte de Brasil, la Lucha Marajoara está impregnada de un conjunto de saberes que reflejan la identidad, la creatividad y la fuerza del hombre y la mujer marajoara. En el municipio de Cachoeira do Arari, su práctica está presente en la vida del pueblo de muchas formas. En las haciendas de la región, entretiene a los vaqueros en sus momentos de ocio; en las orillas del inmenso río Arari y en los paisajes de arena y césped del municipio, encuentra su arena natural y divierte a los cachoeirenses en general; en los centros de entrenamiento, cuando prevalece su versión deportiva, fomenta la competencia y promueve la amistad entre niños, jóvenes y adultos; y cuando llega la Festividad del Glorioso San Sebastián, los Luchadores devotos encuentran espacio para estallar en decenas de actuaciones al aire libre. A partir del concepto de cultura de Geertz (2008) y Hall (2003), observamos que la Lucha Marajoara, al igual que otras luchas, puede entenderse como una práctica culturalmente construida e impregnada de significados. Entre los factores que contribuyen a que estas luchas adquieran diferentes significados se encuentra el contexto en el que ocurre su práctica. Siguiendo esta interpretación y basándonos en los supuestos teóricos de fiesta y educación de Brandão (1989, 2007, 2010), Ingold (2010), Duvignaud (1983), Tedesco y Rossetto (2010), esta investigación analizó los significados atribuidos a la práctica de la Lucha Marajoara en la Festividad del Glorioso San Sebastián de Cachoeira do Arari. Los objetivos específicos fueron: delinear los saberes técnicos que atraviesan su práctica en este contexto festivo y verificar cómo ocurre el proceso de enseñanza y aprendizaje de dichos saberes. Basada en elementos de la Etnometodología, la investigación se sustenta en un enfoque cualitativo. La recopilación de datos se realizó mediante observación participante, cuaderno y diario de campo, entrevistas semiestructuradas y registros fotográficos. Los intérpretes de la investigación son diez luchadores de Cachoeira. La categorización, análisis e interpretación de los datos permitieron inferir que la diversión es el principal significado atribuido a la práctica de la Lucha Marajoara en la Festividad del Glorioso San Sebastián de Cachoeira do Arari, y que son múltiples los saberes técnicos que pueden permearla en este contexto festivo. Saberes aprendidos y enseñados a través de una “educación de la atención”, Un proceso que ocurre cuando un luchador experimentado muestra conocimiento técnico de la lucha a un luchador principiante para que pueda mirar y escuchar, y así aprender. Saberes que, una vez aprendidos, significan dominar el arte de practicar la Lucha Marajoara.

Palabras clave: Lucha Marajoara. San Sebastián. Cachoeira do Arari. Isla de Marajó.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves. **Savoirs et divertissement, éducation et dévotion : La Lutte Marajoara lors de la Fête du Glorieux Saint Sébastien de Cachoeira do Arari.** 2024. 130 f. Dissertation (Master en Éducation) – Programme de Post-Graduation en Éducation, Université de l'État du Pará, Belém-PA, 2024.

RÉSUMÉ

La lutte séculaire de l'île de Marajó, dans le nord du Brésil, la Lutte Marajoara est imprégnée d'un ensemble de savoirs qui reflètent l'identité, la créativité et la force de l'homme et de la femme marajoara. Dans la municipalité de Cachoeira do Arari, sa pratique est présente dans la vie du peuple de diverses manières. Dans les fermes de la région, elle divertit les cow-boys pendant leurs moments de loisir ; sur les rives de l'immense fleuve Arari et dans les paysages de sable et d'herbe de la municipalité, elle trouve son arène naturelle et amuse les habitants de Cachoeira en général ; dans les centres d'entraînement, lorsque sa version sportive prédomine, elle encourage la compétition et favorise l'amitié entre enfants, jeunes et adultes ; et lorsque la Fête du Glorieux Saint Sébastien arrive, les combattants dévoués trouvent de l'espace pour éclater en dizaines de performances en plein air. À partir du concept de culture de Geertz (2008) et Hall (2003), nous observons que la Lutte Marajoara, comme d'autres luttes, peut être comprise comme une pratique culturellement construite et imprégnée de significations. Parmi les facteurs qui contribuent à l'attribution de différentes significations à ces luttes figure le contexte dans lequel leur pratique se déroule. Suivant cette interprétation et sur la base des postulats théoriques de fête et d'éducation de Brandão (1989, 2007, 2010), Ingold (2010), Duvignaud (1983), Tedesco et Rossetto (2010), cette recherche a analysé les significations attribuées à la pratique de la Lutte Marajoara lors de la Fête du Glorieux Saint Sébastien à Cachoeira do Arari. Les objectifs spécifiques étaient les suivants : délimiter les savoirs techniques qui traversent sa pratique dans ce contexte festif et vérifier comment se déroule le processus d'enseignement et d'apprentissage de ces savoirs. Ancrée dans les éléments de l'ethnométhodologie, la recherche repose sur une approche qualitative. La collecte de données a eu lieu par le biais d'observations participantes, de carnets et de journaux de terrain, d'entretiens semi-structurés et d'enregistrements photographiques. Les interprètes de la recherche sont dix lutteurs de Cachoeira. La catégorisation, l'analyse et l'interprétation des données ont permis de déduire que le divertissement est la principale signification attribuée à la pratique de la Lutte Marajoara lors de la Fête du Glorieux Saint Sébastien à Cachoeira do Arari, et que de multiples savoirs techniques peuvent la traverser dans ce contexte festif. Des savoirs appris et enseignés par le biais d'une "éducation de l'attention", Un processus qui se produit lorsqu'un combattant expérimenté montre son savoir-faire technique à un combattant débutant pour qu'il puisse regarder et écouter, et ainsi apprendre. Des savoirs qui, une fois acquis, signifient maîtriser l'art de pratiquer la Lutte Marajoara.

Mots-clés: Lutte Marajoara. Saint Sébastien. Cachoeira do Arari. Marajó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Cachoeira do Arari	47
Figura 2 – Devoção em bandeira.....	58
Figura 3 – O caminho dos mastros	59
Figura 4 – A condução dos mastros	62
Figura 5 – Luta Marajoara no capim	63
Figura 6 – Altar dos devotos	65
Figura 7 – O “balé” dos mastros.....	69
Figura 8 – Luta Marajoara entre mastros.....	70
Figura 9 – Finalização e comemoração na Luta Marajoara.....	75
Figura 10 – Um “ringue” a céu aberto.....	76
Figura 11 – 21º Torneio de Luta Marajoara	84
Figura 12 – Pés-Casados	98
Figura 13 – Costas de areia.....	100
Figura 14 – Boi-Vaca.....	104
Figura 15 – Espalhada.....	110

QUADROS

Quadro 1 – Festa de São Sebastião em teses e dissertações.....	29
Quadro 2 – Luta Marajoara em artigos.....	34
Quadro 3 – Lutadores entrevistados	52
Quadro 4 – Tradição x Esportivização	80

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Pessoal de Nível Superior
FGSS	Festividade do Glorioso São Sebastião
FPLM	Federação Paraense de Luta Marajoara
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JEB's	Jogos Escolares Brasileiros
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Ultimate Fighting Championship
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 LUTA MARAJOARA É CONVITE E NÓS ACEITAMOS	15
1.1 É festa no coração da Amazônia	19
1.2 Um povo de fé e luta.....	22
1.3 A literatura da festa	28
1.4 A literatura da luta	33
2 INVESTIGAR A LUTA MARAJOARA EXIGE ATRAVESSAR O RIO	39
2.1 Mochila, passagem e diário de campo	41
2.2 Um rio de dados	45
2.3 Terra de lutadores.....	46
2.4 Viajar com cuidado e atenção	52
3 ENTRE FÉ, FOLIA E DEVOÇÃO AO GLORIOSO SÃO SEBASTIÃO.....	54
3.1 Leite de onça, machados e ombros devotos	55
3.2 Luta Marajoara na festa do santo flechado.....	63
3.3 Atrás do bar do Pio, na beira do rio.....	78
4 UMA HERANÇA DOS VAQUEIROS	88
4.1 Saberes técnicos.....	96
4.1.1 Pés-Casados	98
4.1.2 Calçada	101
4.1.3 Recalçada	102
4.1.4 Boi-Vaca	103
4.1.5 Carrega e Bate.....	105
4.1.6 Enfincada	106
4.1.7 Recolhida	107
4.1.8 Passada.....	108
4.1.9 Lambada	108
4.1.10 Espalhada	109
5 AO PÔR DO SOL, AS ÚLTIMAS COSTAS DE AREIA	114
REFERÊNCIAS	116

SEÇÃO I

LUTA MARAJOARA É CONVITE E NÓS ACEITAMOS

Quem sou eu que pretendo entrar de sopetão no escrete dos grandes mestres que, faz anos, se aventuram nesta ilha que boiou no mar, povoada de duendes e de mistério? (Gallo, 1980, p. 15)

Inspirado pelas palavras do padre Giovanni Gallo, quando se indagou ao adentrar no cosmos da grande Ilha de Marajó¹, questiono-me: quem sou e o que me levou a pesquisar essa imensidão de ilha? Não sou filho de Marajó, mas sou paraense, nascido em Belém, crescido em Marapanim, interior amazônico. Sou da Amazônia e carrego comigo uma bagagem de memórias repleta de experiências, lugares, pessoas, emoções, objetos, sons, sabores desta região de vasto território onde foi construída pelo caboco² que a habita, a partir de uma relação altamente criativa e eficaz, “uma cultura viva, em evolução, integrada e formadora de identidade” (Loureiro, 2015, p. 31).

Interesso-me por pesquisar a Amazônia, região em que a Ilha de Marajó está incluída, especialmente a sua cultura, a cultura amazônica³, pois reconheço a necessidade de valorizar a singularidade da diversidade étnica e cultural desta região, inferiorizada e tratada como primitiva num passado colonial, bem como a necessidade de contribuir para garantir condições de visibilidade e reconhecimento, sobretudo no meio acadêmico, lugar com resquícios do colonialismo em suas instituições, quando, por exemplo, reconhece apenas os conhecimentos produzidos pela elite científica da Europa Ocidental ou dos Estados Unidos como válidos e legítimos, e os demais conhecimentos são identificados como irracionais, arcaicos, entre outras formas de denominação (Melo; Ribeiro, 2019).

Diante do objeto de estudo, preciso dizer que festejar na Amazônia não é novidade. Nas lembranças da minha infância, lembro quando participava de festas populares tradicionais, como o Festival do Carimbó⁴ do município de Marapanim, festa que me deixou

¹ Denomina-se Marajó (do tupi *mbara-yó*, que significa “anteparo do mar”) tanto o arquipélago quanto a sua maior ilha (Schaan, 2009). A Ilha de Marajó é a ilha fluvio-marítima de maior extensão territorial do mundo, com 48.000 km², um território maior que o da Suíça, que delimita 16 municípios. É a ilha mais habitada do Arquipélago do Marajó, um complexo flúvio-marinho composto por dezenas de ilhas localizadas na porção do litoral amazônico conhecida como *golfão marajoara*. Além da Ilha de Marajó, as mais habitadas do arquipélago são as ilhas de Mexiana, Caviana, dos Porcos, Mututi e Uituquara (Amaral *et al.*, 2007).

² Entre “caboco” e “caboclo”, o pesquisador prefere utilizar o vocábulo mais próximo da fala popular na Amazônia, assim como Gallo (1980) e Varela (2020).

³ Em consonância com Loureiro (2015), entendemos por cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboco.

⁴ O Festival do Carimbó do município de Marapanim é um dos principais eventos turístico-culturais realizados na região Amazônia Atlântica do estado do Pará, pois contribui há vários anos no fortalecimento e divulgação das danças e poesias de dezenas de grupos de carimbó, atraindo pessoas de vários estados do país. Em 2022, o festival chegou a sua 11ª edição.

íntimo da dança e da poesia dessa manifestação cultural paraense. Na chamada Terra do Carimbó, também recorro de participar do Círio de Nossa Senhora das Vitórias, de festas juninas e de outras festas comuns em todo o território brasileiro. Recorro ainda de pular muitos carnavais, acredito até que cresci alguns centímetros por causa disso.

Residindo atualmente na região metropolitana de Belém, tenho participado com mais frequência de outras festas da Amazônia brasileira, a exemplo das festas de aparelhagem⁵, do Arraial do Pavulagem e do Círio de Nazaré, festa de fé e devoção à Nossa Senhora de Nazaré, a “Nazinha”. Por festejar tanto na Amazônia, posso dizer que festa amazônica, à semelhança de muitas festas brasileiras, é ocasião para cantar e rezar, dançar e lutar, ensinar e aprender, comer e beber muito, ser criativo, ser feliz, ser lembrado, celebrar a vida, comemorar tradições, ao lado de parentes, amigos, vizinhos e de pessoas que nunca vimos na vida.

Povo amazônida e povo festeiro pode ser considerado sinônimo, pois motivos, pessoas, entidades e circunstâncias não faltam para festejar por aqui. O que diferencia as festas amazônicas? Talvez as saborosas e inesquecíveis experiências gastronômicas; os lugares onde festejamos, por vezes, próximo ao verde da floresta, à margem dos rios; a oportunidade de vivenciar manifestações culturais poéticas, românticas e contagiantes; a intensidade da fé, devoção, imaginação, alegria e “sem vergonhice” do povo... talvez uma grande caldeirada disso tudo e mais uma pitada de outras coisas.

Festeiro e amazoniano, sou ainda professor de Educação Física e, por isso, me interesso acadêmica e epistemologicamente por lutas e todas aquelas práticas corporais, com ênfase nas paraenses, com possibilidades de serem trabalhadas, pedagogicamente, na escola, como o Carimbó, o Brega, o Siriá, o Ronkrã, o Manbol. Práticas corporais resultantes da confluência de saberes dos cabocos, indígenas, africanos e europeus.

Práticas que estampam nos rostos e trajés dos seus praticantes a beleza, a cultura e a alegria de um povo que, em sua maioria, sente orgulho da região de florestas, campos e rios em que vive, um lugar muitas vezes esquecido pelo meios de comunicação de massa, lembrado somente quando enfadarm-se da cultura do norte global e da cultura brasileira sudestina ou para ressaltar tragédias, exploração e as experiências de coexistência com a natureza da ecocivilização, na expressão de Varela (2020), que aqui (re)existe. Práticas corporais que proporcionam entretenimento, ludicidade e conhecimento das potencialidades

⁵ As festas de aparelhagem são manifestações culturais populares no estado do Pará. São caracterizadas pelo uso de equipamentos de som de alta potência, conhecidos como “aparelhagens”, que tocam gêneros como tecnobrega, melody, tecnomelody e outros ritmos.

de movimentação com o corpo, e que se diferenciam de outras por possuírem suas próprias técnicas, historicidade e relação íntima com a cultura, a fauna e a flora da Amazônia Paraense.

Desse complexo universo de práticas corporais existente na territorialidade do estado do Pará, particularmente da Amazônia Marajoara, tenho desenvolvido grande interesse pela Luta Marajoara, que conheci na graduação em Educação Física na Universidade Federal do Pará (UFPA), lugar de professores inspiradores, amizades inesquecíveis e de estudos acerca dos temas da cultura corporal de movimento.

Foi na graduação, mais precisamente no quinto semestre, que ouvi falar pela primeira vez da Luta Marajoara, por meio do componente curricular Bases Teóricas e Metodológicas do Ensino de Lutas. Todavia, nas vezes em que era mencionada, suas especificidades históricas e socioculturais eram apresentadas de maneira superficial.

Na graduação, ainda fui convidado para colaborar na organização do livro “Lutas do Mundo na Escola: coletânea de planejamentos” (2017), obra cujo objetivo foi demonstrar possibilidades de planejar o conteúdo lutas na educação básica. Entre as lutas abordadas no livro está a Luta Marajoara, porém, sua historicidade e demais aspectos foram apresentados novamente de forma superficial e até mesmo distorcida.

A graduação foi, assim, um lugar que me aproximou e me permitiu conhecer a Luta Marajoara, mas com limitações que me trouxeram a sensação de estar pouco instrumentalizado para trabalhar com os seus conhecimentos históricos e socioculturais. Sensação que me trouxe angústia, afinal, a formação inicial é uma fase crucial para instrumentalizar os docentes a fim de que tenham acesso e domínio de conhecimentos e habilidades que darão suporte ao seu trabalho (Camargo *et al.*, 2012). Em contraponto, trouxe-me conforto a percepção de que a minha formação inicial foi fundamental para minha capacitação em pesquisa, permitindo-me compreender que poderia contribuir para desenvolver investigações em torno da Luta Marajoara.

A graduação também possibilitou-me entender a Educação Física como uma área de conhecimento e intervenção que engloba distintas práticas corporais comunitárias, regionais e do mundo, para promover a formação crítica, criativa e cidadã de crianças, jovens e adultos que frequentam a escola. Dentre as práticas corporais possíveis de serem trabalhadas, aquelas que estão mais próximas da realidade sociocultural do aluno são significativas para a formação de cidadãos que valorizam sua cultura local e para a construção de identidade. Daí a relevância da Educação Física escolar trabalhar com a Luta Marajoara no âmbito de escolas brasileiras, de modo geral, e de escolas paraenses e marajoaras, em especial.

Entretanto, a reduzida produção do conhecimento tem se constituído um considerável obstáculo para o trabalho com os conhecimentos deste possível conteúdo pedagógico. Pensando nisso, após a graduação, aliei-me a um amigo do Marajó que se interessa em pesquisá-la. O objetivo era, junto a ele, desenvolver pesquisas e, consequentemente, instrumentalizar e ampliar o conhecimento sobre essa luta, uma vez que o ato de pesquisar, como bem resumiu Freire (2016), nos permite conhecer o que ainda não conhecemos.

A parceria com o pesquisador marajoara Carlos Afonso permitiu dar continuidade a discussão acerca da visibilidade e reconhecimento da Luta Marajoara nos espaços de atuação e formação do professor de Educação Física, já iniciada por ele em outras pesquisas com o professor Rogério Freitas (Santos; Freitas, 2018; Santos; Gomes; Freitas, 2020), o que, num primeiro momento, deu origem ao artigo intitulado “‘Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio’: luta Marajoara e reconhecimento em academias de ginástica” (2021).

A escrita do artigo nos levou a criar um grupo interdisciplinar e interinstitucional denominado **Coletivo Luta Marajoara em Debate**, integrado atualmente por mim, pelos professores-pesquisadores Carlos Afonso Ferreira dos Santos, Rogério Gonçalves de Freitas, Fabio José Cardias-Gomes e Renan Santos Furtado. Um coletivo cujo objetivo principal é contribuir com a produção e disseminação dos conhecimentos da Luta Marajoara, por meio da publicação de artigos em periódicos, apresentação de trabalhos em eventos científicos e organização de momentos formativos e dialógicos com outros pesquisadores interessados pela luta tradicional do Marajó ou pela temática lutas em geral.

Entre as atividades com o coletivo, destaco um momento que me aproximou do objeto de estudo desta dissertação: a pesquisa realizada durante o 1º Campeonato Paraense de Luta Marajoara, um evento organizado em Ponta de Pedras, entre 22 e 25 de julho de 2021. Após entrevistar lutadores e o público do evento, percebi que muitos conheciam e se interessavam pela Luta Marajoara em razão de uma festividade em homenagem ao santo São Sebastião, realizada no município de Cachoeira do Arari.

Tal descoberta trouxe-me inquietações, pois qual seria a relação entre a Luta Marajoara e uma festa de caráter religioso? Essa questão me fez perceber que havia particularidades da Luta Marajoara que eu ainda pouco conhecia. Tal questionamento ganhou mais relevância quando, em um levantamento preliminar da produção do conhecimento sobre o tema, deparei-me, com um cenário incipiente de pesquisas.

Em suma, a necessidade de contribuir para garantir condições de visibilidade e reconhecimento às manifestações culturais amazônicas, somada ao interesse acadêmico pela

Luta Marajoara, despertado na graduação e arremetido junto a um coletivo, foram fatores que motivaram-me decisivamente para desenvolver a presente dissertação, cujo objeto de estudo é sustentado e impulsionado por um povo que vivencia uma região com limites territoriais banhados por rios, a Ilha de Marajó, lugar batizado pelo padre agostiniano Teodoro Madri como “*El Corazón de la Amazonia*”⁶.

1.1 É festa no coração da Amazônia

É dentro do cenário da Amazônia, bioma de relevância planetária, que esta investigação desponta, lugar envolto em lendas, superstições, mitos, tradição oral e festas populares, sendo esta última parte notável da colossal fortuna cultural da região. Na Amazônia brasileira, em particular, diversas são as festas populares em que o povo expressa sua fé e sua força, a exemplo do Círio de Nazaré, considerada com orgulho por muitos paraenses como “a maior festa religiosa do Brasil” ou “um dos maiores eventos religiosos do mundo” (Henrique; Linhares, 2019, p. 402).

O Círio de Nazaré é uma festa que começa com a chegada, na cidade de Belém, de centenas de milhares de devotos dos interiores do estado do Pará, de outros estados do Brasil e de outros países. Envolve várias e gigantescas procissões, com a principal reunindo mais de dois milhões de pessoas nas ruas, e termina, como bem descrito pela antropóloga Amaral (1998, p. 14), “com um grande almoço em que a cidade come o mesmo prato típico, embora cada família o faça em sua casa”.

Outra festa de grande expressividade e notoriedade na Amazônia brasileira é o Festival de Parintins, realizado no estado do Amazonas. A festa é um espetáculo grandioso contracenado por duas agremiações de bois-bumbás, denominadas boi Caprichoso e boi Garantido, que competem para uma plateia e um corpo de jurados (Silva, 2009). O evento atrai um público numeroso formado por pessoas de diversas localidades do país.

Mas, não é somente na Amazônia brasileira que o ato de festejar é popular. De norte a sul do Brasil, Cavalcanti (2013) assegura que são realizadas festas rurais, festas urbanas, festas cívicas, festas tradicionais, que se expressam em pequenas, médias, grandes ou gigantescas comemorações, cerimônias, concursos, cortejos, torneios, festejos sagrados e profanos, que não nos permite esquecer que o “país do carnaval” é também o das festas em geral. O povo brasileiro é um dos mais festeiros do mundo, não à toa costumamos dizer,

⁶ De acordo com o historiador marajoara Pacheco (2009, p.), “*El Corazón de la Amazonia*” foi uma metáfora elaborada pelos agostinianos para falar da grande importância da Ilha de Marajó à região amazônica. A ilha é o músculo cardíaco que desempenha as funções de bomba aspirante e “impelente”, já que introduz nas profundidades do oceano Atlântico as águas barrentas.

segundo o referido autor, ter o “o maior São João do Mundo”, a “maior parada gay do mundo”, a “maior romaria do mundo” e o “maior carnaval do mundo”. Temos um calendário repleto de distintas festas, talvez, em razão disso, o festejar brasileiro tem sido alvo de interesse de múltiplas pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Humanas.

Nesta pesquisa, também nos interessamos pelo festejar brasileiro, em particular pelo festejar no coração da Amazônia. Para tanto, buscamos compreender a festa enquanto fenômeno cultural. Com base no antropólogo norte americano Clifford Geertz (2008, p. 212), podemos conceber a cultura como um “texto” que pode ser lido e interpretado por meio dos símbolos (temporários) que o compõem, isso porque os seres humanos não apenas agem no mundo, mas também dão significado às suas ações por meio do uso de símbolos.

Geertz (2008, p. 93) ainda ressalta que os significados “só podem ser ‘armazenados’ através de símbolos”. Nesses termos, ao buscarmos compreender a festa enquanto fenômeno cultural, podemos dizer que cada símbolo que a compõe é carregado de significados, bem como concluir que os símbolos são a chave para entendê-las.

Os bens simbólicos de uma festa permitem que ela seja considerada um espaço privilegiado de educação, concepção amplamente defendida em recentes pesquisas (Procópio, 2015; Aires Neto, 2016; Silva, 2017; Baker; Carvalho, 2020; Silva; Carvalho, 2021), isso porque os símbolos desempenham um papel fundamental na educação das pessoas, ou como nos diz Geertz (2008, p. 66), por meio dos símbolos as pessoas se “comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

A festa enquanto lugar de educação não seria, portanto, um espaço de alienação, ideia que costuma impregnar o ato de festejar, com ênfase para o festejar brasileiro (Amaral, 1998), mas sim uma das inúmeras “escolas” do povo, nos termos de Ribeiro Júnior (1982), concepção que se coaduna com o que nos diz Brandão (2007), quando afirma que a educação está em tudo, em todo lugar e ninguém lhe pode escapar. Em casa, na rua, igreja ou escola, o referido autor alega que misturamos a vida com a educação, seja para aprender, para ensinar ou para aprender e ensinar, seja para saber, para fazer, para ser ou para conviver, havendo assim não uma educação, mas múltiplas “educações”.

Além disso, a festa é, notadamente, um ato coletivo, ou como nos diz Tedesco e Rossetto (2007), festa é um momento de situações relacionais, grupais e comunitárias, ou ainda como expressa o sociólogo e antropólogo francês Jean Duvignaud (1983, p. 71): “festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, período no qual a vida coletiva é extremamente intensa”. Em razão disso, a festa se consolida como espaço de

educação, posto que o saber flui a partir da vida coletiva, da convivência com as outras pessoas, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não sabe-e-aprende (Brandão, 2007).

As festas estão ainda associadas a tradições culturais locais e regionais, a exemplo do Carnaval, festa conhecida por seus desfiles, pelo uso de fantasias e por suas músicas nostálgicas. No entanto, o Carnaval é também um reflexo das múltiplas culturas regionais do país, como o frevo de Pernambuco e o samba do Rio de Janeiro, considerando-se o fato de que, segundo Duvignaud (1983, p. 211), a festa “não se confina a uma cultura”, mas perpassa todas as culturas de forma destruidora, devido ao seu poder de evidenciar, conforme o autor, a “capacidade que têm todos os grupos humanos de liberarem-se de si mesmo e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis, nem forma, que é a natureza na sua inocente simplicidade” (p. 212).

Ao atravessar culturas e gerações, as festas se atualizam e passam por ressignificações. Como pontuado por Tedesco e Rossetto (2007), as festas expressam a multiplicidade de experiências do homem com o tempo, com o espaço, com os fatos, com o extraordinário, com a vida e a morte, com ideologias e visões de mundo, com a história do homem e sua construção social, com a vida em sociedade, com saberes, fazeres e afazeres, e com a natureza. Ora, por envolver tantos aspectos da vida, as festas, notadamente, acabam por sofrer transformações e influências, seja para se tornar mais inclusivas, para incorporarem novas manifestações culturais ou para acompanharem a evolução tecnológica.

Desse modo, se muitas festas tiveram origem na resistência durante períodos de opressão e marginalização, como a Marujada de São Benedito em Bragança (Silva, 1997), atualmente elas possuem outros significados, visto que não são realizadas mais no mesmo contexto e foram influenciadas por diferentes fatores culturais, sociais, econômicos e políticos ao longo de sua história. A festa é, assim, uma expressão cultural viva e dinâmica.

Em termos históricos, podemos dizer que o ato de festejar já existia no Brasil entre os indígenas, que comemoravam suas vitórias guerreiras em torno de uma fogueira, muitas vezes deglutindo os inimigos vencidos (Ferreira, 2013). Comemorações que se somaram ao modelo de festa (religiosa, processional) que os colonizadores portugueses implantaram no país (Amaral, 1998), incluindo tradições católicas europeias, como a veneração a santos e celebrações em sua honra.

Na contemporaneidade, muitas cidades continuam a celebrar, com muita pompa, os mesmos santos reverenciados pelos colonizadores, isto é, as festas de santo se tornaram parte integrante da cultura brasileira. Para a realização de tais festas são necessários fogos, muita

comida, procissões, cantos e danças (Brandão, 2010), elementos festivos que ganham características próprias em cada região.

Na Amazônia brasileira, as festas de santo são manifestações quase obrigatórias, devido à tradição do povo de cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, para não correr o risco de ser abandonado pelo santo, conforme ponderado por Galvão (1955) em sua clássica obra sobre santos e visagens da região amazônica.

No coração da Amazônia, as festas de santo, junto às festas de aparelhagem, estão entre as mais recorrentes e populares. Em consonância com Boulhosa (2016), a religiosidade, com predomínio do catolicismo, é notável na vida do povo marajoara, e entre as festas de santo mais prestigiadas na região estão aquelas em homenagem a São Sebastião⁷, reconhecidas como Patrimônio Cultural do Brasil⁸.

No dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foram registradas 45 festividades em honra a esse santo, que possuem características que as tornam únicas em seus contextos (Barros; Pantoja, 2010). Em razão disso, é importante pontuar que não propomos investigar, nesta dissertação, todas as festas de São Sebastião realizadas no Marajó, mas sim a festividade que ocorre no município de Cachoeira do Arari. Mais do que isso, não temos a pretensão de investigar todos os estilhaços da festa, isto é, todos os elementos que a alimentam, mas sim a prática da Luta Marajoara que a compõem.

1.2 Um povo de fé e luta

A colonização dos povos originários do Marajó e sua consequente redução e submissão ao cristianismo teve início a partir do século XVI, quando diversos interesses fizeram com que estrangeiros, com a ajuda dos saberes dos indígenas, se movimentassem pela ilha, como o interesse dos portugueses em consolidar um projeto eurocêntrico, baseado em expansão territorial, acúmulo de riquezas e ampliação de exércitos, que acabou por dizimar inúmeras nações indígenas (Pacheco, 2010).

⁷ Em consonância com a obra *"The Golden Legend: Readings on the Saints"*, de Jacobus de Voragine (2012), Sebastião era um seguidor do cristianismo que buscou o posto militar com o objetivo de visitar os cristãos sob tortura, para encorajá-los. Ele viveu em um período do Império Romano em que os cristãos eram perseguidos por sua recusa em adorar os deuses romanos. Ao descobrirem que era Cristão, Sebastião foi amarrado a um poste e alvejado por flechas. Contudo, Sebastião sobreviveu milagrosamente, sendo espancado até a morte pouco tempo depois. Sebastião teve seu corpo jogado no esgoto para impedir que os cristãos o homenageassem como mártir. Na noite seguinte, Sebastião apareceu a Santa Lucina, revelou-lhe o local que estava o seu corpo e pediu que fosse sepultado junto aos restos mortais dos apóstolos, o que foi feito. Ao ser descoberto, foi venerado como mártir.

⁸ Em 2013, os festejos do Glorioso São Sebastião do Marajó receberam o título de Patrimônio Cultural do Brasil, conferido pelo IPHAN, sendo, portanto, reconhecidos como elementos culturais importantes que devem ser protegidos para as gerações futuras.

Na Ilha Grande de Joanes, como era conhecida a Ilha de Marajó nos primeiros séculos de colonização, o projeto português de expandir o cristianismo e ampliar seu império “foi uma espécie de causa determinante de passar por cima da cultura nativa ou comprimi-la” (Loureiro, 2015, p. 290), uma colonização que não seria possível sem o papel decisivo desempenhado pelos missionários religiosos. Acredita-se que cerca de 40 mil indígenas viviam na ilha na época. Com o objetivo de escravizá-los, as expedições de captura eram difíceis, pois os indígenas emboscavam seus algozes atrás das curvas dos rios, nunca permitindo que chegassem às suas comunidades, uma guerra substituída então por esforços de colonização principalmente por parte das ordens religiosas (Lisboa, 2012). Tendo vencido a resistência indígena, a escravidão se estabeleceu na sua mais rígida forma e o colonizador impôs sua religião, muitas vezes seguida pelos indígenas e negros escravizados.

Remonta desse período de colonização e ação missionária, a devoção a São Sebastião no Marajó (IPHAN, 2018). No cenário contemporâneo, a devoção a esse santo ocorre de distintas formas nos municípios da ilha e compõe um calendário de festas para agradecer pelos milagres e graças alcançadas. Considerado como padroeiro dos vaqueiros e fazendeiros, o santo é respeitado e venerado por proteger contra doenças, seca, fome e inundações (Boulhosa, 2016).

Cada localidade do Marajó que realiza festa para o “Glorioso São Sebastião”, como também é chamado pela população local, possui suas especificidades com variações das comissões, representantes, responsáveis e calendários (IPHAN, 2018). Entre as celebrações de maiores proporções, que envolvem um complexo estrutural com diversos setores da economia e cultura, como município, igreja, associações locais e outras instâncias, está a festividade de Cachoeira do Arari (Barros; Pantoja, 2010), considerada por Boulhosa, Cabral e Gomes (2017) como uma das maiores manifestações em homenagem a este santo no estado do Pará.

O ciclo da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, inicia-se nos primeiros meses do ano, com um período de peregrinação da imagem do santo, junto a uma comissão de devotos que percorre diferentes regiões do Marajó e só termina para dar início a festividade. Simultâneo a essa peregrinação, no dia 15 de novembro, os cachoeirenses se reúnem em uma fazenda para cortar os mastros da festividade. Após o corte, em uma segunda-feira posterior ao terceiro domingo de dezembro, os mastros são carregados para a casa dos juízes da festa, conhecidos como “festeiros” e “padrinhos dos mastros” (Boulhosa, 2016), que devem prepará-los para encontrar com a imagem do santo no dia 10 de janeiro, dando início a festividade.

Do dia 10 ao dia 20 de janeiro, a festa do Glorioso São Sebastião conta com uma extensa programação composta por atividades religiosas e culturais, como procissões, missas, corrida de cavalo, festas de barracão e bingos. Entre as atividades culturais, podemos ainda encontrar a prática da tradicional luta do Marajó, a Luta Marajoara, a qual pode ser prestigiada, principalmente, no primeiro dia, ao final do cortejo dos mastros, e em um torneio específico, no dia 20 de janeiro, último dia de festa, dia de celebrar São Sebastião no calendário litúrgico da Igreja Católica.

Também conhecida como “agarrada”, “cabeçada”, “engatada”, “derrubada”, “lambuzada” ou simplesmente “marajoara”, a Luta Marajoara é uma prática corporal imbuída por saberes técnicos próprios, construídos e nomeados a partir do imaginário e de termos, ações e símbolos representativos da cultura marajoara.

É uma modalidade de luta entre dois oponentes que devem iniciá-la de frente um para o outro, semi-agachados e usando um dos pés para tocar na lateral do pé contrário do adversário. Antes disso, sua forma tradicional exige que os lutadores cheguem a um consenso sobre quem aplicará o primeiro golpe. Seu desenvolvimento ocorre quando há uso de técnicas, força e outras habilidades para desequilibrar, carregar ou projetar o adversário de costas no solo, características que permitem compará-la com outras lutas de agarre, como a Galhofa (Santo; Freitas, 2018), a Luta Leonesa e a Luta Canária (Campos; Pinheiro; Gouveia, 2019). A finalização na Luta Marajoara ocorre quando um dos lutadores suja as costas do adversário de areia, lama ou terra.

Estamos nos referindo a um dos principais patrimônios culturais do Marajó, com um poder capaz de atrair os olhares do mundo, como fez nos eventos de abrangência internacional do *Ultimate Fighting Championship* (UFC), quando os lutadores Iuri Marajó e Deivison Figueiredo, o “Deus da Guerra” foram reconhecidos como praticantes da luta (Santos; Andrade; Freitas, 2023a).

Recentemente declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará⁹, a Luta Marajoara tem nas fazendas, quilombos, festas populares e praias do Marajó, seus espaços mais tradicionais de prática. Ao observá-la pela região dos campos, Cruz (1987, p. 97) a descreveu da seguinte forma:

Não existia agressão, nem covardia e nem intenção de ferir um ao outro. Tiraram as camisas e arregaçaram a calça até o joelho. Foram para um lugar amplo da beira da praia, e para dar ânimo, enfiaram um gole da mardita [...]. O mais habilidoso conseguiu agarrar a perna do parceiro, roçou de um lado, levantou, roçou do outro e

⁹ Em 2022, a Luta Marajoara foi declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará pela Assembleia Legislativa do Pará, mediante a aprovação do projeto de lei nº 6/2021.

jogou o seu amigo marajoara no chão. Esse ganhou a luta por ter conseguido tocar as costas do outro no chão. A plateia, colocada em círculo, gritou, torceu e apostou nos dois lutadores e no final aplaudiu o vencedor, mas não pôde humilhar o perdedor.

Enraizada na cultura do Marajó, a Luta Marajoara, no cenário atual, vem se difundindo principalmente por meio de torneios e campeonatos locais, que tem angariado praticantes de diferentes localidades da ilha, drenado multidões e restringido o uso de determinados golpes, como forma de beneficiar o espetáculo e os lutadores.

Tais eventos esportivos deram início a uma organização e padronização das regras e técnicas da Luta Marajoara que contribuiu para a sua condução a um processo de esportivização¹⁰ (Andrade; Santos; Freitas, 2024), que ganhou força nos últimos anos com o advento da Liga Brasil de Luta Marajoara e a gênese da Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM), cujo objetivo é oferecer organização estrutural à referida luta para incentivar sua ascensão como modalidade esportiva (Engelhard Neto; Abrahin; Mocarzel, 2021, p. 54), a partir de propostas de trabalho que incentivam esse processo (Santos; Andrade; Freitas, 2023a). Propostas que, em consonância com os mencionados autores, podem desencadear o “envenenamento” da luta, isto é, uma adulteração e/ou eliminação de sua forma tradicional e histórica.

Recentemente, a Luta Marajoara conquistou um dia especial em 8 de abril¹¹, mas a sua data de nascimento é um mistério. Os poucos registros que permitem sugerir que a sua prática tem pelo menos um século, são aqueles relacionados à memória de velhos lutadores que lembram de seus avós lutando (Jesus; Assis, 1997) e ao que sugere Salles (2004), quando discorre acerca dos primórdios da Cabanagem¹² e acena para a Luta Marajoara como uma luta praticada por vaqueiros, negros e mulatos nos campos do Marajó.

Provavelmente nunca se saberá a origem da Luta Marajoara, isso porque o surgimento da maioria das lutas não é uma ação isolada de um indivíduo ou de um grupo que a propôs, mas sim é resultado de uma construção que a modificou, dando novos significados ao longo do tempo (Breda *et al.*, 2010).

De modo geral, o termo “luta” está vinculado à história de todos os povos e civilizações, e sua origem remonta aos primórdios da humanidade, devido à necessidade de

¹⁰ Entende-se por esportivização o processo de transformação de uma prática corporal, originada em contexto não competitivo, em modalidade esportiva, a partir da incorporação dos códigos do esporte de rendimento, tais como: definição de regras oficiais e institucionalização (González, 2014).

¹¹ Mediante a Lei nº 9.989, de 10 de julho de 2023, a Assembleia Legislativa do Estado do Pará instituiu no calendário oficial de eventos do estado do Pará, o Dia Estadual da Luta Marajoara, a ser celebrado no dia 8 de abril.

¹² A Cabanagem foi um movimento popular ocorrido na província do Grão-Pará, entre os anos de 1835 e 1840. Foi um dos maiores movimentos populares da história brasileira. Os principais objetivos dos manifestantes eram a conquista da independência política da província e a abolição da escravidão.

defender a vida e a integridade física em situações de perigo à sobrevivência (Casado; García; Herrera, 2003). Assim, de acordo com os autores, para subjugar violentamente o adversário, ao longo da história e nas diversas civilizações, desenvolveram-se diferentes técnicas de combate em cada região do mundo que, em alguns casos, utilizavam armas e, noutros, o próprio corpo, conforme as necessidades e circunstâncias.

Nos últimos anos, segundo Correia e Franchini (2010), o termo “luta” tem assumido uma ampla gama de representações e significados, o que, por sua vez, tem lhe conferido uma dimensão polissêmica. Isso inclui a ideia de lutas de classe, dos trabalhadores, pelos direitos das mulheres, pela preservação da vida, entre outras. No sentido amplo, o termo “luta” refere-se, em consonância com os referidos autores, à situação em que ocorrem confrontos físicos ou corporais com o objetivo de subjugar o oponente, surgindo a partir de conflitos interpessoais e, inevitavelmente, devido a conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes.

Por sua vez, Gomes (2008, p. 49), em um esforço de conceituação desse fenômeno, nos diz que luta é uma prática corporal imprevisível, caracterizada por um estado de contato, que permite a duas ou mais pessoas se enfrentarem em uma “constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente”.

Interessa destacar que, na literatura da Educação Física, o termo “luta” tem sido tratado como sinônimo de “arte marcial” e “esporte de combate”, isso porque não existe consensos em relação às definições de cada uma dessas terminologias, uma vez que tais fenômenos são tão dinâmicos, múltiplos e plurais que os definir seria uma forma de limitar seu entendimento (Rufino; Darido, 2011).

Na presente pesquisa, pretendemos utilizar o termo luta para se referir às duas formas de luta existentes, em sintonia com a classificação de Casado, García e Herrera (2003), quais sejam: aquelas bem adaptadas às formas convencionais do esporte moderno, como o Boxe, o Judô, o Taekwondo, a Luta Greco-Romana, a Luta Canária e a Luta Leonesa; e aquelas inúmeras lutas tradicionais por todo o mundo, que não possuem qualquer tipo de institucionalização, como a luta indígena *kindene*.

Procuramos ainda compreender as lutas como manifestações culturalmente construídas e imbuídas de significados, o que advém do entendimento de cultura segundo a concepção de Geertz (2008) que, inspirado pelas ideias de Max Weber, a concebeu como sendo “teias de significados” que o próprio ser humano teceu e se amarrou. Nesse ângulo, as lutas podem ter diferentes significados dependendo do contexto sociocultural e do período histórico em que foram tecidas e são praticadas, isto é, embora as lutas possam compartilhar características

semelhantes, seus significados podem diferir amplamente, tornando-as distintas em cada contexto cultural, período e sociedade.

No período da escravidão, por exemplo, a Capoeira surgiu em circunstâncias de autodefesa para enfrentar o inimigo (Areias, 1996). Já na atualidade a prática da Capoeira atrela-se mais aos aspectos educacional e de lazer (Garzedin, 2021), estando presente, no contexto de festas religiosas, como na cerimônia de lavagem das escadarias do Bonfim, uma festa realizada pela Igreja Católica, na cidade de Salvador (Pita, 2019).

Inclusive, na contemporaneidade, muitas lutas estão associadas a festas e práticas religiosas, como o *Kalaripayattu*, uma luta enraizada na religião hindu (Pati, 2010) e a *Kirkpinar Oil Wrestling*, um estilo de luta tradicional praticado há mais de mil anos e uma das lutas mais populares da Turquia, cuja importância para o país é refletida na realização do “*Kirkpinar Oil-Wrestling Tournaments*”, a competição mais antiga do mundo que envolve elementos religiosos, históricos e ritualísticos (Akgül; Yetim, 2018).

Outro exemplo está no Senegal, onde os grupos étnicos e as religiões desempenham um papel significativo na vida das pessoas, refletindo na Luta Senegalesa. Nessa modalidade, os lutadores dão importância às práticas mágico-religiosas e fazem uso de amuletos ou objetos rituais, por acreditarem fornecer proteção ou poder durante as lutas (Wane, 2012).

Por agregar aspectos técnicos e estar presente em diversas sociedades, com diferentes formas, finalidades e significados, torna-se imprescindível compreender uma determinada luta dentro do contexto social, histórico e cultural em que é praticada e a partir de quem a pratica. Seguindo essa interpretação, elaboramos a seguinte questão central de pesquisa: **quais significados são atribuídos à prática da Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari?**

Entendendo as festas populares como um espaço privilegiado de educação e as lutas como práticas corporais permeadas por um conjunto de saberes, fizemos ainda os seguintes questionamentos: quais saberes técnicos permeiam a Luta Marajoara no contexto da festividade cachoeirense de São Sebastião? E como ocorre o processo de ensino e aprendizagem de tais saberes?

A partir das questões acima e tendo por base as teorias sobre festa, educação e cultura elaboradas por Brandão (1989, 2007, 2010), Geertz (2008), Ingold (2010), Hall (2003), Duvignaud (1983), Tedesco e Rossetto (2010), definimos como objetivo geral da presente pesquisa: **analisar os significados atribuídos à prática da Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari**. Os objetivos específicos foram: delinear

os saberes técnicos que permeiam a Luta Marajoara no referido contexto festivo; e compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem de tais saberes.

Definidos os objetivos, faz-se necessário identificar o que já foi pesquisado sobre a temática, o que ainda pode e quais as atuais lacunas existentes. No meio acadêmico, é comum a sistematização, identificação, registro e categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica (artigos, teses, dissertações, livros ou monografias) de uma determinada área, período e temática específica. Esta prática é o que Morosini e Fernandes (2014) reconhecem como Estado do Conhecimento.

Outra forma de levantamento sistemático ou balanço sobre algum conhecimento, produzido durante determinado período e área, tem sido denominado Estado da Arte (Silva; Souza; Vasconcellos, 2020). Em concordância com as mencionadas autoras, os pesquisadores que procuram desenvolver um Estado do Conhecimento ou Estado da Arte têm em comum o objetivo de “olhar para trás”, rever os caminhos já percorridos e os possíveis de serem trilhados pela primeira ou mais uma vez.

Em pesquisas científicas brasileiras, as terminologias “Estado do Conhecimento” e “Estado da Arte” têm sido utilizadas como sinônimos, pois os pesquisadores não têm considerado a diferença metodológica entre ambas, que reside no fato desta última ser resultado de um vasto acervo de diferentes tipos de pesquisas, com ênfases, graus de aprofundamento e registros diversos (Silva; Souza; Vasconcellos, 2020), enquanto o Estado do Conhecimento é, de acordo com Romanowski e Ens (2006), mais restrito, ao abordar apenas um setor das publicações sobre uma determinada temática.

Nesta pesquisa, procuramos efetuar um Estado do Conhecimento tendo como setor o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No levantamento, como se verá, encontramos oito trabalhos com a temática festa de São Sebastião, todavia, não localizamos teses e dissertações que abordassem a temática Luta Marajoara, o que nos levou a buscar outro setor: o dos periódicos científicos brasileiros.

1.3 A literatura da festa

Na busca do estado atual do conhecimento sobre o objeto investigado, procuramos efetuar um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando os seguintes refinamentos: a) Recorte temporal de 2011 a 2022; b) Grande área do conhecimento: Ciências Humanas; c) Área do conhecimento: Educação, Educação Física, Antropologia, Sociologia, Teologia, História; d) Descritores: “Luta Marajoara” e “São Sebastião”. O uso de refinamentos fez-se necessário em razão do expressivo número de

trabalhos que surgiram ao pesquisar pelos descritores utilizados. Vale ressaltar a instabilidade constante da plataforma da CAPES, o que dificultou em demasia o desenvolvimento do levantamento e exigiu um tempo maior para finalizá-lo.

O levantamento exibiu 1.413 resultados para o descritor “Luta Marajoara” e 15.949 para “São Sebastião”. A partir da exploração dos resultados do primeiro descritor, foi desvelado um cenário desafiador para a presente pesquisa, pois não foram encontradas teses e dissertações. Em contrapartida, o levantamento nos permitiu encontrar nove trabalhos envolvendo a temática festa de São Sebastião.

Para seleção dos trabalhos, levamos em conta a leitura do título e do resumo, o que nos permitiu excluir trabalhos que relacionavam o descritor “São Sebastião” ao nome de municípios e instituições. Os trabalhos restantes foram seis dissertações e quatro teses, que podem ser visualizadas no quadro abaixo.

Quadro 1 - Festa de São Sebastião em teses e dissertações

AUTOR	TÍTULO	IES	ANO	NÍVEL	ÁREA
Reigler Siqueira Pedroza	A performance da Folia de São Sebastião: aspectos simbólicos de um ritual na comunidade quilombola Magalhães GO	UFG	2013	M	Antropologia
Hélcio Pacheco de Medeiros	Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião: bairro do Alecrim-Natal/RN	UFRN	2014	D	Ciências Sociais
Vinicius Miranda Cardoso	O padroeiro principal da terra: poderes locais e o culto político-religioso a São Sebastião no Rio de Janeiro, 1680-1763	UFRJ	2017	D	História
Fabiana de Oliveira	Cultura e memória: romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna-SP	PUC-SP	2018	D	História
Carly Anny Barros Figueiredo	São Sebastião do arraial e do terreiro: territorialidades urbanas e as festas de santo em Parintins (AM)	UFAM	2017	M	Antropologia
Lucas Pedro do Nascimento	“Ele desceu lá do céu, na bandeira assentou”: catolicismo popular e devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e Silvânia, Goiás	UEG	2019	M	Ciências Sociais
Maria de Jesus Ferreira Ferreira	Festas religiosas na Amazônia: cultura e identidade na tradição festiva de São Sebastião da Vila de Maiauatá (Igarapé-Miri/PA)	UFPA	2019	M	Antropologia
Rafael Allen Gonçalves Barboza	Os Terena de Buriti e a Festa de São Sebastião: da promessa à tradição. A Festa de São Sebastião como estratégia de resistência entre os Terena da Aldeia Buriti – Mato Grosso do Sul	UFGD	2019	M	Antropologia
Ytallo Kassio Franco de Souza	Oh! São Sebastião da Vila do Mocajutuba, proteja o boi Cuirão: Um estudo sobre a “invenção” das identidades no Distrito Industrial de Ananindeua/Pará	UFPA	2019	M	Antropologia
Maria Beatriz Gomes Bellens Porto	“Porque quer haver o seu pagamento”: usos políticos, econômicos e simbólicos das festas de São Sebastião e seus oitavários no	UFRJ	2020	D	História

	Rio de Janeiro (1790-1828)				
--	----------------------------	--	--	--	--

No quadro 1, as dissertações podem ser identificadas pela letra “M” (mestrado) e as teses pela letra “D” (doutorado). Os trabalhos foram publicados em diferentes instituições de ensino superior: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A seguir, apresentamos o objetivo e algumas conclusões das teses e dissertações mapeadas.

Sob o título **“A performance da Folia de São Sebastião: aspectos simbólicos de um ritual na comunidade quilombola Magalhães GO”**, a dissertação de Pedroza (2013) analisou os aspectos simbólicos de uma festa de São Sebastião que ocorre em uma comunidade quilombola do estado de Goiás. Entre suas conclusões, está a de que a festa para o santo é uma performance complexa no interior da tradição cultural da referida comunidade, sendo oriunda do catolicismo camponês e representante das relações de poder, parentesco e afinidade desse grupo.

Medeiros (2014) em sua tese intitulada **“Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião: bairro do Alecrim-Natal/RN”**, investigou os processos comunicacionais, suas linguagens e seus fluxos na festa de São Sebastião que ocorre em um bairro da capital do Rio Grande do Norte. Nos seus resultados, o autor apresenta os elementos que constituem a linguagem simbólica presente nos gestos, performances e movimentos corporais, nas cores das vestimentas, bem como o que foi dito de forma oral ou escrita pelos devotos do santo.

Publicada em 2017, a dissertação **“São Sebastião do arraial e do terreiro: territorialidades urbanas e as festas de santo em Parintins (AM)”**, com autoria de Figueiredo (2017), buscou compreender a relação simbólica vivenciada por católicos e umbandistas nas festas em homenagem a São Sebastião e a relação construída pelos interlocutores sobre o território conquistado por via da ocupação de terras dos bairros, as quais fazem parte de uma paróquia católica, na cidade de Parintins, estado do Amazonas. Entre as conclusões do estudo, está a de que as festas se tornaram lugar de memória, de construção de identidade coletiva e atualização de um passado que pertence à cidade, capaz de atribuir sentimento identitário territorial, social e religioso.

Em sua dissertação intitulada **“Cultura e memória: romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna-SP”**, Oliveira (2018) estudou a Romaria de São Sebastião que acontece na

cidade de Ibiúna, estado de São Paulo, a partir das múltiplas experiências vivenciadas pelos sujeitos que dela participam. A romaria integra uma festa de São Sebastião que ocorre na cidade. Entre as conclusões do estudo, está a de que a romaria não é rememorada somente como uma prática religiosa realizada anualmente para pagar votos feitos ao santo, mas sim parte constituinte da vida dos participantes da pesquisa.

Nascimento (2019), em sua dissertação **“Ele desceu lá do céu, na bandeira assentou’: o catolicismo popular e a devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e Silvânia, Goiás”**, objetivou entender a estrutura, composição e dimensão de manifestações religiosas católicas dedicadas a São Sebastião em dois municípios goianos. Entre suas conclusões, observou-se que a devoção a São Sebastião é assegurada e mantida por conta de laços afetivos, memória e tradição familiar e surge em razão do temor dos goianos a guerras e pestilências.

A dissertação de Ferreira (2019), nomeada **“Festas religiosas na Amazônia: cultura e identidade na tradição festiva de São Sebastião da Vila de Maiauata (Igarapé-Miri/PA)”**, investigou a cultura e as representações religiosas circunscritas em torno da tradição festiva de São Sebastião em um bairro do município Igarapé-Miri, estado do Pará, bem como de uma possível identidade de resistência religiosa. Em conclusão, pontuou-se que a festa de São Sebastião, como rito vivido e prática política cotidiana, constitui-se no esteio da identidade social e religiosa daquela população, porque se de um lado estremece o campo religioso, paralelamente dialoga com ele, em um processo de ressemantização entre forças sociais e interesses distintos.

Na dissertação **“Os Terena de Buriti e a Festa de São Sebastião: da promessa à tradição. A Festa de São Sebastião como estratégia de resistência entre os Terena da Aldeia Buriti – Mato Grosso do Sul”**, cujo objetivo não foi identificado, Barboza (2019) conclui que a festa para São Sebastião pode ser considerada como uma das estratégias de resistência desse grupo contra o avanço do agronegócio no seu território. Além disso, a autora percebeu que mesmo com a devoção ao santo católico, os Terena que vivem na Terra Indígena Buriti continuam praticando suas religiosidades tradicionais.

Souza (2019), em sua dissertação **“Oh! São Sebastião da Vila do Mocajutuba, proteja o boi Cuirão: Um estudo sobre a “invenção” das identidades no Distrito Industrial de Ananindeua/Pará”**, teve como objetivo investigar o “Boi Cuirão, o encantado de Mocajutuba”, enquanto manifestação cultural responsável pela criação de espaços de significação que contribuem para o fortalecimento das identidades de um bairro do município de Ananindeua. Entre as conclusões do estudo, enfatiza-se que as relações entre participantes

e espectadores, músicas, danças e cantos buscam produzir os signos capazes de atrair a comunidade em prol de uma causa, a promoção das “identidades” do bairro.

A tese de Cardoso (2017) intitulada **“O padroeiro principal da terra: poderes locais e o culto político-religioso a São Sebastião no Rio de Janeiro, 1680-1763”**, e a tese de Porto (2020) **“‘Porque quer haver o seu pagamento’: usos políticos, econômicos e simbólicos das festas de São Sebastião e seus oitavários no Rio de Janeiro (1790-1828)”**, não possuem divulgação autorizada no catálogo da CAPES, logo seus objetivos e conclusões não serão apresentados.

O levantamento permitiu evidenciar que a produção do conhecimento sobre a temática festa de São Sebastião teve, no recorte considerado, um saldo quantitativo maior no ano de 2019 e na área da antropologia. Entre as pesquisas mapeadas, nenhuma abordou a festividade de São Sebastião realizada no município de Cachoeira do Arari, tampouco citou a prática da Luta Marajoara. Uma lacuna que permite reconhecê-las enquanto temáticas ainda pouco exploradas na literatura acadêmica.

No calendário litúrgico católico, 20 de janeiro é dia de celebrar São Sebastião. Durante essa data, muitas igrejas do mundo, especialmente no Brasil, realizam missas, procissões e outras atividades religiosas em honra ao santo. Essa data específica foi recorrente nos trabalhos mapeados, e em sua maioria representa a data de início das festas.

Os trabalhos encontrados ainda evidenciam que tais festejos compartilham várias outras semelhanças, como liturgia religiosa, elementos decorativos, atividades culturais e comidas típicas, cada uma com suas especificidades locais. Uma análise mais minuciosa nos permite identificar o uso recorrente do termo “folião”, sempre associado a todos aqueles que participam da festa, bem como, nomes exclusivos para aqueles que tocam instrumentos musicais e carregam bandeiras.

No que se refere aos trabalhos sem divulgação autorizada, ambos trazem uma perspectiva histórica de discussão e nos apresentam em seu título um demarcador histórico que conduz a ideia de que as festas em homenagem a São Sebastião datam de um período distante. Em seu título, Cardoso (2017) cita o culto político-religioso a São Sebastião no Rio de Janeiro, no período de 1680 a 1763, enquanto Porto (2020) nomeia seu trabalho citando as festas de São Sebastião no Rio de Janeiro, no recorte de 1790 a 1828. A falta de acesso ao conteúdo completo dos trabalhos não nos permitiu fazer uma análise mais profunda, somente sugerir que as festas brasileiras de São Sebastião remontam ao período do Brasil Colônia.

De modo geral, os estudos mapeados apresentam um caráter minuciosamente descritivo da festa que se propõe a investigar. Raras vezes os autores se preocuparam com o

registro do contexto histórico, social e econômico em que elas ocorrem. Preocupados em apresentar os detalhes da festa, o diálogo com a literatura já produzida parece também ter escapado na maioria dos trabalhos encontrados, o que dá a esses escritos um caráter fundamentalmente documental.

1.4 A literatura da luta

Por não encontrarmos teses e dissertações abordando a temática Luta Marajoara, decidimos realizar outro levantamento. Dessa vez, direcionamo-nos à produção dos periódicos científicos brasileiros. No entanto, neste segundo levantamento não nos preocupamos em mapear os artigos que abordassem o tema festa de São Sebastião, assim como ampliamos o recorte temporal anteriormente aplicado.

É consenso entre os pesquisadores e os lutadores mais experientes que a primeira pesquisa publicada estritamente sobre a Luta Marajoara foi a monografia de Fernando Pereira de Jesus e José Wildemar Paiva de Assis (1997), intitulada “Agarrada Marajoara”. A pesquisa foi um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Pará (UEPA). O recorte temporal do segundo levantamento foi definido a partir do ano de publicação desse trabalho pioneiro, e segue até o ano de 2022.

Após a monografia supracitada, outras pesquisas sobre a Luta Marajoara foram publicadas, como a dissertação “A agarrada marajoara como manifestação de identidade cultural da Ilha de Marajó/Pará”¹³, com autoria de José Wildemar Paiva de Assis¹⁴ (2010), cujo objetivo foi compreender a Agarrada Marajoara como uma manifestação cultural e esportiva do Marajó. Contudo, no intervalo que separa esses dois trabalhos pioneiros, não se tem notícias de outra dissertação ou tese publicada sobre a Luta Marajoara, o que associado ao resultado do primeiro levantamento, evidencia como a Luta Marajoara ainda é carente de pesquisas científicas.

Para efeito do segundo levantamento, consideramos as seguintes plataformas: Portal de Periódicos da CAPES e *Google Scholar*. Em ambos, o recorte temporal de 1997 a 2022 foi considerado, assim como a palavra-chave “Luta Marajoara”. Como critério para a seleção dos artigos, foram considerados somente aqueles publicados em periódicos brasileiros classificados pelo Qualis CAPES (triênio 2010-2012, quadriênio 2013-2016 ou quadriênio

¹³ Dissertação não disponível no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

¹⁴ Autor do primeiro trabalho acadêmico e da primeira dissertação de Luta Marajoara, José Wildemar Paiva de Assis também publicou em periódico internacional, no ano de 2011, o artigo pioneiro “A Agarrada Marajoara como manifestação de identidade cultural da ilha do Marajó, em coautoria com Ricardo Figueiredo Pinto e Cesar Augusto Sousa Santos.

2017-2020), de acesso público e *online*. Além disso, intentamos mapear apenas “artigos originais”, excluindo publicações como resenhas, resumos, pontos de vista e carta ao editor.

No levantamento, 11 publicações foram encontradas no Portal de Periódico da CAPES e 20 no *Google Scholar*. Por não atenderem aos critérios de seleção, 11 publicações foram excluídas. Por duplicidade, foram removidos mais 11. O total de nove artigos restantes formaram a fonte para composição de um banco de dados composto pelos seguintes itens: título do artigo, sobrenome dos autores, periódico e ano de publicação. Tais dados podem ser visualizados no quadro 2.

Quadro 2 - Luta Marajoara em artigos

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO	ANO
Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó	Santos & Freitas	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Modelagem do comportamento técnico da Luta Marajoara: do desempenho ao educacional	Campos; Pinheiro & Gouveia	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	2019
Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará	Santos; Gomes & Freitas	Motrivivência	2020
Luta marajoara: uma perspectiva a partir do discurso de atletas	Seabra; Campos & Antunes	Revista Valore	2020
“Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio”: Luta Marajoara e reconhecimento em academias de ginástica	Santos; Andrade & Freitas	Revista Kinesis	2021
Fórum de luta marajoara: a carta de Belém	Antunes et al.	Conexões	2021
Luta Marajoara: diálogos com o esporte, saúde e educação	Campos & Antunes	Cenas Educacionais	2021
Reflexões sobre o desenvolvimento da Luta Marajoara nas aulas de Educação Física: uma revisão integrativa	Lima et al.	Research, Society and Development	2022
A luta marajoara e os processos de esportivização e de curricularização: uma revisão sistemática da literatura	Lima & Millen Neto	Cocar	2022

No segundo levantamento, foi possível encontrar uma conjuntura antagônica àquela apresentada no primeiro. Observamos que a publicação de artigos sobre Luta Marajoara, além de ser maior em saldo quantitativo quando comparado a de teses e dissertações, parece estar ganhando forças nos últimos anos, visto o aumento no quantitativo de publicações. Um

cenário animador que pode contribuir para o (re)conhecimento e difusão da Luta Marajoara para além das fronteiras do Marajó. A seguir, apresentamos o objetivo principal e as conclusões dos artigos mapeados.

O artigo de Santos e Freitas (2018), intitulado **“Luta marajoara e memória: práticas ‘esquecidas’ na educação física escolar em Soure-Marajó”**, teve como objetivo discutir memória e esquecimento relacionados aos conhecimentos da Luta Marajoara no contexto pedagógico da Educação Física, em escolas do município de Soure. Os autores concluíram que é importante valorizar culturalmente e difundir a Luta Marajoara como conhecimento local e global para florescer seu valor heurístico no trato pedagógico nas aulas de Educação Física escolar.

No artigo **“Modelagem do comportamento técnico da Luta Marajoara: do desempenho ao educacional”**, com autoria de Campos, Pinheiro e Gouveia (2019), o objetivo foi descrever como a Luta Marajoara tem sido praticada, a partir da identificação das suas principais técnicas, aspectos esportivos e educativos, com intuito de fazer aplicações no âmbito esportivo e no campo educacional. O estudo, em termos gerais, sistematizou conhecimentos relativos à prática da Luta Marajoara, e apresentou uma proposta de intervenção para o seu ensino no âmbito escolar.

Santos, Gomes e Freitas (2020) no artigo **“Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará”**, tiveram como objetivo entender o lugar da Luta Marajoara no currículo de licenciatura em Educação Física de uma instituição de ensino superior pública da região Norte do Brasil. Os autores concluíram que a Luta Marajoara ainda não conseguiu se legitimar no currículo da formação inicial em Educação Física, resultado da marginalização do seu conhecimento.

Ainda em 2020, foi publicado o artigo **“Luta marajoara: uma perspectiva a partir da percepção do atleta”**, com autoria de Seabra, Campos e Antunes (2020), cujo objetivo foi verificar, a partir da perspectiva do praticante da Luta Marajoara, os principais elementos que a permeiam. A institucionalização está entre os maiores desafios para a Luta Marajoara, concluem os autores.

O artigo **“‘Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio’: Luta Marajoara e reconhecimento em academias de ginástica”**, de Santos, Andrade e Freitas (2021), teve o objetivo de compreender como a lógica de funcionamento de academias de ginástica de Belém-PA influencia no reconhecimento da prática da Luta Marajoara. Os autores concluem que o mercado esportivo desempenha um

papel crucial no despertar do interesse pelas modalidades de luta, resultando, por conseguinte, no atual esquecimento da Luta Marajoara nesse âmbito.

No estudo intitulado **“Fórum de luta marajoara: a carta de Belém”**, com autoria de Antunes *et al.* (2021), o objetivo foi descrever as principais discussões e encaminhamentos do I Fórum Paraense de Luta Marajoara. Os autores concluíram que, durante o evento, foram priorizadas ações relacionadas à organização esportiva da luta, o que acenou para o processo de esportivização da Luta Marajoara.

Ainda no ano de 2021, foi publicado o artigo **“Luta Marajoara: diálogos com o esporte, saúde e educação”**, com autoria de Campos e Antunes (2021), cujo objetivo foi abordar a Luta Marajoara a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando seus aspectos esportivos, educacionais e interlocução com a dimensão de saúde. Como conclusão, apontou-se para uma articulação da Luta Marajoara com a dimensão da saúde que poderia associá-la à prevenção da saúde, mediante práticas supervisionadas que visem, sobretudo, a formação integral do aluno.

O artigo **“Reflexões sobre o desenvolvimento da Luta Marajoara nas aulas de Educação Física: uma revisão integrativa”**, com autoria de Lima *et al.* (2022), teve por objetivo discutir sobre o desenvolvimento da Luta Marajoara nas aulas de Educação Física. Os autores concluem que a referida luta ainda é pouco evidente nesse componente curricular.

Lima e Millen Neto (2022), no artigo **“A luta marajoara e os processos de esportivização e de curricularização: uma revisão sistemática da literatura”**, tiveram o objetivo de analisar a produção científica brasileira sobre a Luta Marajoara. Entre as conclusões dos autores, está a de que a produção do conhecimento sobre o tema é incipiente.

O artigo de Lima e Millen Neto (2022) assemelha-se ao presente levantamento por ter objetivado olhar para a produção do conhecimento da Luta Marajoara. Assim, cabem algumas diferenciações. São elas: os critérios para inclusão e exclusão das publicações; o recorte do estudo; o método adotado; e o quantitativo de trabalhos analisados. Entre as semelhanças estão: os artigos encontrados e as bases de dados utilizadas.

A primeira análise que buscamos realizar na leitura dos artigos mapeados, diz respeito à abordagem da temática Luta Marajoara na festividade de São Sebastião de Cachoeira do Arari. Constatamos que nenhum artigo a abordou de modo central, isto é, como temática central da pesquisa, alguns apenas mencionam a festividade e o município como lugar de prática da Luta Marajoara, o que provavelmente é resultado de uma produção que ainda está nos seus estágios iniciais. Tal constatação acentua a relevância da presente dissertação.

A partir do presente levantamento, inferimos que o primeiro artigo publicado em periódico brasileiro tendo a Luta Marajoara como temática central, foi o de Santos e Freitas (2018), o que indica o recente interesse pelo tema e o potencial para pesquisas futuras.

Em que pese as discussões em torno da Luta Marajoara, são prevalentes, nos artigos mapeados, reflexões teóricas relacionadas à sua “esportivização” e “escolarização”. O debate sobre a esportivização das lutas, de modo geral, tem sido recorrente em artigos científicos e indica uma tentativa de compreender e interpretar a transformação destas em esporte (Mariante Neto; Vasques; Cardoso, 2021).

Em se tratando da “escolarização”, há um movimento que intenta pela inserção da Luta Marajoara nos currículos da educação superior e da escola básica, sendo este último um movimento notadamente impulsionado pela publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preconiza a Luta Marajoara como objeto de trabalho pedagógico do componente curricular Educação Física.

Em termos gerais, os artigos encontrados podem ser reconhecidos como pesquisas que inauguram o debate acadêmico-científico em torno da Luta Marajoara e fazem parte de um acervo ainda incipiente quando comparado ao de outras lutas, como a Capoeira.

Nesse cenário, muitas possibilidades se apresentam para novas pesquisas, principalmente pesquisas antropológicas em torno dos seus contextos tradicionais de prática – fazendas, praias, festas populares e comunidades quilombolas –, mas também pesquisas históricas, relacionadas aos seus lutadores ancestrais, a tradição oral e aos seus marcos de desenvolvimento, assim como relacionadas a sua institucionalização¹⁵, aos aspectos morfofuncionais dos lutadores, entre outras temáticas imbricadas ao treinamento, visto a sua transformação em esporte.

Como visto, o Estado do Conhecimento é uma prática cada vez mais necessária no desenvolvimento de pesquisas, pois ao olhar para o que já foi produzido, auxilia na identificação de questões, conceitos, lacunas e informações importantes presentes nas publicações sobre uma determinada temática, permitindo que os pesquisadores situem sua investigação em relação aos trabalhos anteriores.

¹⁵ Nos últimos anos, o número de instituições esportivas específicas de Luta Marajoara, principalmente de ligas, aumentou de forma exponencial: Federação Paraense de Luta Marajoara, Liga Brasil de Luta Marajoara, Liga Paraense de Luta Marajoara, Liga Amapaense de Luta Marajoara, Liga Chaveense de Luta Marajoara, Associação Pontapedrense de Luta Marajoara.

Organização da dissertação

Esta dissertação foi organizada em cinco seções. A primeira seção – *Luta Marajoara é convite e nós aceitamos* – apresenta a justificativa, a delimitação do tema, as questões central e norteadora, os objetivos geral e específico, bem como o mapeamento da literatura científica publicada acerca das temáticas festa de São Sebastião e Luta Marajoara.

Na segunda seção – *Investigar a Luta Marajoara exige atravessar o rio* – apresentamos os caminhos metodológicos seguidos para responder às perguntas da pesquisa e alcançar os objetivos propostos, a começar pela definição do método, seguida da descrição e explicitação dos instrumentos adotados, das especificações técnicas para análise e tratamentos dos dados, das travessias até o lócus, dos intérpretes da pesquisa, chegando, enfim, aos procedimentos éticos seguidos.

Na terceira seção – *Entre fé, folia e devoção ao Glorioso São Sebastião* – dissertamos, inicialmente, acerca da festa de corte dos mastros de São Sebastião. Na sequência, articulados com o referencial teórico sobre festa e cultura, descrevemos como a Luta Marajoara ocorre na festividade do Glorioso São Sebastião, evidenciando o principal significado atribuído a sua prática nesse contexto festivo.

Na quarta seção – *Uma herança dos vaqueiros* – escrevemos sobre a estreita relação entre a Luta Marajoara e os vaqueiros do Marajó, constatando como ocorre o ensino e aprendizagem dos saberes desta luta no âmbito das fazendas e da festividade de São Sebastião. Em seguida, delineamos os saberes técnicos da Luta Marajoara (relacionados às regras e golpes) a partir das narrativas dos lutadores intérpretes desta pesquisa.

Na quinta e última seção – *Ao pôr do sol, as últimas costas de areia* –, escrevemos as considerações finais.

SEÇÃO II

INVESTIGAR A LUTA MARAJOARA EXIGE ATRAVESSAR O RIO

Entre pensamentos funestos, ave-marias, pais-nossos, pedidos de socorro a Nossa Senhora da Conceição e tentativas vãs de acomodar-me melhor, transcorreu-se uma longa hora na baía do Marajó, por onde ninguém passa impune. (Fares, 2007, p. 70)

O maior desafio para quem pesquisa o Marajó é atravessar as águas turvas que o separam do restante do mundo, isso por causa da rebeldia dos rios durante o inverno amazônico, que propiciam traumáticas e apavorantes travessias, como a relatada por Fares (2007). Ainda assim, a Ilha de Marajó e o seu valioso tesouro cultural e paisagístico continua atraindo, desde muito tempo, a atenção de antropólogos, historiadores, geólogos, romancistas, cinegrafistas e professores, que a buscam para desenvolver pesquisas, produção audiovisual e literaturas de ficção.

A Luta Marajoara é um bom exemplo do tesouro cultural desse lugar onde o imponente rio Amazonas encontra o mar. Investigá-la é o que propomos nesta dissertação. Para desenvolvê-la, adotamos uma abordagem qualitativa que, por sua vez, permite compreender profunda e detalhadamente os fenômenos sociais e as experiências das pessoas, tendo em vista que trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes (Minayo, 2016) e dos saberes, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais.

Segundo Gatti e André (2011), nessa abordagem, as pessoas investigadas não são tratadas como um simples dado de pesquisa, mas sim como indivíduos que integram e emitem opiniões, não-neutras, sobre os contextos e as situações que vivenciam.

Em uma perspectiva histórica de surgimento e desenvolvimento, Flick (2009b) afirma que a expressão “pesquisa qualitativa” foi utilizada, durante muito tempo, para descrever uma alternativa à pesquisa “quantitativa” e foi criada no contexto de uma crítica à segunda. Contudo, o referido autor ressalta que a pesquisa qualitativa tem uma longa história em muitas disciplinas, lugar em que a pesquisa social como um todo começou, a partir de abordagens que atualmente seriam denominadas sob o título de pesquisa qualitativa.

A diversidade de periódicos e eventos acadêmico-científicos dedicados à publicação de pesquisas qualitativas, revela que sua trajetória tem sido bem-sucedida nas últimas décadas, contribuindo para responder a inúmeros problemas e questões de pesquisa.

Em uma abordagem qualitativa, além de definir objetivos, pensar em possíveis participantes e preparar os instrumentos para a reunião dos dados, outra etapa essencial é a

escolha do método. Nessa etapa, faz-se necessário que o pesquisador selecione-o considerando suas possibilidades e suas restrições e, dependendo da sua questão de pesquisa, não tente se encaixar em um ou outro, tendo em vista a necessidade de desenvolvimento de novos métodos (Flick, 2009b). Além disso, ao optar por métodos qualitativos é importante considerar que os problemas decorrentes da sua utilização não são poucos, o que não se relaciona ao método em si, mas a precária formação que tivemos e temos, para uso criterioso de tais (Gatti; André, 2011).

Nesse cenário, destacamos que o mais importante em uma pesquisa de abordagem qualitativa não é definir o método, mas sim concluir o que Minayo (2016) denomina como “Ciclo de Pesquisa”, um ciclo que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou um produto que, conseqüentemente, dá origem a novas interrogações.

Nesta dissertação, utilizaremos como método a Etnometodologia, porém, ao adotá-la não pretendemos seguir todos os seus direcionamentos e imposições, mas sim alguns dos seus principais elementos, isso para que conseguíssemos desenvolver uma pesquisa sem uma “camisa de força”, ao mesmo tempo sabendo que se tem a confiança de um procedimento metodológico.

De acordo com Chizzotti (2000), a Etnometodologia investiga as atividades práticas e triviais dos atores sociais para compreender os sentidos que atribuem aos fatos e acontecimentos do seu cotidiano. Inspirada na perspectiva fenomenológica (Gil, 2008), a Etnometodologia surgiu em meados da década de 1950, nos Estados Unidos, com o sociólogo Harold Garfinkel, que criou o termo quando trabalhava com ficheiros referentes a estudos transculturais que continham palavras como etnobotânica, etnofísica, etnomúsica e etnoastronomia (Bogdan; Biklen, 1994). Harold Garfinkel apresentou a Etnometodologia à literatura científica nos anos 1960, com a publicação da obra “*Studies in Ethnomethodology*”, que logo se tornou um clássico ao trazer uma ruptura radical com modos de pensamento da sociologia tradicional.

Na Etnometodologia, considerar o contexto social é fundamental. Garfinkel (2018) argumenta que as pessoas são capazes de interpretar e dar sentido às suas ações por meio da utilização de um conjunto de práticas e conhecimentos que são compartilhados dentro de um contexto social específico. Desse modo, o contexto pode ter influências significativas na maneira como as pessoas interpretam e respondem às situações em que se encontram. Ao considerar o contexto, a Etnometodologia propicia a compreensão mais completa e precisa das práticas sociais. Nesses termos, ao adotá-la como método, não podemos investigar a Luta

Marajoara como um fenômeno isolado, mas como uma luta praticada dentro de um contexto específico, um contexto de festa.

Além disso, as estratégias de investigação da Etnometodologia têm em comum a descrição minuciosa dos objetos que se investiga. Assim, os desenhos operacionais de cunho etnometodológico preconizam, conforme pontuado por Minayo (2014, p. 149), a observação direta e a investigação detalhada dos fatos, “no lugar em que eles ocorrem, com a finalidade de produzir uma descrição minuciosa e densa das pessoas, de suas relações e de sua cultura”. Portanto, ao procurarmos investigar a Luta Marajoara no contexto de uma festa de santo, tendo por base a Etnometodologia, buscamos estar presente na festa e observá-la atentamente, para descrevê-la, sejam detalhes relacionados ao comportamento dos lutadores, gestos, vestimentas, linguagem, tradições ou a qualquer outro elemento que a alimenta.

Para desenvolver suas pesquisas, os etnometodólogos fazem uso de instrumentos emprestados tanto da etnografia, quanto de outras sociologias, a exemplo da observação direta, observação participante, diálogos e gravações em vídeo (Coulon, 1995). Na presente investigação, também pretendemos nos servir de alguns desses instrumentos.

2.1 Mochila, passagem e diário de campo

As viagens para Cachoeira do Arari nos requisitam a elaboração de um planejamento logístico detalhado. É preciso definir com antecedência um local para repousar a cabeça à noite, estar preparado para os custos com deslocamentos e não podemos esquecer de nossas barrigas famintas. Quando queremos viajar em uma data específica, é importante comprar as passagens com antecedência, principalmente quando coincide com o calendário de festa do município. Na mala ou mochila, devemos incluir tudo o que consideramos necessário para desenvolver uma boa pesquisa. Na presente investigação, inserimos em mochilas uma pluralidade de instrumentos para a reunião dos dados: 1) **observação participante**; 2) **caderno e diário de campo**; 3) **entrevista semiestruturada**; 5) **registro fotográfico**.

Optamos pela **observação participante**, pois esta permite reunir uma ampla gama de dados das dinâmicas do lócus investigado, que surgem do envolvimento do pesquisador na comunidade ou grupo que investiga. Conseguimos, assim, não somente registrar que foi observado na comunidade de lutadores cachoeirenses e na festividade, mas muitas vezes tocar, sentir e viver o lócus. Para Marconi e Lakatos (2003), na observação participante o envolvimento do pesquisador em campo deve ser suficiente para ser confundido com um membro do grupo. Dessa forma, o pesquisador deve se envolver até mesmo nas atividades mais triviais dos sujeitos investigados.

De fato, foi somente assim, após grande imersão no contexto investigado, que conseguimos ter acesso a determinados dados, ou seja, após vivenciarmos o dia a dia dos intérpretes da pesquisa: perambulando pelas ruas da cidade, comendo e bebendo o mesmo que eles, observando a preparação dos pratos típicos das festas de São Sebastião, visitando os padrinhos dos mastros, indo à missa, conhecendo o Museu do Marajó, “tomando uma” no bar do mercado, mesmo não gostando de cerveja.

Essa imersão nos exigiu tempo: 26 dias em campo. A primeira travessia para Cachoeira do Arari ocorreu em agosto de 2022, a intenção era conhecer o lugar e as pessoas envolvidas na organização da Festividade do Glorioso São Sebastião. Na segunda viagem, contemplamos a festa de corte dos mastros, realizada no dia 15 de novembro de 2022. A terceira, e mais longa (06 a 21 de janeiro de 2023), foi para observar e vivenciar os 10 dias da festa. A quarta aconteceu somente no ano seguinte, do dia 9 ao dia 11 janeiro de 2024, para observar e participar do primeiro dia da festividade. A quinta marcou a saída do campo e ocorreu no período de 19 a 22 de janeiro de 2024.

Em conformidade com Gil (2008), há duas formas de observação participante, a primeira é a natural, quando o observador pertence à mesma comunidade que desenvolve sua pesquisa, o que para alguns teóricos pode comprometer os resultados da pesquisa, mas para Marques (2016) pode contribuir para um melhor entendimento do ambiente da pesquisa e dos seus sujeitos. A segunda forma seria a observação artificial, quando o observador passa a fazer parte do grupo com o intuito de reunir informações.

Por não sermos filhos do Marajó, tampouco de Cachoeira do Arari, recorremos à observação artificial. Desse modo, alguns desafios emergiram, como a necessidade de ter uma pessoa para nos guiar e orientar pela comunidade, devido a tentativa de entrevistar lutadores, mas sem sucesso, e o alto investimento financeiro para custear a estadia em campo. No entanto, não fomos surpreendidos, pois já aguardávamos enfrentá-los, uma vez que tínhamos em mente os “sete passos” recomendados por Marques (2016): 1) considerar que a observação participante demanda um processo relativamente longo; 2) buscar o auxílio de um intermediário; 3) mostrar-se diferente do grupo pesquisado; 4) ter consciência de que também estamos sendo observados; 5) saber quando perguntar, quando ouvir e quando calar; 6) organizar um diário de campo; e 7) planejar a saída do campo.

Notadamente, além desses “sete passos”, outros podem ser dados pelo pesquisador, conforme a sua pesquisa. Para tanto, é preciso estar atento à necessidade de (re)construção de sua metodologia, buscando adequá-la e articulá-la na prática da investigação em campo para melhor compreensão da realidade observada, conforme nos orienta Marques (2016). Assim, a

observação participante torna-se um importante instrumento de reunião de dados, com inúmeros desafios ao ser aplicado como qualquer outro, mas que podem ser superados a partir das orientações e lições apresentadas na literatura acadêmica por pesquisadores experientes que a utilizam.

No que diz respeito ao uso do **caderno e diário de campo**, utilizamos ambos instrumentos do primeiro ao último dia de ida a campo para registrar o que fosse possível a respeito dos intérpretes da pesquisa, da prática da Luta Marajoara, do contexto da festividade de São Sebastião e dos demais aspectos e dinâmicas que envolvem o objeto de estudo.

Nas pesquisas etnográficas, um dos instrumentos mais recorrentes e importantes é o diário de campo. Seu uso costuma suceder a utilização do registro em caderno de campo, instrumento que permite o registro da informação *on the spot* (Leal, 2016), que pode ser, atualmente, desde um caderno A8 até um *smartphone*. O caderno de campo é um instrumento no qual podemos registrar tudo aquilo que observamos, ouvimos e sentimos durante as idas ao lócus da pesquisa. Sua utilização não se limita, contudo, às pesquisas do tipo etnográfica, mas também tem sido relevante no desenvolvimento de diferentes investigações, a exemplo dos estudos bibliográficos em acervos, quando faz-se necessário o registro de informações, como a localização da obra estudada.

Como caderno de campo, adotamos tanto o bloco de notas de *smartphones* quanto uma agenda. O uso do *smartphone* pareceu vantajoso por ser compacto, o que permite guardá-lo com facilidade, além de ser prático para fazer os registros de campo, sem necessidade de papel e caneta, e ainda com a utilidade de fazer gravação de áudio e registro fotográfico. As informações reunidas e registradas nos *smartphones* e na agenda foram passadas para o diário de campo. O diário de campo pode ser compreendido, de acordo com Leal (2016), como o lugar em que é passado a limpo a informação constante dos cadernos de campo, bem como o lugar no qual a informação fragmentária passa a ter algum tipo de sistematização e o lugar onde a informação incompleta é completada, ou seja, o diário de campo possibilita registrar e trazer à tona informações que poderiam se perder ou ficar armazenadas somente nas nossas memórias. O diário de campo, nos dias de hoje, costuma se materializar, principalmente, em documentos do *Microsoft Office Word*, salvos no computador e, posteriormente, armazenados em nuvem, como forma de evitar a perda das informações registradas.

Nesta pesquisa, o diário de campo foi um documento do *Google Docs*, uma ferramenta que permite editar e salvar texto de forma simultânea no *Google Drive*. Por meio do *Google Docs*, foi possível acessar o diário de campo em qualquer local com acesso à internet. Essa tecnologia permitiu salvar os dados reunidos de forma segura e eficiente. As informações

foram passadas do caderno para o diário nos primeiros dias após a ida a campo, como forma de evitar a perda ou o esquecimento dos dados.

O diário de campo é, assim, um instrumento valioso de pesquisa, pois além de registrar reflexões, comentários, sonhos, desejos, poemas, palavras ouvidas e reações (Barbier, 2007), e outras sensações, sentimentos e informações em campo, até mesmo aquelas que não serão publicadas, transforma-se em um arquivo que em qualquer momento pode ser consultado e apreciado, principalmente quando aliado às ferramentas tecnológicas contemporâneas.

Nas bases metodológicas das pesquisas qualitativas, outro instrumento para reunião de dados muito relevante e utilizado é a entrevista. Os diversos tipos existentes propiciam seguir caminhos diferentes para alcançar um objetivo. Dependendo do tipo, o pesquisador deve estar atento às possibilidades e limites na sua aplicação.

Para a presente pesquisa, adotamos a **entrevista semiestruturada**, uma técnica de reunião de dados que se aplica a partir de um roteiro pré-estabelecido e, durante a sua aplicação, o entrevistador tem a possibilidade de formular outras perguntas, conforme as respostas do entrevistado e o contexto (Marcondes; Teixeira; Oliveira, 2010), ou seja, há flexibilidade na condução da entrevista, o que permite que o entrevistado exponha suas ideias de forma mais livre do que em uma entrevista estruturada.

Contudo, o entrevistador precisa estar atento ao discurso do entrevistado para não ocorrer longos desvios para um assunto não relevante para a pesquisa. Na utilização da entrevista semiestruturada, uma desvantagem que surgiu nesta pesquisa foi a dificuldade em comparar as respostas de diferentes entrevistas, uma vez que as perguntas variaram.

Ao aplicarmos a entrevista semiestruturada, buscamos seguir algumas orientações de Flick (2009a) que, tendo por base suas experiências, sugere que durante a entrevista não se deve tentar descobrir conceitos teóricos, mas sim a esfera de vida das pessoas, pois dependendo do entrevistado determinados conceitos são quase impossíveis de serem explorados. Esse pesquisador ainda sugere que o entrevistador precisa estar ciente de que as questões de pesquisa não são a mesma coisa que as perguntas da entrevista, e ao serem aplicadas, o entrevistador deve oferecer o máximo de espaço possível aos entrevistados para se sentirem à vontade e descobrirem suas opiniões, além de evitar a utilização de termos técnicos para se comunicar com o entrevistado.

Em se tratando da utilização de **registro fotográfico**, esta é uma técnica relevante à medida que permite documentar aspectos visuais das situações ou fenômenos estudados e possibilita, segundo Justo e Vasconcelos (2009), capturar detalhes visuais e contextuais que

podem ser difíceis de serem descritos apenas com palavras. Outra vantagem no uso da fotografia em pesquisa é o fato desse instrumento se apresentar como fonte, objeto, instrumento ou resultado (Santos, 2000).

Nesta dissertação, realizamos registro fotográfico da festividade de São Sebastião, da festa de corte dos mastros, dos altares e de outras formas de homenagem ao santo pelo município, da prática da Luta Marajoara durante a festa e em outros lugares de Cachoeira do Arari. Assim, formou-se uma pasta, salva na nuvem *Google Drive*, composta por aproximadamente 300 fotografias.

2.2 Um rio de dados

Os dados reunidos foram organizados, analisados e interpretados seguindo as orientações de Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021) acerca dos três polos cronológicos da Análise de Conteúdo propostos por Bardin (2016): 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos (inferência e interpretação). Em conformidade com os referidos autores, a Análise de Conteúdo é uma excelente opção quando o objetivo for analisar os dados oriundos das comunicações, visando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum. Isso é possível porque a Análise de Conteúdo permite, segundo Chizzotti (2000), compreender criticamente as significações explícitas e ocultas e o sentido do conteúdo de mensagens verbais ou não-verbais, como textos, imagens, áudios e vídeos.

Por ser flexível e versátil, a Análise de Conteúdo é amplamente utilizada em pesquisas de diversas áreas e uma das suas vantagens é a possibilidade de lidar com grandes quantidades de dados (Bauer; Gaskell, 2008). Por optarmos por uma pluralidade de instrumentos, o que resultou em uma grande quantidade de dados, esta técnica nos pareceu pertinente.

Seguindo os três polos cronológicos da Análise de Conteúdo, passamos pela pré-análise, o tratamento dos dados, categorização, até chegarmos ao momento de interpretação dos dados. A pré-análise, de acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), possui três fases, sendo a primeira a escolha dos documentos, isto é, a leitura de todos os materiais a analisar, uma vez que nem todos os documentos selecionados inicialmente farão parte da amostra, por não atenderem os objetivos da pesquisa. Nessa lógica, ao considerarmos essa fase, nem todas as entrevistas, anotações de campo e registros fotográficos foram utilizados.

No que se refere a análise do material, este é o momento de tratar os dados reunido na fase anterior, transformando-o em dados possíveis de serem analisados, mediante operações de codificação, ou seja, a partir do estabelecimento de um código que possibilite identificar

rapidamente cada elemento da amostra recortada para a pesquisa (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021). Conforme os autores, para o processo de codificação é necessário escolher as unidades de registro e de contexto, as regras de contagem dos elementos e as categorias.

Para a categorização, reunimos os dados, tendo algumas palavras como unidade de registro, em categorias temáticas. Com base em Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), para elaboração dessa categorização, de critério semântico, seguimos as seguintes condições: a) A exclusão mútua; b) A homogeneidade; e c) A pertinência.

Em relação ao último polo cronológico da Análise de Conteúdo, produzimos um texto síntese para as categorias, como forma de expressar os significados presentes nas unidades de análise. Por conseguinte, iniciou-se a interpretação dos dados, a partir do confronto entre os objetivos e os teóricos que embasam esta pesquisa, com o intuito de proceder inferências e redigir sínteses interpretativas, conforme nos orienta Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021).

2.3 Terra de lutadores

Quem sai de Belém em direção à Cachoeira do Arari quase sempre viaja por via fluvial. As embarcações do terminal hidroviário com destino direto para o município são do tipo lancha¹⁶, com viagens que duram em torno de três horas. A travessia não costuma ser diferente das que ocorrem para outras localidades do Marajó dos Campos¹⁷, variam somente em razão do nível dos rios, da embarcação e do tempo de viagem.

Ao desancorar a lancha, os edifícios começam a ficar distantes e o balanço da baía do Guajará parece se intensificar. Na linha do horizonte, de agora em diante, somente o azul do céu, o marrom dos rios e o verde da floresta amazônica. Além da baía do Guajará, a viagem atravessa a baía do Marajó até alcançar o rio Arari.

Na primeira hora de viagem, a trilha sonora é composta por conversas, latidos, risadas, choros e bregas marcantes¹⁸. Nas viagens ao Marajó, não é difícil encontrar quem goste de ouvir brega na caixinha de som, em um volume que todos ao redor conseguem ouvir. Nas conversas, um dos assuntos favoritos são os festejos de São Sebastião: “Vou passar só o final de semana, depois eu volto para a festa” disse uma senhora, “Acho que esse ano vai ter muita gente”, respondeu a outra.

¹⁶ As lanchas rápidas que navegam entre os municípios do Marajó e a cidade de Belém são embarcações de médio porte, com capacidade para transportar até 70 pessoas.

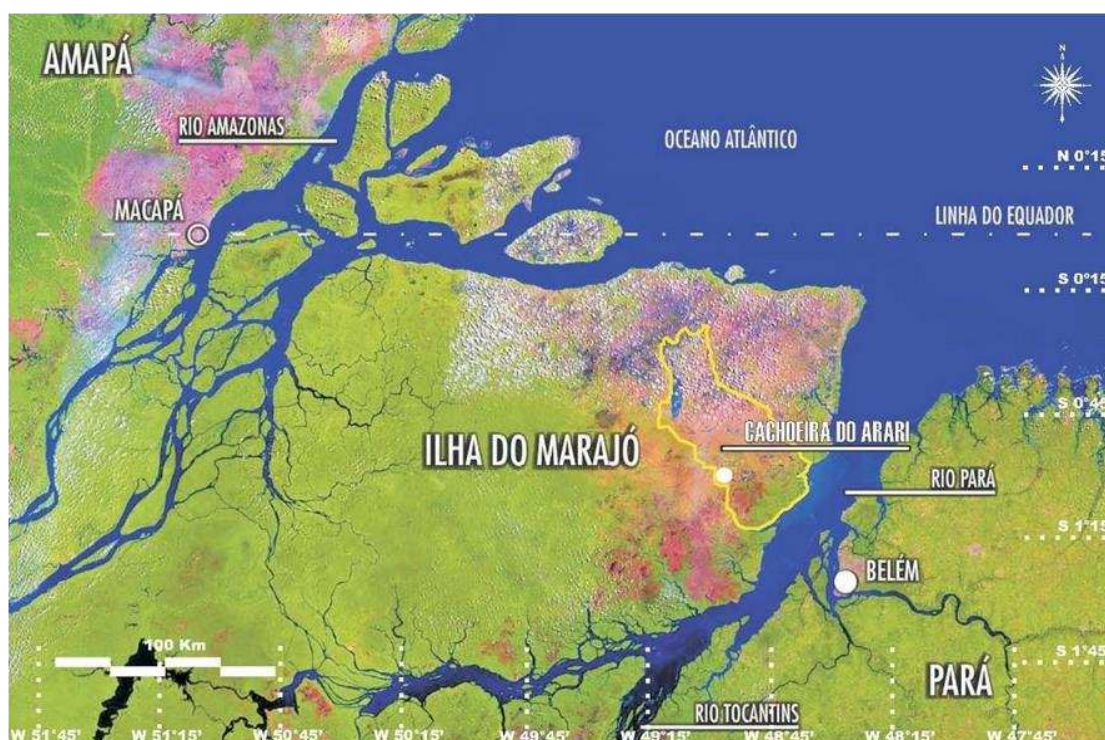
¹⁷ A Ilha de Marajó é conformada, geográfica e culturalmente, pelo Marajó dos Campos (Cachoeira do Arari, Soure, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Muaná), na parte oriental, e o Marajó das Florestas (São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá, Afuá e Chaves), no lado ocidental (Pacheco, 2009).

¹⁸ “Bregas marcantes” são músicas do gênero musical Brega, assim denominadas porque são facilmente reconhecidas e trazem lembranças afetivas a quem as ouve.

Depois de duas horas de viagem, as conversas diminuem, o celular passa a ser companheiro de muitos e aos poucos a paisagem campesina e lacustre do Marajó se aproxima. Já é possível ver de perto as casas palafitas da região. Quando a embarcação alcança o imenso rio Arari, a primeira parada é em frente a uma escola ribeirinha. Mais uma hora de curvas e floresta amazônica para chegarmos ao lócus da pesquisa.

Cachoeira do Arari se apresenta pelo rio. O município está localizado no centro da microrregião dos campos da Ilha de Marajó (figura 1), à margem do rio Arari, e faz divisa com Chaves, Soure, Salvaterra, Ponta de Pedras e Santa Cruz do Arari. Possui uma população estimada em 24.355 pessoas e uma área de 3.100,261 km², pertencente ao sistema costeiro-marinho e ao bioma da Amazônia, conforme dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 1 - Cachoeira do Arari



Fonte: Chagas Junior, Maia e Neves (2019)

As terras que delimitam Cachoeira do Arari tiveram os primeiros habitantes há cerca de 3.500 anos, sendo que durante os primeiros 1.500 anos, registros arqueológicos indicam a existência de pequenas vilas em campos e florestas, onde populações viviam da caça, pesca, coleta e provavelmente da cultura da mandioca (Schaan; Martins; Portal, 2010).

De acordo com Cruz (1987), às margens do imenso rio que cortava até certo ponto a Ilha de Marajó (o rio Arari), viviam os indígenas Araris. Com a chegada dos jesuítas, em

1700, iniciou-se um processo de colonização às margens desse imenso rio, onde foram fundadas fazendas de gado. Em 1747, terras situadas à margem do rio Arari e próximas às aldeias de indígenas foram usadas para a construção de uma paróquia em homenagem à Nossa Senhora da Conceição.

A continuação dessa história consta na obra de Vianna (1938) e diz que, anos mais tarde, em 1791, os moradores circunvizinhos da fazenda, a “freguesia do Arary”, requereram ao governador da Província do Pará a categoria de vila para a paróquia, com o objetivo de edificar ali as suas casas, o que não aconteceu devido à oposição do proprietário da fazenda, que tinha receio de os moradores furtarem o seu gado. Após a morte do proprietário da fazenda, os herdeiros consentiram a construção de casas aos seus vizinhos, que permaneceram como “freguesia do Arary” até 1833, quando o Conselho do Governo da Província do Pará resolveu levá-la à categoria de Vila de Cachoeira. Em 1885, foram fixados os limites entre Cachoeira, e em 1924, a Vila de Cachoeira foi elevada à categoria de cidade.

O nome “Cachoeira do Arari” foi consolidado em 1956, substituindo o anterior “Arariúna”, que perdurava desde 1943 (Lisboa, 2012). O termo “Cachoeira” surgiu em razão de um declive existente no leito do rio Arari, em frente ao local onde hoje está situado o município, que provoca uma precipitação das águas que lembra uma cachoeira (Cruz, 1987). Já “Arari” é o nome dado a um dos mais importantes rios do Marajó. O termo é de origem tupi e significa “rio das araras”. É nome de uma ave (*Ara ararauna*) originária das regiões tropicais da América do Sul. É também o nome vulgar de uma leguminosa - Papilionoideae (*Mucuna rostrata Benth.*), com flores grandes e avermelhadas, cor de fogo (Lisboa, 2012).

No cenário atual, Cachoeira do Arari possui uma riqueza cultural constituída por festas populares, artesanato de fibras e cerâmica, processos culinários, narrativas orais, danças e músicas. Quem reside no contexto cachoeirense possui uma vida marcada pela arte popular, com artistas que capturam a essência da região, como fez o romancista brasileiro Dalcídio Ramos Pereira (1909-1979), consagrado no campo literário como Dalcídio Jurandir, que passou parte de sua adolescência no município e o descreveu no seu primeiro romance intitulado “Chove nos Campos de Cachoeira” (1991) e nos clássicos “Marajó” (1992) e “Chão dos Lobos” (1976).

Cachoeira do Arari é celeiro de grandes nomes da música, como a rainha do Carimbó Chamegado¹⁹: Ionete Gama, artisticamente conhecida como Dona Onete, uma das paraenses

¹⁹ Segundo Barbosa e Neves (2021), o estilo musical “carimbó chamegado” se tornou a marca de Dona Onete e expressa um Carimbó mais lento, que se dança colado, “agarradinho”. A denominação advém da palavra “chamego”, uma forma afetuosa de tratar o outro.

mais notáveis da última década, com uma carreira artística que ganhou projeção na velhice. A cantora, compositora, historiadora e professora Ionete Gama nasceu no município de Cachoeira do Arari, no ano de 1939 (Moraes, 2014), e tem na música uma forma de cantar e contar a história e a cultura de onde vive e viveu.

A cultura e história cachoeirense pode ser também prestigiada em um dos principais pontos turísticos do município, o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo, importante museu arqueológico dedicado à preservação e exibição de artefatos e objetos relacionados à herança do Marajó. Alves (2009) alega que a ideia de criação do museu surgiu nas implicações dos presentes²⁰ recebidos pelo padre Giovanni Gallo²¹, de marajoaras que residiam em Jenipapo e Santa Cruz do Arari.

Em 1981, foi criada a Associação “O Nosso Museu”. Entretanto, em meio a perseguições políticas e ameaça de morte, Giovanni Gallo transferiu-se para Cachoeira do Arari, em 1983, junto com quase todo o acervo coletado pela Associação (Alves, 2009). O museu instalou-se em um galpão de uma indústria desativada de extração de óleo vegetal (Barros; Pantoja, 2010), onde funcionou até sua recente reforma, que o substituiu por um prédio de fachada em vidro.

Desde sua inauguração, no dia 9 de dezembro de 1984, o museu tem atraído estudantes, autoridades, turistas e pesquisadores, que podem desfrutar e compartilhar do “sonho galliano” (Alves, 2009, p. 53). A herança marajoara guardada no museu é diversificada, e algumas são interativas, permitindo ao povo do Marajó “ver” o passado na ponta dos dedos, como poetizou Varela (2020).

Para além do Museu, no âmbito de Cachoeira do Arari podemos encontrar fazendas, mercadinhos, açougues, mercado de peixe, padarias, praças, igrejas, assembleias, escolas, pousadas, lojas de construção, farmácias, hospital, ginásio poliesportivo, posto de gasolina, e alguns outros pontos comerciais, serviços públicos e espaços sociais e de lazer. Destacamos o famoso “Pau do fuxico”, um extenso banco de madeira ao ar livre, sinalizado por uma placa que anuncia que lá “reúnem-se caçadores, comerciantes, aposentados, vaqueiros, fazendeiros, políticos, jogadores, namorados, pescadores e demais mentirosos” para falar da vida alheia.

²⁰ Entre os presentes incluía-se os “cacos”, que na linguagem marajoara é exatamente o termo utilizado para se referir às peças arqueológicas (Gallo, 1996).

²¹ O italiano Giovanni Gallo veio para o Brasil em 1970, como sacerdote da Companhia de Jesus, iniciando sua atuação no país pelo Maranhão. Em 1972, foi transferido para o município marajoara Santa Cruz do Arari, onde encantou-se pela cultura e pelo povo. Inconformado com as dificuldades enfrentadas pela população, vislumbrou a possibilidade de transformação daquela dura realidade a partir da fundação do Museu do Marajó, lugar que, a partir dos elementos da cultura local, situa o Marajó no tempo e no mundo (Barros; Pantoja, 2010).

Cachoeira do Arari é um lugar marcado pela riqueza cultural de si e do mundo, o que é visível no uso de tecnologias, nos costumes e na estética local. Quem passeia pelas vias públicas do município, a maioria em bloquete, asfalto e piçarra, encontra pouco tráfego de veículos e mais de crianças, búfalos, cavalos, cachorros, galinhas e aterrorizantes baratas d'água. A rua é um espaço de lazer, em que as crianças e adolescentes brincam de empinar pipa, de se sujar na areia, de jogar bola. Há quem goste de sentar próximo ao meio fio para sentir o vento e cumprimentar quem passa.

Para além do sossego cachoeirense, quem vivencia o município também tem enfrentado inúmeros desafios e problemas, como o acesso limitado ao serviço básico de saúde, o que leva a população a recorrer, muitas vezes, aos postos de saúde da capital Belém e aos saberes tradicionais das plantas e remédios caseiros, como única forma de terapia em sua medicina (Gomes *et al.*, 2022), também chamada de “medicina caseira” ou de “medicina do mato” (Gallo, 1980, p. 198).

A educação é outro desafio em Cachoeira, devido a ausência de universidade pública, realidade que leva muitos a procurar localidades mais próximas para estudar, como o campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), situado em Soure, e o da Universidade do Estado do Pará (UEPA), em Salvaterra. O povo cachoeirense ainda sofre com a ausência de saneamento básico, principalmente quem reside no bairro do Choque. Essa vida árdua tem conferido a Cachoeira do Arari o terceiro pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM)²² do estado do Pará e o oitavo pior do Brasil (PNUD, 2022).

Contudo, mesmo com as adversidades, o povo cachoeirense é vivaz, hospitaleiro, amigável, muito receptivo e de fácil conversa. Um povo tranquilo, sem pressa, sem a correria da cidade grande. “No Marajó, quem tem pressa, morre”, escreveu o padre Gallo (1980, p. 212). Um povo que valoriza e preserva sua fortuna cultural. Um povo de fé e romance, música e dança, festa e luta.

Não é difícil encontrar em terras cachoeirenses quem pratique a Luta Marajoara. Podemos bater na porta de qualquer casa que encontraremos um lutador, ou pelo menos alguém que conheça quem lute. Isso porque a Luta Marajoara se faz presente no cotidiano da população de muitas formas, a exemplo de centros de treinamento improvisados.

Durante uma viagem para Cachoeira, conhecemos o coordenador de um desses centros de treinamento, que retornava do Rio de Janeiro, onde participou dos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), sendo premiado com diversas medalhas na modalidade *Wrestling*, junto a

²² Dos 5.565 municípios brasileiros, Cachoeira do Arari ocupa a posição 5.557º no Ranking de IDHM. No estado do Pará, fica a frente apenas de Bagre (5.558º), Chaves (5.560º) e Melgaço (5.565º).

estudantes-lutadores de escolas públicas cachoeirenses. Segundo ele, foi a primeira vez que alunos do município participaram dessa competição e ganhar foi fácil devido à prática frequente da Luta Marajoara, que possui semelhanças técnicas com o *Wrestling*. Ao falarmos da presente pesquisa, prontamente se ofereceu para indicar alguns intérpretes. Ele foi assim o intérprete inicial desta investigação.

Para encontrar os intérpretes desta pesquisa, utilizamos a técnica bola de neve (*snowball*), que ocorre, segundo Vinuto (2014), quando recorre-se a informantes-chaves, nomeados como “sementes”, a fim de localizar pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. As “sementes”, conforme o autor, ajudam o pesquisador a iniciar os seus contatos e a tatear o grupo a ser investigado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes forneçam novos contatos com as características desejadas e assim sucessivamente. Dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista até o objetivo da pesquisa ser alcançado ou até o quadro da amostragem tornar-se saturado. De acordo com Bernard (2005), a técnica bola de neve é particularmente útil para estudar populações cuja quantidade não é precisamente conhecida. Na presente dissertação, essa técnica foi essencial para encontrar os lutadores dispostos a nos conceder entrevistas.

Ao encontrarmos os intérpretes, questionamos sobre o melhor dia e local para a entrevista. A maioria optou por um local próximo ao centro de treinamento do intérprete inicial, isso porque a maioria dos indicados eram vinculados ao projeto. Outros preferiram ser entrevistados em casa, todavia, nesse caso, alguns imprevistos surgiram e impossibilitaram a realização da entrevista, como a participação nas atividades da festividade, uma vez que as entrevistas aconteceram nesse período festivo.

Decidimos realizar entrevistas no período da festa por levarmos em consideração que as percepções e experiências dos participantes estariam mais presentes em suas memórias. Com base nessa experiência, podemos dizer que é importante o pesquisador lembrar que nem todos os possíveis participantes da pesquisa poderão estar dispostos e disponíveis para uma entrevista, pois podem preferir aproveitá-la.

Os critérios para participação na pesquisa foram os seguintes: 1) Ter praticado Luta Marajoara por pelo menos três anos; 2) Ter participado mais de uma vez da festividade de São Sebastião; 3) Residir em Cachoeira do Arari; 4) Ter idade superior a 18 anos. Com esses critérios, conseguimos entrevistar 10 lutadores, cujo nome, idade, tempo de experiência com a Luta Marajoara (LM), tempo de participação na Festividade do Glorioso São Sebastião (FGSS) e a data da entrevista podem ser visualizados no quadro 3.

Quadro 3 - Lutadores entrevistados

Entrevistado	Idade	Experiência com a LM	Participação na FGSS	Data da entrevista
Cláudio	40 anos	luta desde criança	participa há 15 anos	12/01/2023
Pio	76 anos	luta desde criança	participa há 70 anos	12/01/2023
Ademilton	40 anos	luta há 33 anos	participa desde criança	12/01/2023
César	46 anos	luta há 41 anos	participa há 41 anos	14/01/2023
Mario	27 anos	luta desde criança	participar desde criança	17/01/2023
Augusto	40 anos	luta desde criança	participa desde criança	17/01/2023
José	53 anos	luta há 12 anos	participa desde criança	18/01/2023
Antonio	36 anos	luta há 30 anos	participa há 19 anos	19/01/2023
Elizionete	27 anos	luta desde criança	participa desde criança	19/01/2023
Leidimilsa	36 anos	luta desde criança	participa desde criança	20/01/2023

Consta no quadro 3 que os entrevistados são de faixa etária diferentes, bem como possuem um tempo de experiência com a Luta Marajoara e de participação na festividade que varia. Alguns lembram o ano exato em que começaram a lutar e participar da festa, enquanto outros apenas recordam que lutavam e participavam dos festejos desde a infância.

Em relação aos nomes, foi dada a oportunidade dos intérpretes escolherem um pseudônimo para identificá-los na pesquisa e assim alguns fizeram. Porém, outros decidiram ser reconhecidos pelo seu verdadeiro nome. Vale destacar que um dos lutadores optou por incluir o título de “mestre” junto ao nome escolhido, um título atribuído àqueles lutadores mais experientes que além de dominarem muitos saberes relacionados à luta, os ensinam.

2.4 Viajar com cuidado e atenção

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, fez-se necessário submetê-la a um Comitê de Ética na Plataforma Brasil, que a aprovou sob o parecer nº 6.152.403. Da mesma forma, foi preciso considerar alguns outros cuidados éticos, a começar pelo que sugere Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010), quando pontuam que os pesquisadores devem sempre informar a cada participante da sua pesquisa os objetivos, a metodologia e a forma de retorno dos resultados, bem como solicitar a assinatura de um indispensável documento: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Assim, com o intuito de obter o consentimento em relação à participação na pesquisa, foi entregue aos intérpretes o TCLE. Sua aplicação permitiu situá-los sobre os objetivos e os instrumentos utilizados na pesquisa, a explicitação dos possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação, o caráter voluntário, o sigilo da sua identidade, além da possibilidade de retirar o consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento.

A ética é essencial para garantir a qualidade, a integridade e a legitimidade das pesquisas. Deve-se aderir aos princípios éticos em todas as fases da investigação, desde a concepção do projeto, até a publicação dos resultados, visando proteger a dignidade, os direitos e o bem-estar dos participantes. Nesta pesquisa, a ética prevaleceu do início ao fim.

SEÇÃO III

ENTRE FÉ, FOLIA E DEVOÇÃO AO GLORIOSO SÃO SEBASTIÃO

Quando se fala de Luta Marajoara dentro do município de Cachoeira, ela tem força, mas de onde vem essa força? Começa pela festividade de São Sebastião. Cada ano que passa você vê mais gente lutando na festividade. Nos outros municípios você não vê isso. Então, pra mim, a grande força da Luta Marajoara dentro de Cachoeira é essa, começa pela festividade de São Sebastião. (Mestre César, 2023)

No município de Cachoeira do Arari, a Luta Marajoara permeia a vida do povo de muitas formas. Em fazendas da região, entretém os vaqueiros em seu momento de ócio. Na beira do imenso rio Arari e nas demais paisagens de areia e grama do município, encontra sua arena natural e diverte os cachoeirenses em geral. Já em centros de treinamento improvisados, quando a sua vertente esportivizada se sobressai, incentiva a competição e proporciona amizade entre crianças, jovens e adultos. E quando chega a Festividade do Glorioso São Sebastião, encontramos o seu maior e mais aguardado palco, no qual lutadores-devotos produzem dezenas de performances a céu aberto.

A festividade em honra a São Sebastião é um evento anual em Cachoeira do Arari, ocorre no mês de janeiro, estende-se por dez dias e inclui uma extensa programação com atividades culturais e religiosas. Para organizá-la, os devotos do santo trabalham quase o ano inteiro, são meses de dedicação, durante os quais alguns eventos tradicionais de preparação acontecem, como a esmolação do santo, que se inicia nos primeiros meses do ano com saída da igreja de Nossa Senhora da Conceição para outras localidades do Marajó (Boulhosa, 2016), um itinerário que percorre casas, fazendas e retiros da ilha, cuja finalidade é arrecadar donativos para os dias de festa (Pantoja, 2008).

A imagem peregrina é acompanhada por uma comitiva denominada “Comissão de Foliões”, grupo formado por mestre-sala, violeiro, bandeireiro²³ e tamboreiro, que passam meses longe de seus lares, passando pelas mais diversas experiências nos campos do Marajó, seja a pé, montado a cavalo, sob o sol escaldante ou sob chuva torrencial (Boulhosa, 2016). Durante o percurso, o grupo canta folias²⁴. Recentemente, a peregrinação de São Sebastião

²³ Nas festas de São Sebastião, as bandeiras são usadas pelos foliões, sendo uma das funções destes a de bandeireiro (Barros; Pantoja, 2010).

²⁴ No município de Cachoeira do Arari, o termo “folia” está relacionado às músicas tocadas pela comissão de São Sebastião, durante a festividade. De acordo com Barros (2008), existe um repertório das folias, que inclui a *folia de chegada*, tocada no momento em que a comissão de foliões chega nas fazendas e no momento em que chega na casa das pessoas; as *folias de agradecimento de mesa*, cantadas após as refeições oferecidas aos foliões; a *folia da porteira do curral*, tocada para abençoar o gado; e a *folia de Ave-Maria*, tocada às seis horas da tarde; a *folia de início da ladainha* e a *folia do término da ladainha*; e ao final de tudo é cantada a *folia de despedida*. Essas folias possuem repertórios próprios e são transmitidas de geração a geração e também por meio de oficinas (IPHAN, 2018).

tem extrapolado os limites territoriais do Marajó e chegado à capital Belém, na casa de ex-moradores da ilha, que fazem questão da visita do santo (Pantoja, 2008). A peregrinação é uma das mais notáveis referências prestadas à São Sebastião no Marajó, uma prática frequentemente evocada nas obras literárias de Dalcídio Jurandir, que romantiza o santo como padroeiro dos vaqueiros.

Como todo folião, andava a pé, montava em osso, isto é, em cavalo sem sela, dormia no chão, nas tábuas junto da barraca quando havia dança e não queria passar a noite em claro. Um ano pôde entrar na comissão de S. Sebastião – Vitor Uéua adoeceu – os foliões trabalhavam por conta da diretoria da festa. O mestre-sala, velho Arnaldo, ganhava três mil réis por dia. Sim, folião com o velho Arnaldo acompanhou a sua toada. Temporada que não esquece nunca mais, S. Sebastião é o santo dos vaqueiros, os foliões deste santo tratados como gente grande (Jurandir, 1992, p. 83).

Enquanto a imagem do santo visita outras localidades do Marajó, outro prestigioso evento de preparação da festividade ocorre: a festa de corte dos mastros. Tal evento, vale destacar, tem sido pouco prestigiado por turistas e mais pelos filhos de Cachoeira do Arari, afirmam a lutadora Leidimilsa e o lutador Mario:

Os turistas pensam que apenas o dia 20 de janeiro é importante, mas há toda uma trajetória até chegar a essa data. É uma tradição que começa em novembro e passa por dezembro até chegar em janeiro. Muitas vezes eles não sabem que para erguer o mastro no centro da cidade, é necessário buscar e cortar a madeira lá no mato em novembro, e depois trazer para a cidade, em dezembro. É uma tradição muito bonita. Então, no dia 10 de janeiro, o mastro já está pronto e decorado, mas os turistas não têm conhecimento de toda essa história. Por isso eu costumo falar que alguns dias são mais para os filhos da terra, pois acabamos fazendo mais para a gente. (Leidimilsa, 2023)

Na verdade, a festividade começa no dia 15 de novembro. A gente vai tirar os mastros lá na fazenda Maragogipe no dia 15 de novembro. A tiração dos três mastros ocorre lá, mas muitas pessoas pensam que é só no dia 10 e no dia 20 de janeiro. É lá que dá o início. Na segunda-feira, após o Círio de Cachoeira, a gente vai buscar (os mastros) lá na (antiga) fazenda Espírito Santo. Aí traz de lá os mastros para fazer todos os procedimentos de pintar, entendeu? (Mario, 2023)

O evento de corte dos mastros é uma grandiosa festa, pois, como se verá, além de homenagear São Sebastião, oferece espaço para celebrar a cultura local, incluindo a prática da tradicional luta do Marajó. Nesta pesquisa, essa festa atuará como porta de entrada, permitindo-nos adentrar o complexo e sofisticado universo cultural-religioso cachoeirense.

3.1 Leite de onça, machados e ombros devotos

O dia 15 de novembro não é lembrado pelo povo cachoeirense somente como feriado da Proclamação da República, mas como um dia que possui um significado muito mais valoroso. É uma data marcada pelo tradicional corte dos mastros da Festividade do Glorioso

São Sebastião, um momento que carrega consigo uma simbologia de fé e devoção e, da mesma forma, é uma ocasião de bebedeira, comilança, música e luta.

Na véspera do corte, fogos de artifício estouram por todo o município e ajudam a não esquecer o que está por vir. Mas, os cachoeirenses mais devotos não podem somente aguardar, é preciso se preparar, ir ao mercado comprar ingredientes para cozinhar as comidas e bebidas típicas desse dia, negociar com o proprietário da fazenda em que os mastros vão ser extraídos, preparar os machados e “tomar uma” com os amigos e familiares para relembrar as bênçãos e os castigos do santo.

No imaginário marajoara, São Sebastião é entendido como um santo muito corajoso e piedoso, mas também muito severo com seus devotos, e até mesmo “vingativo” com aqueles que não cumprem suas promessas e compromissos enquanto devotos (Barros; Pantoja, 2010). Maués (1995) afirma que o milagre, na concepção popular, é uma ação extraordinária que decorre dos poderes do santo e de sua imagem, é o que está na base da devoção, mas isto não exclui o castigo. Assim, o santo pode conceder milagre em resposta a uma prece, súplica ou promessa, mas também pode castigar em razão de alguma ofensa.

No aguardado dia do corte, os cachoeirenses acordam com o estrondo de fogos de artifício que dão a impressão de tremer o chão, são os chamados “Treme-Terra”, porém, acordam felizes, pois é dia de festa, uma festa atípica que se expande a um encontro íntimo com a natureza, com os bichos selvagens, com as belezas naturais do Marajó, em especial com as árvores que servirão de mastros. É uma oportunidade para o povo cachoeirense interromper a labuta do dia a dia para experienciar um momento que podemos considerar um aperitivo da Festividade do Glorioso São Sebastião, isso porque ambas são alimentadas por elementos festivos semelhantes.

O local de extração dos mastros ocorre na Fazenda Maragogipe, localizada na Rodovia PA-154, km 15. Para chegar nesse local, há transportes individuais, caminhões e caçambas disponibilizados pela prefeitura. Para pegar carona nesses veículos, existe uma concentração que começa por volta das 5h da madrugada. Os homens se reúnem em uma rua e as mulheres e crianças em outra, a maioria se organiza assim. “Égua, mano, cadê as caçambas?” – Disse a mulher que notou a necessidade de mais veículos de grande porte. Contamos cinco caçambas e dois caminhões superlotados. Em um dos veículos havia presença de banda de música.

Toda mobilização acontece na madrugada e o nascer do sol pode ser contemplado já na porteira da Fazenda Maragogipe, local em que ocorre a segunda concentração, agora para aguardar os veículos que pretendem entrar na fazenda. Em alguns minutos, um comboio se

forma. Muita gente, muita saudade, dois anos sem a festa de corte dos mastros, a pandemia de Covid-19 não permitia.

Chega alguém responsável pela fazenda e a entrada é liberada. Todos entram, então a porteira é fechada, ninguém mais entra, mas sempre um ou outro pula a cerca, o que é veementemente repudiado pelo dono da fazenda e ninguém pode fugir à regra. Há um famoso relato sobre professores que chegaram em um ônibus da Universidade do Estado do Pará, mas estavam atrasados, então não entraram.

Da porteira até o lugar do corte, percorre-se 5 km, segundo o motorista. O trajeto é acompanhado por uma paisagem inesperada e inesquecível, com búfalos, cavalos e campos alagados que espelham o céu. Os veículos deixam as pessoas até onde as árvores permitem. Eles estão dispostos a cortar os mastros a qualquer custo, não há animal selvagem que impeça. Encontram um filhote de cobra no caminho, mas ninguém se preocupa, até apelidam carinhosamente, chamam de “sucidinha”.

Mais à frente, uma aranha caranguejeira e ninguém se assusta, nem as crianças, somente pesquisadores forasteiros e turistas. A maioria dos participantes são cachoeirenses que há muito tempo estão envolvidos com a festa, não se importam com os desafios ao longo do percurso, inclusive não esquecem de levar seus símbolos pessoais de devoção, como bandeiras (figura 2), terços e camisas estampadas com a imagem do santo.

Ao descerem dos veículos, vão direto para o “carro da comida” que distribui gratuitamente água, o leite de onça – bebida de preparo caseiro, fervida com álcool etílico, leite de búfala e açúcar, com variações que incluem cachaça, chocolate e frutas –; e o frito do vaqueiro ou frito do Marajó – carne de búfalo cortada em pedaços pequenos, temperada com sal e frita na própria gordura.

De acordo com estudos do professor e historiador marajoara Lino Ramos (2013), o frito do vaqueiro foi introduzido nos festejos de São Sebastião justamente para ser servido às pessoas que iam buscar os mastros nas imediações da Fazenda Espírito Santo, antiga fazenda em que eram cortados. O frito do vaqueiro ou do Marajó, reforça o historiador, nada mais é do que uma carne em conserva artesanal inventada nas fazendas, como forma de conservação alimentar. Fares (2017) ressalta que o frito é uma das comidas favoritas dos vaqueiros, sendo uma comida básica na ida para o campo.

Nas festas de São Sebastião de Cachoeira do Arari, os processos culinários se afluam e se apresentam em um cardápio que tem o búfalo como ingrediente principal, um animal criado na ilha há mais de um século.

Figura 2 - Devoção em bandeira

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Para Brandão (1981), o modo de se alimentar deve ser analisado sob diversos aspectos, como sua base sociológica e histórica, seu aspecto econômico e, principalmente, simbólico, sendo este último decorrente de relações sociais que identificam determinado ingrediente a um determinado grupo social e que, desse modo, constituem o alimento como um produto de sua cultura. Nesses termos, podemos dizer que a culinária das festas cachoeirenses de São Sebastião não surge aleatoriamente, mas é resultado da identificação da carne e do leite do búfalo como ingredientes importantes da cultura marajoara.

No dia do corte, muitos começam e terminam o dia bebendo o leite de onça. Com alegria, alguns expressam: “Feriado, bebida de graça, tenho motivo para reclamar da vida?”. Há relatos que contam sobre pessoas perdidas na mata no dia do corte em razão do consumo excessivo da bebida. De acordo com Pantoja (2008), o consumo de bebidas alcoólicas é um dos elementos mais comuns nas festas de santo marajoaras. O padre Gallo (1996, p. 178) vai além e elucida que tanto na Suíça quanto no Marajó, “o povão bebe caixas ou barris de cerveja para curtir a festa e os mais devotos para pedir perdão a Deus de seus pecados”.

Bebendo leite de onça, devotos se preparam para adentrar a mata à procura dos mastros. Salientamos que, nos dias que antecedem o corte, o povo negocia com o proprietário da fazenda para definir o local propício para encontrar e cortar as árvores que servirão de mastros. Quando o tão esperado dia chega, tudo está devidamente organizado e preparado, restando apenas seguir o caminho (figura 3) previamente indicado.

Figura 3 - O caminho dos mastros



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2022)

Nas festas de santo do Marajó, os mastros, ícones de identidade, são confeccionados a partir de troncos de madeira, cuja metragem e diâmetro variam, além de serem previamente cortados, pintados com as cores do santo ou santa, e enfeitados com bandeira e, alguns casos, ornados com frutas e flores (Barros; Pantoja, 2010). Vale destacar que, em território cachoeirense, os mastros são ainda enfeitados com garrafas de leite de onça. Os mencionados autores pontuam que os mastros estão sempre relacionados à fartura e fertilidade da terra, e o ciclo que o envolve vai desde a sua retirada na mata, decoração, cortejo, até a suspensão e a derrubada ao final da festa.

Um informativo da Igreja Católica evidencia que a introdução do mastro na Festividade do Glorioso de Cachoeira do Arari, ocorreu em 1940, quando um senhor chamado Raimundo Martins solicitou uma graça ao santo e, tendo alcançado a cura de uma enfermidade, convocou familiares e amigos para erguerem um mastro em homenagem ao santo (Boulhosa, 2017). A partir daí, a tradição do mastro foi mantida. Anos mais tarde, conforme a mencionada autora, em 1946, devido a outra graça alcançada por uma senhora chamada Celeste Santos, o mastro das mulheres também passou a integrar a festa, surgindo em seguida o mastro das crianças.

Nos festejos do Glorioso, os mastros estão entre os principais bens simbólicos e são frequentemente apelidados de “pau do santo”, terminologia que contribui para desvelar o lado profano das celebrações de santo locais, isto é, da manifestação festiva que foge ao aspecto religioso propriamente dito (Amaral, 1998), o que no caso específico da festa de corte dos mastros não conseguimos visualizar quando começa e quando termina, pelo fato do sagrado e do profano estarem fortemente interrelacionados.

São três mastros cortados no total: o dos homens, o das mulheres e o das crianças. O maior é o dos homens e o menor é o das crianças. Ao entrarem na mata, só saem de lá depois de cortá-los. Para tanto, utilizam um machado desamolado, isso para oferecer oportunidade de golpe na árvore para todos aqueles que querem contribuir com o corte. Cada árvore que cai é saudada pelos devotos com euforia. Neste momento, estas passam a ter um significado simbólico religioso, agora não se trata mais de um pedaço de madeira. Interessa destacar que o momento de corte dos mastros está registrado nos romances do marajoara Dalcídio Jurandir:

Em baderna escolhiam o mastro entre os ucuubeiras no mato das Pindobas. Levavam cachaça, machados e **ombros devotos** para carregar o pau da ucuubeira. Bebendo e cantando folia, derrubaram como numa cerimônia, a árvore escolhida e carregavam o tronco até a margem do rio (Jurandir, 1992, p. 330, grifo nosso).

A festa de corte dos mastros é na mata, as pessoas rezam na mata, conversam e bebem na mata, dançam e ouvem música na mata. Esse momento nos permite observar como se dá a relação do povo cachoeirense com a natureza, uma relação íntima e harmoniosa, um bom exemplo de como o caboco da Amazônia humaniza e coloca a natureza à sua medida, como bem observado por Loureiro (2015) ao analisar a cultura amazônica.

Na festa na mata, a banda de música não deixa as pessoas desanimarem e as incentiva com seu repertório, que incluem ritmos carnavalescos e carimbó, com destaque para o

contagiante hino da festa, o frevo “Vassourinhas”²⁵. Nessa banda, o vocalista é o povo e há uma variedade de instrumentos, como saxofone, corneta, flauta, pandeiro e tambor. No Marajó, as bandas de música são recorrentes nos festejos de São Sebastião e alegram o percurso do mastro e, em alguns casos, ajudam na esmolação, juntamente com os foliões (Barros; Pantoja, 2010).

A presença da música nos festejos de São Sebastião, assim como em qualquer outra festa, desempenha um papel indissociável. Em conformidade com Martí (2002), é difícil imaginar uma festa sem música e, por mais que pensemos, não é preciso muito para encontrar as primeiras razões para esse fato, principalmente, se levarmos em conta que entre as principais funções que podemos atribuir à música está a ludicidade.

Enquanto sistema simbólico, a música ainda desempenha um papel central na transmissão de significados, crenças, valores e tradições de uma comunidade. Nesse sentido, é possível dizer que a música é um dos principais bens simbólicos da cerimônia de corte dos mastros, com destaque à canção “Vassourinhas”. Se no carnaval de Recife essa música é amplamente conhecida por ser utilizada para dançar frevo, em Cachoeira do Arari ela ganha uma nova dimensão, e passa a ser consumida e interpretada para celebrar São Sebastião, tornando-se uma expressão das crenças e valores da comunidade, evocando memórias e estabelecendo uma conexão com a herança cultural cachoeirense.

Cortado os três mastros, começa a correria, ninguém quer ser o último a sair da mata e correr o risco de ficar perdido por lá. A corrida é também para disputar espaço com os mastros nos veículos que os conduzem, o mesmo que trouxeram os devotos, como pode ser visto na figura 4. No fim, tem espaço para todos.

Os mastros são pesados, é necessário um grande esforço para carregá-los. Por isso, algumas pausas do local de extração até os veículos que os conduzem são necessárias, momento que alguns devotos aproveitam para descansar e outros para lutar. Conseguimos observar dois homens se agarrando com intuito de projetar o outro no chão, isto é, estávamos diante da Luta Marajoara. O duelo foi rápido, era preciso continuar a carregar o mastro, o que nos permite concluir que não é possível afirmar quantas disputas de Luta Marajoara podem ocorrer na festa do corte, isso porque há qualquer momento alguém pode lutar.

Depois de amarrados nos veículos, os mastros são levados para a antiga fazenda Espírito Santo, situada na Rodovia PA-154, mais próxima do centro urbano de Cachoeira do Arari em comparação com a fazenda Maragogipe. No local, os mastros são repousados até a

²⁵ O frevo “Vassourinhas” é uma música interpretada originalmente pelo Maestro Ademir Araújo em parceria com a Orquestra Popular do Recife.

segunda-feira pós Círio de Nossa Senhora da Conceição, quando são levados para a casa dos seus padrinhos, responsáveis por prepará-los para encontrar com a imagem de São Sebastião, no dia 10 de janeiro, dando início a festividade.

Figura 4 - A condução dos mastros



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2022)

Mas, antes de repousarem os mastros na antiga fazenda, a festa continua no meio da rua. A banda toca música, as pessoas cantam e dançam com os mastros em seus ombros, e dois jovens se derrubam em meio à piçarra. O turista desatento acha logo que é briga, mas é Luta Marajoara. Eles foram instruídos a lutarem no capim alto, superfície que seria menos dolorida a finalização da luta, e para lá eles se dirigiram (figura 5). Na festa de corte dos mastros, a prática da Luta Marajoara ocorre assim, não tem hora ou local para acontecer. Para o duelo urgente, qualquer chão é válido.

Vale ressaltar que os combates de Luta Marajoara, em sua maioria, só acontecem quando duas pessoas querem lutar. No dia do corte, uma criança genuinamente desafiava a outra com seu dedinho indicador, mas a luta não aconteceu, mesmo com incentivo dos seus responsáveis, pois o desafiado não aceitou. Uma atitude que costuma ser respeitada, mas não deixa de frustrar os pais, que inclusive não gostam quando o filho perde, afinal “Luta Marajoara é coisa séria, não é para a família passar vergonha” (Galina, 2009, p. s/n).

O evento de corte dos mastros é, assim, mais uma festa em honra ao Glorioso São Sebastião, na qual a prática da Luta Marajoara se faz presente. Lutadores-devotos, ademais,

engajam-se em combates na segunda-feira pós Círio, em torno dos mastros que são transportados para a residência dos festeiros incumbidos de sua guarda.

Figura 5 - Luta Marajoara no capim



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2022)

O evento de corte dos mastros é, assim, uma festa que, como outras, não quer mais do que ser essa contida gramática de exageros para tocar as dimensões mais ocultas da difícil realidade do povo (Brandão, 1989). Uma festa marcada por uma profusão de símbolos, como os mastros, representantes da fé e da devoção ao Glorioso São Sebastião, o leite de onça e o frito do Marajó, culinária indispensável nas festas sebastianas de Cachoeira do Arari, a banda de música com seu repertório contagiante em honra ao santo, e a Luta Marajoara, com duelos que a atravessam em diversos momentos, o que contribui para celebrar e pôr em evidência a cultura de luta dos cachoeirenses. Uma festa no meio da mata, cultura e natureza entrelaçadas, e não há bicho selvagem que impeça, somente uma pandemia mortal.

3.2 Luta Marajoara na festa do santo flechado

Quando os devotos de São Sebastião terminam sua peregrinação insular, buscam logo os caminhos em direção a Cachoeira do Arari, a cidade de onde partiram, para encontrar os mastros já enfeitados na porteira do município. O encontro da imagem do santo com os mastros, símbolos supremos da religiosidade local, além de proporcionar uma atmosfera de fé, folia e devoção, nos convida a celebrar as tradicionais manifestações culturais da região, com destaque para a Luta Marajoara.

Em Cachoeira do Arari e em outros municípios do Marajó, há um predomínio de festas em honra aos santos da Igreja Católica. Brandão (1989) explica esse fenômeno alegando que nas grandes cidades as festas históricas e profanas são mais valorizadas, enquanto nas pequenas cidades e nos povoados do interior elas ocupam um segundo plano, e os festejos locais e religiosos preenchem quase todo o calendário.

No coração da Amazônia, São Sebastião é um dos santos mais celebrados, com festejos recorrentes em quase toda a ilha, desde as sedes de municípios até os lugares mais distantes (Barros; Pantoja, 2010). Dados do Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais do Marajó revelam que a devoção a esse santo ocorre em 14 dos 16 municípios da ilha. Apenas nos municípios de Bagre e Ponta de Pedras a celebração não foi identificada. Nesse calendário de festa, a Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari se destaca.

A renovação da fé, a valorização e a preservação da cultura local, a transmissão de emoção e alegria, o fortalecimento dos laços comunitários, a atração de milhares de turistas de todo o estado e o impulso na economia são alguns dos efeitos da festividade do Glorioso para a comunidade de Cachoeira do Arari. Isso a torna a mais aguardada celebração do calendário local, além de ser uma das festas religiosas mais prestigiadas pelos marajoaras em geral, visto que os dias que a antecedem são sinônimo de chegada de devotos de diferentes municípios vizinhos, dos recantos mais distantes e até daqueles devotos que não residem mais na ilha.

Por via terrestre-fluvial, devotos chegam de barcos, balsas, lanchas, navios, montados no lombo de cavalos e búfalos, em motocicletas, carros e ônibus. Chegam para matar a saudade da sua terrinha, reunir-se com familiares e amigos, saborear pratos típicos, renovar a fé, pagar promessas, prestigiar paisagens naturais, praticar a sua luta tradicional. Chegam, enfim, “para curtir as suas tradições”, como bem resumiu o padre Gallo (1996, p. 178). A lutadora cachoeirense Leidimilsa e o Mestre César acrescentam:

Hoje em dia não tem nem mais espaço na frente da cidade para ancorar os barcos. Vem gente de Ponta de Pedras, Soure, Salvaterra, Jenipapo, Santa Cruz do Arari, e de outros lugares mais distantes para chegar até aqui, o estado inteiro, eu sou testemunha viva disso e fico muito feliz (Leidimilsa, 2023).

A festividade de São Sebastião é uma maneira de encontrar um primo, um amigo que mora em Belém. Então é um encontro de famílias. Acho que a frase é essa, ‘encontro de famílias’. Tem família que passa o ano todo sem se falar, entendeu? Mas já sabe que na festividade de São Sebastião eles vão tá ali brincando, se divertindo, praticando a Luta Marajoara. Tem pessoas que passam o ano todo sem se ver por questão de trabalho. Então, tem gente que marca essa data, tem gente até que falta o emprego, mas eles não deixam de vir para a festa de São Sebastião, porque é um encontro que ele marca com a família. O Patrão pode até ameaçar, ele não sabe

se vai voltar pro emprego, mas ele vem pra festa, porque é um encontro. Ele passa o ano todinho esperando esse encontro com a família. (Mestre César, 2023)

Barros e Pantoja (2010) alegam que as festas no Marajó em homenagem aos santos da Igreja Católica se constituem em uma referência de deslocamento para o povo, ou seja, impossibilitados de se deslocarem muitas vezes por ano pelo interior da própria ilha, os marajoaras aproveitam as ocasiões dos festejos de santo para se deslocarem. Por isso, é comum datas de festas religiosas coincidirem com datas de casamento, batizados, início de namoro, reencontro entre parentes e amigos.

Nas vésperas da festividade, ao perambular pelas ruas, observamos uma preocupação em enfeitá-las com bandeiras, balões, pôsteres gigantescos e outros enfeites nas cores do santo (verde, vermelho e branco) que embelezam e convidam para a festa. Os cartazes do anúncio da festividade são fixados nas portas das casas, nas paredes de bares, mercadinhos, nos pontos mais visíveis da cidade. Os mastros não são difíceis de encontrar, ficam expostos na frente da casa dos seus padrinhos, responsáveis por guardá-los e pintá-los para os dias de festa. Os fieis ainda têm costume de criar altares em seus próprios lares, ornamentados por fitas coloridas de cetim, velas e flores naturais ou artificiais em diversas cores, como podemos ver na figura 6.

Figura 6 - Altar dos devotos



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Barros e Pantoja (2010) evidenciam que as fitas desempenham um papel significativo durante os festejos de São Sebastião, pois os devotos costumam tocá-las, beijá-las e amarrar seus pedidos nelas. É comum ainda deixar oferendas monetárias para o santo, e antes de tocar a imagem, os fiéis tocam nas fitas coloridas. Os mencionados autores sugerem que o uso das fitas e as práticas associadas a elas estão possivelmente relacionadas ao modelo devocional implementado pelos jesuítas.

No primeiro dia da festividade, enquanto a imagem de São Sebastião peregrina por fazendas, em direção ao centro urbano de Cachoeira do Arari, os mastros são conduzidos da casa dos seus padrinhos até a porteira do município, lugar em que a maioria dos devotos se concentra, vestidos com suas roupas confeccionadas especialmente para a festa, estampadas com cores, frases e imagens associadas ao santo. “Uma flecha não basta para calar tua voz”, estampam algumas para lembrar a trágica morte deste homem que virou santo e o seus milagres desde então. De acordo com o Mestre César (2023) “Tem pessoas que guardam um dinheirinho o ano todo pra comprar uma roupa nova e o vaqueiro faz questão de ter aquela roupinha nova. Tem vaqueiro que engorda dois ou três porcos para vender e ir pra festa”. Tedesco e Rossetto (2007) lembram que a festa permite a exibição de algo novo adquirido, como um carro, uma roupa, enfim, algo que represente o progresso e a evolução social.

No aguardo da imagem do santo, a maioria dos foliões estão acompanhados por garrafas de leite de onça, afinal “o carro chefe do cortejo é o leite de onça, sem leite de onça não tem cortejo. Tem também o pau-na-coxa, uma batida que é feita com álcool e Nescau” (Augusto, 2023) e outras feitas com a polpa do Maracujá, do Cupuaçu e do jenipapo:

Em relação ao leite de onça que chamam, que é o leite de búfala fervido com álcool, tem outras misturas que fazem de maracujá, de cupuaçu e de jenipapo. Eles fazem o suco da polpa do jenipapo e acrescentam vodka, álcool. É uma bebida bem forte, pensa numa bebida que fica forte é a do jenipapo. A fruta por si só é forte, tem uma acidez muito forte e ainda colocam álcool dentro, você imagina o porre que você pega. (Mario, 2023)

O carro da comida, assim como na festa de corte dos mastros, marca presença e distribui, gratuitamente, o leite de onça, o frito do vaqueiro e água. Há pontos específicos para comercialização dessas e de outras bebidas e pratos típicos, o lutador Augusto explica: “O que a gente gosta muito de comer nesse período é o frito, a linguiça, e a carne de sol. São muito vendidos, quase todas as barracas tu vê que tem o frito, tem a linguiça, tem a carne de sol para vender”. Boulhosa (2016) ressalta que as festas de santo no Marajó são ótimas oportunidades para as vendas, pela quantidade de pessoas que atraem.

Alguns lutadores ainda ressaltam que o cardápio da festa inclui outros pratos típicos da Amazônia Paraense em geral e da Amazônia Marajoara em especial: “Tem as comidas tradicionais aqui do Marajó, que é frito do vaqueiro, a carne de sol, a linguiça marajoara, a maniçoba” (Mario, 2023); “Tem o São João, tem a maniçoba, tem o porco na grelha, tem tudo, tem o cozido, o guisado, tudo, tem o queijo do Marajó, a linguiça marajoara” (José, 2023); “Falando da culinária, tem coisas que eu acho muito específicas da festividade de São Sebastião. A linguiça marajoara, o frito do vaqueiro, a carne de sol” (Leidimilsa, 2023).

Eu sou muito fã da comida típica do Marajó. Falando diretamente do frito do Marajó, do leite de onça. Aqui em casa minha garrafa tá aqui na geladeira, logicamente eu tomo no meu café, porque é o leite de búfala natural (sem álcool). Tem o queijo do Marajó, que é muito bom, aquele queijo feito na hora, natural. Então são esses tipos de comida que tu vai (ver na festa). Geralmente tu encontra a galinha caipira, aquela do terreiro. Então eu falo muito de comida porque eu sou apaixonado pela culinária que existe dentro do município, sem contar do peixe que o rio passa na frente e você pega aquele peixe na hora e é feito a caldeirada. A força maior aqui é o Tamuatá. Ele é uma força muito predominante aqui dentro do Marajó em si, Cachoeira (do Arari), Santa Cruz (do Arari), ele é bem predominante. (Mestre César, 2023)

Na festividade do santo flechado, ainda é possível encontrar vendedores de Maizena²⁶, pois os devotos costumam comprá-la para sujar os parentes e amigos. “Não pode ser trigo, pois arde os olhos”, explicam. Rosto sujo de amido de milho é o que mais se vê, alguns ficam até mesmo com o corpo inteiro “empanado”, mas “ninguém se atreve a sujar o santo [...], porque esta é a parte religiosa que todo mundo respeita” (Gallo, 1996, p. 178). Quem não está sujo está mais propenso a ser batizado, como dizem, por qualquer devoto. Muitas vezes é preciso correr para sujar alguém, relata um dos lutadores:

A gente vai mais para brincar, jogar lama nas pessoas, jogar maizena, lutar, correr atrás das molecas e pegar elas para sujar, carregar o mastro, tudo isso a gente fazia. Hoje em dia nem tanto porque eu já vou com meus filhos, já tem que ter um cuidado com eles, mas eles já sabem como é. “Olha, vão te jogar na lama, meus filhos, vocês vão ficar todos sujos de Maizena”. Eles já até pedem para a gente comprar Maizena para eles levarem. (Augusto, 2023)

As roupas estampadas, o ato de sujar o outro com amido de milho, o leite de onça e ainda as marchinhas nostálgicas de carnaval tocadas, nos faz pensar que a concentração aguarda euforicamente por um trio elétrico e não por uma imagem de santo. Mas, afinal, não são muito grandes as diferenças entre festas religiosas e o Carnaval, especialmente as mais antigas (Brandão, 1989), o que Alves (1980) concebeu como “carnaval devoto”. Duvignaud (1983, p. 71), por sua vez, enfatiza que os fenômenos relativos ao sagrado e à religião

²⁶ “Maizena” é uma marca registrada da empresa Maizena, que fabrica amido de milho. A marca é tão popular que muitas vezes o termo “Maizena” é usado como sinônimo de amido de milho.

correspondem a momentos de efervescência, em que a “consciência coletiva” se exacerba. No caso particular do catolicismo, isso ainda é mais comum, pois, segundo Maués (2011, p. 7), o “catolicismo não tem peias, restrições, privações”, permitindo o comportamento extravagante e folgazão das pessoas.

Ainda no ponto de encontro com os mastros, à porteira do município, e pelo meio de comunicação mais estrondoso do povo, os fogos de artifício, na expressão de Gallo (1980), é anunciado a chegada da imagem de São Sebastião, sendo conduzida por um padre, gladiada por milhares de devotos e promesseiros e acompanhada por banda de música que toca a Folia de Chegada, um momento que provavelmente serviu de inspiração para Dalcídio Jurandir (1992, p. 83) escrever um dos seus romances: “Quando S. Sebastião voltava dos campos e o povo da vila ia encontrá-lo, já com o pau enfeitado e gingando, o Baliza na frente, Gaçaba no meio e Ramiro acompanhando, com o seu violino, a banda do Miranda”.

Na porteira, a imagem sobe em um palco junto ao padre, a outros representantes da Igreja Católica e a um grupo de percussionistas que tocam ladainhas, um momento imbuído de sentimentos de fé, devoção e carinho pelo santo. Após ladainhas e discursos, inicia-se a procissão pelas ruas da cidade, com a imagem do santo na dianteira, em direção à paróquia de Nossa Senhora da Conceição, cumprindo a tradicional “parte religiosa” da festividade, seguida pelos três mastros erguidos pelas mãos e ombros de dezenas de devotos, rumo à Praça Municipal “Arena dos Mastros”.

Ao longo da procissão, os devotos participam de muitas formas, dado que, para o povo, participar não é só acompanhá-la, mas pode ser apreciando da janela ou do pátio da sua casa, isto é, “não se manifesta só rezando o terço e cantando salmos, mas também soltando foguetes, comprando fitas, passando uma água na frente da casa para matar a poeira, fazendo uma limpeza da fachada” (Gallo, 1980, p. 132), ou seja, vai além das práticas religiosas tradicionais e envolve a realização de várias outras atividades em torno da festa. O lutador Pio, por exemplo, participa com doações financeiras para a igreja e soltando fogos de artifício:

Eu participo financeiramente, com doações. Esse ano eu vou comprar fogos para soltar, porque os padres acabaram praticamente com a festa, não querem um bocado de coisa. A gente que é peregrino, que tem a devoção, como eu tenho uma grande devoção por ele (São Sebastião), eu compro fogos e solto. (Pio, 2023)

Ainda no percurso da procissão, acontece o que alguns devotos chamam de “balé dos mastros” (figura 7), uma performance constituída por movimentos coletivos, na qual os mastros são movidos em todas as direções possíveis e os devotos geralmente descalços os

elevam até o máximo de suas capacidades, por vezes pendurando-se neles. Não há outros devotos nos espaços da performance, e aqueles que se atrevem a permanecer, sem se sincronizarem com os “bailarinos”, não tem outro destino senão a colisão.

Figura 7 - O “balé” dos mastros



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Era nas poças de lama ao longo do traslado dos mastros que a Luta Marajoara começava a conquistar os holofotes da festa, ou seja, que alguns lutadores-devotos encontravam espaço para duelar, conforme registrado na tese de Fares (2003) e nos escritos do padre Gallo (1996, p. 178): “O povo grita, se empurra, faz a luta marajoara, joga Maizena e cerveja na cara dos outros, até chegar à praça onde ele é fincado, esperando a derruba no dia do encerramento”. Entretanto, os lutadores Augusto e Ademilton elucidam que tal prática tem se tornado menos recorrente devido à pavimentação das ruas:

Antigamente, isso era mais comum, porque não tinha asfalto. As ruas eram todas de chão batido, então tu via mais poças de lama. Agora, dentro do cortejo, tu já não vê muita gente praticando isso (a Luta Marajoara). É mais comum ver as pessoas acompanhando os mastros, se divertindo, pulando e carregando o mastro. Mas essas coisas de lutar na lama já não acontecem tanto, porque as ruas se tornaram de asfalto. Tu vê mais isso quando o mastro chega ao seu destino, onde ele vai ser enterrado. É quando que tu vê muita gente lutando, muita gente jogando o outro na lama. (Augusto, 2023)

A gente começou lutando na lama, nossa tradição é luta na lama, até porque antes, quando não tinha asfalto, não tinha piçarra na nossa cidade, geralmente nessa época já tava chovendo bastante, ficava aquelas poças de lama e a gente bebendo,

conversando com os amigos e brincando... aí um vem por trás e pega o outro e joga na lama. (Ademilton, 2023)

Os relatos dos lutadores evidenciam como o processo de urbanização pode representar uma transformação significativa sobre uma manifestação cultural, forçando-a a se adaptar ou se dissolver em nome do progresso e desenvolvimento urbano. A transição para uma superfície pavimentada não apenas alterou a textura da rua, mas também esterilizou a forma como os devotos se relacionam com a Luta Marajoara durante a festividade, deixando de vivenciá-la nas ruas percorridas durante a procissão, resultando, notadamente, em um empobrecimento de uma das partes da festa.

Ainda que sua prática não ocorra mais na rua, a Luta Marajoara continua a ser celebrada na festa, agora em um grande círculo de areia que serve tanto para erguer os mastros quanto para pipocar dezenas de combates. É bem verdade que alguns lutadores-devotos duelam em outros espaços apertados de areia e grama em que as atividades da festa, especialmente da “parte profana”, alcançam. Porém, é entre um dos símbolos supremos da festividade (figura 8) que uma zona de batalhas é criada e a Luta Marajoara se torna mais palpável, gerando espetáculos de corpos, gestos e técnicas.

Figura 8 - Luta Marajoara entre mastros



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2024)

Brandão (1989) anuncia a festa como um lugar para cerimonialmente separar o que deve ser esquecido e aquilo que deve ser resgatado, posto em evidência, comemorado e celebrado por causa dos mais diversos motivos. Na Festividade do Glorioso São Sebastião, quem comemora, celebra e põe em evidência a Luta Marajoara são vaqueiros típicos, fazendeiros, pescadores, ribeirinhos, agricultores, funcionários públicos, comerciantes, enfim, pessoas com diferentes profissões e de classes sociais variadas, o que ocorre porque a festa é um momento de inversão dos papéis sociais, em que as normas e hierarquias sociais podem ser temporariamente suspensas ou invertidas, permitindo que as pessoas experimentem novos papéis e relações (Martins, 2002), inversão fundamental para a renovação da ordem social, tendo em vista que “remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado” (Geertz, 2008, p. 20). Contudo, é pertinente destacar que a Luta Marajoara não costuma ser lazer da elite, mas sim entretenimento do povo. É o povo que se embola sem pavulagem na areia da festa e que aguarda ansiosamente o ano inteiro para lutar nesse contexto de devoção.

No grande círculo de areia, cada luta é um mundo em si, pois enquanto muitos lutam sujos de amido de milho, outros lutam bêbados de leite de onça, com suas roupas confeccionadas especialmente para a festa ou sem camisa e descalços. Mulheres lutam com homens, crianças lutam com adultos, velhos com jovens. Embalados pela banda de música, alguns anseiam pela vitória, outros só querem se divertir/brincar, sendo esse o principal significado atribuído à prática da Luta Marajoara na festa: “Eu conheço um amigo, ele me desafia, aí eu já vou tentar derrubar ele e assim vai a brincadeira, entendeu? A gente luta brincando, se divertindo” (Mario, 2023); “Acho importante, porque traz alegria pra gente. Já estamos acostumados quando chega a festa de São Sebastião. ‘Poxa, vai ter a luta, vou lutar’. É uma brincadeira ótima” (Elizionete, 2023).

Durante a festividade é aquela brincadeira em que um desafia o outro. Hoje em dia eu consigo mostrar essa brincadeira saudável para os que moram fora, quem visita Cachoeira do Arari. Para muitos não significa nada, mas para a gente faz parte da nossa cultura. (Leidimilsa, 2023)

Olha, é mais por diversão mesmo e porque a gente vê os outros lutarem, os nossos amigos, praticamente todo mundo luta aqui, tanto homem quanto mulher, não tem dessa. Velho, novo, criança. A gente tá no meio dessa galera aí. (Augusto, 2023)

Como muitas festas populares brasileiras, a festividade do Glorioso é uma mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, observar, torcer, cantar, dançar e por que não lutar? Depois de resolvidas suas contas com santo, o lutador-devoto

entrega-se a este que é o último ato da “parte profana” do primeiro dia da festividade. Por isso, não é errado dizer, em sintonia com Brandão (1989), que a festa é justamente essa bricolagem de ritos e festejos de devoção e de pura e simples diversão.

Entendida como uma brincadeira, isto é, uma atividade lúdica, faz-se necessário pontuar que a Luta Marajoara não é propriamente lúdica, isso porque “não existem atividades que, por si, sejam lúdicas. Existem atividades. Ponto. Elas serão qualificadas como lúdicas (ou não) a depender do sujeito que as vivencia” (Luckesi, 2014, p. 16).

Sendo a Luta Marajoara um símbolo de divertimento e a festa uma oportunidade para interromper a correria do dia a dia (Brandão, 1989), podemos dizer que sua prática na festividade é, decididamente, um momento de lazer, de amizade, de descontração, pois o lazer é justamente o conjunto de atividades às quais as pessoas podem entregar-se de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se ou entreter-se (Dumazedier, 2004). Afinal, não é contemporâneo que as lutas proporcionam momentos de entretenimento, visto que desde a Grécia Antiga, quando tinham caráter sagrado e buscavam honrar e celebrar os deuses, interrompiam-se guerras e uma multidão se dirigia a Olímpia para apreciá-las (Machado, 2006), tempos de *Pugilato* e *Pancrácio* (Freitas; Barreto, 2008).

Considerada um símbolo de ludicidade e de entretenimento, a Luta Marajoara poderia ainda significar uma forma de homenagear São Sebastião, uma vez que o devoto popular não enxerga de forma separada as missas, rezas, ladainhas e procissões, dos arraiais e das atividades que acontecem em torno dos mastros do santo que se festeja (Barros; Pantoja, 2010). Para esse devoto, o festar²⁷ em honra ao santo só se concretiza plenamente, de acordo com os mencionados autores, por meio dessa alternância de momentos de profunda devoção, proporcionados pelas cerimônias litúrgicas, e momentos de entretenimento festivo, onde se degusta alimentos, consome-se bebidas e realiza-se danças em sua homenagem.

Contudo, ao ser questionado sobre a Luta Marajoara significar uma forma de homenagear São Sebastião, o Mestre César (2023) foi enfático com a seguinte alegação: “A luta não tá homenageando ninguém. Eles tão tomando cachaça e tão lutando, não é um agradecimento. É cachaça e luta. Porque ela já vem das fazendas, ela não surgiu da festividade de São Sebastião, só fez unir, entendeu?”.

A justificativa de César é reforçada nas palavras do lutador Pio (2023): “Como eu falo, quem criou a Luta Marajoara (na festividade) foram os vaqueiros, para ela se expandir. Ela já existia, foi criada na fazenda para o caboco lutar”. Com base em tais relatos, é possível dizer

²⁷ “Palavra brasileira que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma festa popular” (Brandão, 1989, p. 15).

que a Luta Marajoara, antes de ser praticada no contexto da festa, sempre fez parte do cotidiano do caboco do Marajó, acostumado a praticá-la nos amplos espaços de campo das fazendas, como forma de entretenimento e diversão e não em honra a São Sebastião.

A associação da Luta Marajoara com a festa, nessa perspectiva, pode ser vista como uma construção social deliberada que se desenvolveu ao longo do tempo, isto é, a Luta Marajoara foi intencionalmente introduzida na festa por indivíduos ou grupos para atender a certos objetivos ou interesses. Sem data definida de quando foi inserida, tampouco de quem inseriu, pode-se dizer que a prática da Luta Marajoara na festividade representa o que Hobsbawm (1997) denomina como “tradição inventada”, uma expressão que inclui “tradições” que surgiram de maneira difícil de localizar em um período limitado de tempo e se estabeleceram com enorme rapidez.

A realização do torneio de Luta Marajoara, apresentado mais adiante, é o ponto central que nos permite destacar a prática da Luta Marajoara como uma “tradição inventada” no contexto da festividade, uma vez que representa um momento de reinvenção desta luta tradicional. Antes vivenciada apenas durante o cortejo dos mastros, a Luta Marajoara conquistou uma forma “moderna” (diferente da sua forma tradicional) a partir da organização deste torneio específico. Foi a partir deste evento-marco²⁸ que a Luta Marajoara passou a ser regulamentada e organizada, com regras e uma programação definida. Uma formalização que é característica de tradições inventadas, que buscam criar uma prática contínua e repetitiva com o objetivo de reforçar certos valores (Hobsbawm, 1997). Vale destacar que tal reinvenção da Luta Marajoara acabou por promover, no contexto de uma das festas mais populares do Marajó, o seu reconhecimento e valorização como um dos principais símbolos da festa e da cultura marajoara, assim como foi decisiva para os seus agentes conduzirem-na a um processo de esportivização.

Para além de conduzirem-na a uma forma mais burocratizada, os atores principais da Luta Marajoara, os lutadores, passaram a criar certos rituais em torno de sua prática no contexto específico da festividade de São Sebastião, a exemplo do ato de beber leite de onça e derramá-lo no adversário após vencer um duelo, como forma de humilhá-lo:

Tinha aquela tradição de tu montar no peito do teu oponente e os caras trazerem o leite de onça e beber montado em cima do teu oponente e ainda jogava no peito dele para humilhar, era um forma de humilhação. Isso porque o meu pai me ensinou isso, meu pai, meu tio, eu aprendi isso com eles na festividade, desde criança. Meu pai

²⁸ O torneio de Luta Marajoara da Festividade de São Sebastião de Cachoeira do Arari é o primeiro evento esportivo de Luta Marajoara que se tem notícia. Foi organizado pela primeira vez em 2002, por Durci Rezende dos Santos e seus familiares (Cardias-Gomes; Souto; Fassheber, 2021).

dizia ‘bora, bora, bebe no peito dele só pra ele se espertar’, cansei de escutar isso. (Ademilton, 2023)

Tal ritual representa uma forma de transgressão temporária dos limites sociais normais. Isso é possível porque a “festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão” (Brandão, 1989, p. 9). Outro ritual que podemos destacar é o ato de convidar/desafiar alguém a lutar. Um convite/desafio feito com certa antecedência e que geralmente apresenta um tom de seriedade combinado com descontração e, por vezes, acompanhado de uma leve ameaça.

É tipo assim, eu conheço um amigo de outra cidade, aí eu já entro em contato com ele. ‘Poxa, eu vou te pegar naquele dia’. As pessoas realmente se encontram, os parentes... Olha, eu tenho um monte de parente que vai chegar agora dia 18 e dia 19, que vem de Belém, de Ponta de Pedras, Soure, Salvaterra. Aí a gente se reúne para aquele exato momento de um querer desafiar, derrubar o outro. (Mario, 2023)

No caso das crianças, os seus responsáveis são os encarregados de emitir o convite/desafio: “Luta com meu filho?”, perguntou um pai devoto a um jovem que prontamente recusou, revelando que o convite/desafio pode ser aceito ou tranquilamente rejeitado. Aceito o convite/desafio para lutar, alguns lutadores, vale destacar, realizam apostas em dinheiro em torno dos combates, explica o lutador Augusto (2023):

Tem muita gente que combina de lutar. Por exemplo, ‘olha a gente vai marcar nossa luta para o dia 10, vai valer tanto’, aí marcam, para ver quem é o melhor, quem não é. Ou então, uma galera se reúne, umas cinco pessoas, pra ver quem é o melhor dos cinco. Aí eles vão lutando entre si. Quem ganhar mais luta é o campeão, é o melhor entre eles, entendeu?

Com base no relato, observamos ainda que Luta Marajoara na festa serve para dizer, por meio do corpo, na ostentação pública de gestualidades e técnicas, aos olhos da família, dos vizinhos e amigos e dos próprios lutadores, quem é o mais habilidoso, o “melhor” e o “campeão”, quem começou a lutar agora e quem não. Serve, enfim, para mostrar o que sabe sobre a luta: “quando vem um e quer lutar não tem jeito, tem que lutar, mostrar o que eu sei” (Augusto, 2023), para se afirmar e reafirmar enquanto lutador, afinal, a festa não serve somente para que sejamos mais felizes, mas para que “possamos dizer-nos uns aos outros e com ou sem a mediação do sagrado quem somos e por quê” (Brandão, 2010, p. 27).

Nos combates durante a festa, cabe destacar a presença de espectadores. A Luta Marajoara na festa costuma atrair muitos curiosos que registram fotos e vídeos, criam narrativas em torno dos resultados, torcem e comemoram cada golpe ou tentativa de projeção do adversário ao chão. Assim, a luta na festa se consolida como uma forma de entretenimento, de interação e fortalecimento de laços sociais, não somente para quem a vivencia, mas

também para quem a prestigia. Na figura 9 podemos visualizar a finalização da luta seguida de comemoração coletiva.

Figura 9 - Finalização e comemoração na Luta Marajoara



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

“Qual a regra da luta? Sujou as costas, acabou”, repetem alguns espectadores, isso por não existir necessidade de domínio do variado leque de técnicas que compõem o universo da Luta Marajoara. Sujar as costas do adversário significa vitória e pode ser vista por todos que estão por perto, a areia denuncia quem perdeu e quem ganhou, não tem como negar ou esconder a derrota e a vitória completa. A posição Pés-Casados também é uma exigência dos espectadores para iniciar a maioria dos combates. Exige-se então o básico da luta, Pés-Casados e costas sujas de areia. Somente os lutadores mais experientes, mais dedicados à luta, aplicam golpes mais difíceis.

Importa destacar que o devoto popular não se importa em se sujar de areia, nem com quem está por perto: “A gente casa o pé e sai lutando, no meio do povo, onde tem lama” (Cláudio, 2023). Por isso, é preciso estar atento a quem está lutando. Durante um combate, uma senhora desatenta acabou sendo levada ao chão, mas logo se recuperou do tombo, enquanto a outra não teve a mesma sorte, precisou ser socorrida pelos bombeiros.

No círculo de areia utilizado para erguer os mastros, a Luta Marajoara pode ser vista antes dos mastros chegarem, depois que chegam e, principalmente, depois que são erguidos com gritos, aplausos e fogos de artifício. Nessa última ocasião, inicia-se um fenômeno que talvez só exista no âmbito da referida festa: dezenas de lutadores começam a lutar ao mesmo tempo. É tanta gente lutando que dá até vontade de lutar também. Ninguém consegue contabilizar todas as batalhas que ocorrem, nem os pesquisadores mais atentos. Os 78 duelos

que conseguimos observar provavelmente não são nem metade de todos aqueles ocorridos. A figura 10 apresenta alguns.

Figura 10 - Um “ringue” a céu aberto



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2024)

Depois de muito lutarem e devotarem, os lutadores-devotos aos poucos vão embora e os combates ficam cada vez mais escassos, mas a festa não chegou ao fim, a noite ainda acontece a Santa Missa de abertura da festividade, a primeira de uma extensa programação religiosa e cultural, que nos próximos oito dias contará com missas comuns, novenas, ladainhas, folias, bingo e pequenas procissões, com destaque para a mais colorida de todas, o “Cordão do Galo”, realizada no dia 15 de janeiro, uma procissão formada por uma multidão de crianças (e responsáveis) montadas em pernas de pau, vestidas de “cavalo” e chapéus de palha, adornados com fitas coloridas de cetim, e segurando bandeiras e brinquedos de miriti.

As crianças não seguem uma imagem de santo, como nas procissões tradicionais, mesmo objetivando homenageá-lo, mas sim uma pessoa fantasiada de galo. Vale destacar que este é um projeto do Arraial do Pavulagem, que surge com a intenção de fomentar e incluir a participação de crianças e adolescentes na festividade de São Sebastião.

Os próximos oito dias preparam para os dois grandes e verdadeiros dias da festividade, o dia 19 e o dia 20 de janeiro, sendo este último o dia de São Sebastião no calendário litúrgico da Igreja Católica. A cidade está vazia de visitantes e até mesmo de cachoeirenses. Alguns começarão a chegar no dia 18, muitos na manhã do dia 19. Vindos para reviver a festa ou para o seu “feriadão”, essas pessoas aumentarão em grande medida o “movimento” da cidade até a noite do dia 20, quando o momento de tombamento dos mastros seguida de procissão, confunde-se com o começo da festividade.

É no período de 19 a 20 de janeiro que as principais atividades da programação cultural da festa acontecem, como a disputadíssima corrida a cavalo, a prova da “argolinha”, o torneio de Luta Marajoara e o tombamento dos mastros. Entre os lutadores intérpretes desta pesquisa, a maioria enfatiza a participação nesta programação: “Participo da corrida de cavalo, da corrida de argola” (Elizionete, 2023); “Eu participo da corrida de cavalo. Sempre faço questão de estar aqui presente no dia. O meu irmão sempre coloca o cavalo dele para correr. Ele é o atual campeão” (Leidimilsa, 2023).

A maioria eu participo. Por exemplo, já ganhei prêmio no bingo, já ganhei um boi no bingo, e de vez em quando a gente participa da missa. E também eu participo da corrida de cavalo, todo mundo vai para essa corrida, e da argolinha. É bacana, é interessante. Isso já acontece há muito tempo, é tradição (Augusto, 2023)

A programação cultural promove um grande engajamento/participação do povo cachoeirense na festividade, principalmente, a Luta Marajoara, até mesmo daqueles que não seguem a religião católica: “São Sebastião é o nosso padroeiro, então todo mundo vai para essa festividade. Não sei os evangélicos... mas até os evangélicos eu vejo também participando” (Augusto, 2023); “Eu sou evangélico, mas eu divulgo (a festividade) porque faz parte da minha cultura e também porque eu faço parte da luta, aí é por isso que eu divulgo, mesmo quando eu morei em Belém, eu sempre divulguei as coisas aqui do Marajó”. (Ademilton, 2023); “Agora eu não participo da festa, festa pra mim é a luta, porque eu sou evangélico agora. A luta eu não quis deixar. Agora ir para festa do santo, ali no barracão eu não vou, eu venho para a festa mais para lutar. Às vezes eu acompanho o mastro, entendeu?” (Cláudio, 2023).

Significa dizer que tanto a programação cultural, em geral, quanto a Luta Marajoara, em especial, são pontos de união entre adeptos de diferentes religiões. Isto é, os lutadores podem até deixar de lado sua veneração ao santo que conhecem desde a infância, porém, jamais abandonam a sua luta tradicional ou deixam de prestigiar as demais manifestações culturais que pulsam na festa. É bem verdade que a perda de certos costumes é inevitável ao mudarem de crenças pessoais. O mais triste e contraditório é o não incentivo dos seus filhos a lutarem durante a festa, o que representa uma ruptura com a tradição, contrariando a expectativa de preservação.

Como visto até aqui, a Luta Marajoara não é somente um atrativo da Festividade do Glorioso São Sebastião, mas sim um dos seus principais bens simbólicos que, regida pela diversão, a nutre com significados, saberes e sentimentos. Os próprios lutadores reconhecem sua importância: “Eu acredito que a Luta Marajoara é um componente muito importante da festividade” (Mario, 2023). Mais do que isso, é possível dizer que, embora aparentemente distintas, a festa e a luta, estão, na verdade, fortemente misturadas, de modo que não se pode imaginar viver uma sem a outra, tanto que um possível apagamento da luta na festa poderia resultar em mudanças no comportamento e na forma como o povo se organiza durante a festividade, isso porque o ser humano precisa de “fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo” (Geertz, 2008, p. 33), ou seja, por ser uma prática já enraizada na festa, a Luta Marajoara fornece “apoio” para as pessoas orientarem suas experiências festivas, em especial o povo cachoeirense.

No primeiro dia de festa, o “ringue” depois de “aberto” dura até o pôr do sol. Sob o crepúsculo cachoeirense, as últimas costas sujas de areia vão embora para casa. Depois disso, os próximos combates deverão acontecer somente no último dia da festividade, durante um torneio específico para a luta, com um estatuto diferente, mas com o mesmo sentimento de orgulho do povo que a gerou e a impulsiona.

3.3 Atrás do bar do Pio, na beira do rio

Para o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2003), cultura é uma produção formada por uma interação complexa entre elementos diversos e em constante transformação ao longo do tempo. A Luta Marajoara é um exemplo emblemático dessa dinâmica. Considerada uma prática “antiga”, ela não permaneceu imutável, mas passou por transformações significativas ao longo dos anos, como os saberes técnicos que a permeiam, que não surgiram de uma única vez, mas foram (re)construídos por gerações de lutadores. Os lutadores mais velhos, quando questionados, quase sempre rememoram suas experiências

ressaltando que “essa luta que eles estão praticando não é realmente a Luta Marajoara” (Pio, 2023), narrativa que reflete mudanças na prática da luta ao longo do tempo.

As comparações entre as práticas de hoje e as do passado são fundamentais para compreender como uma manifestação cultural se adaptou ao contexto das demandas contemporâneas. No caso particular da Luta Marajoara, estas transformações são visíveis quando tecemos comparações entre a sua prática durante o cortejo dos mastros e no contexto do torneio, espaço em que a sua vertente esportivizada se sobressai e evidencia os códigos do esporte já assumidos por esta, quais sejam:

- **Definição de regras:** para organização do torneio determinam-se quais movimentos, posições e técnicas serão permitidos²⁹, os golpes proibidos³⁰, as condutas inaceitáveis³¹ durante a competição, o formato das disputas e o sistema de pontuação³².
- **Arbitragem:** o sistema de arbitragem do torneio é composto por árbitro central³³, juiz assistente³⁴ e juiz de mesa³⁵.
- **Categorização:** divisão dos lutadores por idade³⁶, peso³⁷ e sexo.
- **Padronização:** a área de luta³⁸ deve ser a mesma para todos os lutadores; todos devem passar pela pesagem³⁹ com antecedência; os critérios de eliminação da competição⁴⁰ são aplicados a todos; há uso de uniforme.

²⁹ Entre os movimentos, golpes e técnicas permitidos estão: costas no chão; o “carrega e bate”; o boi vaca; e a passada.

³⁰ Entre os golpes proibidos estão: a “recolhida”; a execução em pé do “abraço do urso” (abraçar a região superior do tronco, prender, tracionar e aplicar a queda do oponente) e da “cinturada” (agarrar pela cintura, prender, tracionar e derrubar o adversário); e o recurso de estrangulamento conhecido como “jacaré”. Também é proibido o lutador atacante prender suas mãos durante a execução do “traço de asa”.

³¹ É proibido ao lutador: passar produtos oleosos no corpo; se apresentar molhado de água ou qualquer outro líquido; usar proteções, como tecidos, esparadrapo ou atadura, nos dedos, mãos, braços, antebraço, exceto em casos de lesão com aval do médico; falar durante a luta; combinar o resultado com o adversário.

³² A pontuação engloba uma série de critérios que quando atendidos valem de um a dois pontos.

³³ É obrigação do árbitro central: ter atenção na execução das regras; não permitir que situações externas comprometam o resultado da luta; exercer autoridade e promover respeito entre os lutadores; ordenar as posições na área de luta; manter os lutadores na área de combate até o anúncio dos resultados; aplicar as regras e definir os pontos e faltas.

³⁴ O juiz assistente tem como responsabilidade permanecer no círculo de luta, posicionado de forma oposta ao árbitro central, movendo-se em direção oposta a ele, com o objetivo de observar cuidadosamente as ações, faltas, golpes e outros eventos que o árbitro central pode não ter visto, especialmente quando se trata da posição “costas no chão”. O juiz assistente deve informar ao árbitro central caso identifique uma finalização, momento em que o árbitro central anunciará o término da luta.

³⁵ O juiz de mesa é responsável por preencher a súmula de cada combate, registrando informações importantes sobre a luta. Além disso, é sua função anunciar, por meio de sirene ou verbalmente, o fim de cada tempo de luta e informar ao árbitro central o nome do lutador vencedor em caso de decisão por pontos.

³⁶ Menor I (Infanto-Juvenil): 14 a 15 anos (com autorização dos pais ou responsáveis); Menor II (Juvenil): 16 a 17 anos (com autorização dos pais ou responsáveis); Adulto (Sênior: 18 a 35 anos; Veterano (Master) I (36 a 43 anos), II (44 a 51 anos), III (52 a 59 anos), IV (60 em diante). Lutadores com idade inferior a 14 anos só participam se o adversário apresentar peso semelhante.

³⁷ A categoria de peso masculino é dividida entre adulto e veterano (50kg em diante), 14 a 15 anos (32kg em diante), 16 a 17 anos (38kg em diante). Já a categoria de peso feminina é dividida em adulto (45kg em diante), 14 a 15 anos (a partir de 28kg), 16 a 17 anos (a partir de 33kg).

- **Premiação** em dinheiro⁴¹, medalhas⁴² e troféus⁴³.

A transformação da Luta Marajoara em esporte é um processo que, nesta pesquisa, será reconhecido como esportivização. Este, tem sido recorrente entre as lutas em uma escala global, tendo alcançado o *taekwondo* (Rios, 2005), a *kirkpinar oil wrestling* (Krawietz, 2012), o boxe, a luta olímpica, a esgrima, o judô esportivo (Mariante Neto; Vasques; Cardoso, 2021) e várias outras modalidades, e está relacionado a uma das consequências do esporte ter se tornado uma forma hegemônica da cultura corporal de movimento (Bracht, 2005).

Segundo González (2014), diversos fatores levam os agentes de uma prática corporal a procurarem sua esportivização, desde supostas virtudes que uma prática ganha ao se converter em esporte, como sistematização, organização e regulamentação, que podem possibilitar seu reconhecimento, até interesses na mercantilização e profissionalização dos agentes. No caso particular da Luta Marajoara, pode-se dizer que o interesse inicial pela sua esportivização atrelou-se à necessidade de organização de eventos esportivos locais (Andrade; Santos; Freitas, 2024) e ganhou novos propulsores com a sua institucionalização, principalmente, com a gênese da Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM), cuja proposta de trabalho é induzir a esportivização desta luta (Santos; Andrade; Freitas, 2023a).

As transformações atuais da Luta Marajoara revelam que esta pode ser reinventada para atender às necessidades e interesses da comunidade que a pratica. Para aprofundar a compreensão das transformações contemporâneas que têm permeado a Luta Marajoara, apresentamos uma análise comparativa (Quadro 4) entre sua versão mais esportivizada, praticada no torneio, e a sua versão mais tradicional, no cortejo dos mastros da festividade.

Quadro 4 - Tradição x Esportivização

TRADICIONAL	ESPORTIVIZADA
regras são flexíveis e opcionais	regras são rígidas e obrigatórias

³⁸ A área de luta é uma superfície de areia delimitada por uma corda formando um círculo de 9 metros de diâmetro, rodeada por um espaço de no mínimo 1,5 metros de largura.

³⁹ A pesagem é realizada no dia anterior ao torneio, no ato da inscrição. O lutador só deve ser aceito na pesagem após ter passado por exame médico, o que nem sempre ocorre. É preciso ainda estar com as unhas “bem curtas”.

⁴⁰ Durante a chamada para o combate, o lutador que não comparecer perderá por W.O. e, da mesma forma, se não alcançar o peso ideal. Se o lutador agir com conduta “antidesportiva” (agressividade, ameaça, violência ou desrespeito) também será desclassificado.

⁴¹ A premiação em dinheiro é para o 1º, 2º e 3º colocados nas categorias de 18 anos em diante.

⁴² A premiação com medalhas é para o 1º, 2º e 3º colocados nas categorias de 4 a 13 anos; e para o 2º e 3º colocados nas categorias de idade de 14 anos em diante.

⁴³ A premiação em troféu será apenas para o 1º colocado nas categorias de idade de 14 anos em diante.

sem golpes proibidos	alguns golpes proibidos
luta quem quer e com quem quiser	categorização por idade, peso e sexo
não há um tempo definido para o combate	defini-se uma duração máxima com intervalos
lutadores podem lutar calçados e descalços	lutar descalço é obrigatório
sem vestimenta específica	incentiva o uso de uniforme
praticada em qualquer lugar com areia, lama, argila, terra ou grama	praticada em um círculo de areia com delimitações específicas
arbitragem não é frequente	presença obrigatória da arbitragem
sem premiação	prêmio em dinheiro, troféus e medalhas
competição é pouco importante	competição é muito importante
pessoas alcoolizadas a praticam	lutadores alcoolizados são desclassificados
falar é permitido	falar é proibido
ganha quem suja as costas do adversário	usa sistema de pontuação

Como pode ser visto no quadro 4, a prática da Luta Marajoara no torneio não é a mesma daquela que ocorre nos seus espaços mais tradicionais, como as festas populares e as fazendas do Marajó. Novas regras e rituais burocráticos somam-se aos combates. Para iniciá-las, ambas exigem a posição Pés-Casados, porém, na sua versão esportivizada, é obrigatório também a presença de um árbitro (na arena dos mastros, em alguns combates há presença de mediadores, que agem inevitavelmente influenciados pela figura do árbitro) que deverá sortear quem iniciará e dar o comando de início do combate com um apito. Antes disso, os lutadores são chamados para se deslocarem até o centro do círculo de areia, para cumprimentar os árbitros que devem verificar as vestimentas dos combatentes e se há uso de brincos, anéis ou outro adorno que possa causar lesões no adversário. Os lutadores, ao cumprimentarem-se com as mãos (outra regra do torneio), ficam em posição de luta, uma postura semi-agachada e com os pés-casados.

O desenvolvimento de um combate de Luta Marajoara, no contexto do torneio, ocorre quando há uso de técnicas, força, agilidade e outras habilidades para desequilibrar, carregar ou projetar o adversário de costas no solo. Porém, no torneio nem todas as técnicas são permitidas. A execução do golpe Recolhida, por exemplo, costuma ser proibida devido a sua contundência. É relevante destacar que, em situações de sangramento ou lesões, um médico atenderá o atleta. Se o sangramento não for estancado ou a lesão não for estabilizada em cinco minutos, o combate será finalizado, o lutador lesionado será eliminado e o seu adversário será

declarado vencedor. Ou seja, enquanto há uma opaca preocupação com a aplicação de golpes que podem causar lesões e traumas graves nos atletas, há também uma nítida preocupação com o que realmente importa em competições esportivas: o espetáculo.

No desenvolvimento da luta, os lutadores devem estar atentos aos critérios para a aplicação de faltas, que ocorrem quando há uma “fuga” do combate (uso de técnicas de outras lutas, por exemplo), uma ação proibida no regulamento ou uma atitude antidesportiva. Caso ocorra falta, o lutador adversário soma um ponto. Inclusive há um complexo sistema de pontuação⁴⁴ utilizado no regulamento do torneio, logo descartado quando o lutador suja as costas do adversário na areia, utilizado então somente quando esta tradicional forma de finalização da Luta Marajoara não ocorre.

Contudo, as costas sujas, assim como cada característica da luta no contexto do torneio, não deixou de ser burocratizada. A finalização a partir das costas sujas de areia só tem validade quando o lutador atacante pressiona e encosta simultaneamente a região superior e as laterais das costas do seu oponente no solo em um tempo suficiente para que o árbitro presencie. É preciso também aguardar o soar de uma sirene para a posição ter validade. Caso o lutador atacante consiga sujar somente a parte inferior ou apenas um lado das costas do adversário, este não ganha a luta, apenas consegue dois pontos de vantagem. É necessário ainda que o lutador atacante tenha domínio da ação sobre seu adversário ou que esta ocorra como consequência direta de uma ação sua. Este é um bom exemplo de como o processo de esportivização burocratiza uma simples característica de uma prática corporal.

Para além das burocracias e distinções fornecidas, a Luta Marajoara praticada no cortejo e no torneio tem suas semelhanças, a exemplo de algumas proibições comuns em muitas modalidades de luta, tais como: soco, cotovelada, joelhada, chute, pisão, dedo no olho, puxar a orelha, arranhar, morder, estrangular ou empurrar. O lutador Augusto ressalta outras:

⁴⁴ É somado um ponto para o adversário: quando o lutador sair fora do círculo de luta pela segunda vez (a primeira vez sofre apenas advertência verbal); quando o lutador o empurra propositalmente para fora do círculo de luta pela segunda vez (a primeira vez sofre apenas advertência verbal); quando o lutador estiver retardando o desenrolar da luta, quer por encenação de lesão ou por outro artifício; quando o lutador foge da ação de combate, foge do círculo de areia ou quando não aceita começar o combate; quando o lutador bloqueia com ação ilegal a técnica calçada; quando o lutador interromper o combate, com exceção de casos de lesão ou sangramento. É também atribuído um ponto ao lutador que: ao executar uma técnica, controla a ação e derruba o oponente, colocando-o no solo em posição prona, lateral, sentado ou de joelho; dominar o seu adversário no solo, na posição para executar o Boi-Vaca; dominar seu adversário em pé, levantando-o completamente acima dos ombros após a aplicação da técnica Calçada, na posição para executar o Bater-Peiado; executar a técnica Passada e lançando o adversário (que tentou aplicar a Calçada) por cima e para trás de si com controle total da do movimento de 180°, mesmo que seu ombros toquem simultaneamente o chão (pois não há domínio do oponente na ação). Conquista dois pontos o lutador que: tocar um ombro ou ambos de maneira alternada no solo durante o desenvolvimento de uma ação no chão; após o domínio de seu adversário no chão, não completar o Boi-Vaca, mas chegar a levantar totalmente do solo o quadril e as pernas do adversário; após o domínio de seu adversário em pé, levantando-o totalmente do solo, acima de seus ombros, não completar o Carrega e Bate, mas chegar a executar a queda do adversário com domínio do movimento.

Puxar o cabelo do adversário e técnicas de outras modalidades não pode, porque tem sempre alguns atletas que, como são de outras modalidades, Judô, Jiu-jitsu, eles querem estar inserindo dentro da competição, só que aí quem é marajoara sabe o que é da Luta Marajoara e o que não é, entendeu? E outras coisas de práticas que já são regras das outras lutas, que não pode mesmo, por exemplo, usar pulseira, cordão, anel, brinco.

Percebemos ainda uma outra significativa similitude: a Luta Marajoara representa uma forma de sociabilidade entre os lutadores das diferentes comunidades do Marajó. Seja no cortejo ou no torneio, a Luta Marajoara proporciona encontro entre os lutadores oriundos das mais diversas localidades da ilha. Lutadores de Soure, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, Muaná, Ponta de Pedras, não raramente, encontram-se na festa com o intuito principal de enfrentar seus antigos rivais. A festa convoca os lutadores, experientes ou não, não só a virem ver a Luta Marajoara, como é o caso do turista, mas verem a si mesmos fazendo sua parte na celebração desta luta tradicional.

Em que pese às diferenciações, podemos ressaltar que a competição na Luta Marajoara assume um papel relevante durante o torneio, uma vez que muitos, senão a maioria, almejam a vitória sobre o oponente, o amigo, o irmão ou o vizinho. O desejo de vencer atua como o impulsionador dos combates:

É porque ela (a Luta Marajoara) se torna mais profissional. Todo mundo quer ganhar ali no torneio, existe uma competição. É diferente. Você vê que na luta normal do São Sebastião, no decorrer do (cortejo do) mastro, as pessoas brincam de lutar, é uma brincadeira. Ali (no torneio) já se torna uma coisa mais séria. Tem que seguir regras, pontuações, já começa a mudar totalmente. Então é muito diferente a Luta Marajoara do torneio para a brincadeira da festividade. Então tem essa diferença aí. (Mestre César, 2023)

Consideramos ainda pertinente destacar uma particularidade da prática da Luta Marajoara que se sobressai durante o torneio: a espetacular execução dos golpes. O torneio tem o poder de reunir os lutadores mais dedicados, o que, por conseguinte, produz inúmeros combates marcados por execuções técnicas plasticamente bem construídas, em que muitas vezes a simetria se enlaça com a beleza do movimento (figura 11), dando orgulho aos marajoaras e resultando em suntuosas performances.

Assim, se muitas vezes o marajoara “por trás de um porte atlético esconde uma vida sub-humana” (Gallo, 1980, p. 145), esconde também um fascínio técnico que permite compreender porque a Luta Marajoara é um dos principais bens simbólicos da Festividade do Glorioso São Sebastião. Um fascínio que atrai uma multidão de devotos e demais curiosos que se aglomeram mesmo diante das altas temperaturas da ilha.

Atualmente organizado principalmente por Nelson Calandrini e Augusto César dos Santos Araújo e seus familiares, este torneio pioneiro, que chegou em 2024 a sua 22ª edição, não sendo organizado em 2021 devido à pandemia de Covid-19, representa um marco para a Luta Marajoara, pois presumivelmente inspirou a subsequente realização de competições similares em outras localidades de Marajó, até mesmo dentro do contexto de festas populares, a exemplo dos torneios específicos no Festival do Camarão em Muaná e na Festividade do Tamuatá em Santa Cruz do Arari. Competições que têm proporcionado um encontro entre a comunidade local e sua herança cultural, bem como dado cada vez mais reconhecimento e visibilidade à Luta Marajoara.

Figura 11 - 21º Torneio de Luta Marajoara



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Nos dias que antecedem o torneio da festividade de São Sebastião, Luta Marajoara significa preparação e treinamento, pois muitos lutadores estão dispostos a conquistarem a premiação em dinheiro e troféu, incluindo as crianças, que treinam até mesmo embaixo de chuva, ao contrário de alguns vaqueiros que não treinam para participar, pois o trabalho árduo na fazenda garante a força e outras habilidades necessárias à luta:

Eu só luto no dia 20 (de janeiro), porque eu não tenho com quem treinar, eu só treino correndo, na lama, meu treino é esse. Não vou à academia, sabe? Só o que eu tenho é vontade e saber um pouco me defender, aí a gente vai lá (no torneio), na coragem. Quando dá, eu luto, agora no dia 20, se Deus quiser, eu vou lutar. Comecei a lutar em 2011, ganhei 2012, 2013, 2014, 2015, na categoria veterano. Só vou na vontade. Trabalho na fazenda, meu treino é esse só. Trabalho com animal brabo, essas coisas. (José, 2023)

O torneio da festividade do Glorioso é programado para começar nas primeiras horas da manhã. Antes de chegarem ao local de competição, no caminho muitos encontram a imagem de São Sebastião em procissão pelas ruas de Cachoeira, acompanhada por fieis devotos, revelando um confronto de horário na programação da indispensável “parte profana” com a “parte religiosa” da festividade (a diocese da região não inclui o torneio no “Programa da Festividade”).

Ao chegarem no espaço de competição, muitos estão sozinhos em suas categorias de peso, então acabam se contentando com a camiseta que ganham de brinde no ato da inscrição. Mais chateados que esses lutadores, estão aqueles lesionados ou adoecidos, que nem sequer puderam se inscrever para ganhar a camiseta. Mas, já aguardam ansiosamente para participar no próximo ano. Sem ninguém na sua categoria, alguns optam por disputar com alguém de uma categoria acima, para não perder a oportunidade de luta, mas dificilmente vencem, o adversário além de mais pesado, tem mais força para aplicar os golpes.

No círculo de areia quente, duelos duram quatro minutos, com intervalo para se limpar da areia e beber água, outros não duram nem um. Devido a incorporação dos códigos do esporte, a maioria dos combates são muito parecidos. Pés-Casados para iniciar a luta, muitos tentam o famoso e humilhante golpe denominado Boi-Vaca, mas raramente conseguem aplicá-lo, o adversário não deixa ser golpeado facilmente, parece grudado no chão com cola e cimento. Eles fazem de tudo para não ter suas costas sujas na areia, os mais impressionantes são aqueles que conseguem girar o corpo tal como um jacaré executa em torno do seu eixo longitudinal. A presença de homens é maior que a de mulheres, cuja participação é quase coadjuvante.

O torneio tem trilha sonora. Repete-se com frequência “Eye of the Tiger” da banda Survivor e músicas do estilo *dance music* dos anos 2000. Quando lembram, tocam as folias de São Sebastião ou o carimbó chamegado de Dona Onete, com destaque para a música “Cachoeira do Arari, Coração do Marajó”, com letra decorada e entoada por muitos. Em se tratando da premiação em dinheiro, esta importa para os lutadores, pois sempre planejam comprar alguma coisa da festa ou a passagem de volta para casa.

Depois de mais de duas décadas de torneio, muitos lutadores já se consagraram lendários por vencerem múltiplas vezes: Xaréu, Iran, Imperial, Piririca, Cabo Otávio. Quando não participam avisam que mandaram representante, o mesmo fazem as lideranças de delegações espalhadas pela ilha, que até contribuem financeiramente para o deslocamento do seu representante.

Os lutadores veteranos dizem que o principal objetivo ao lutar no torneio não é vencer, mas sim não perder, isso para não decepcionar a multidão de parentes e conterrâneos que os acompanham e torcem nas sombras de seus chapéus e sombrinhas, sentindo orgulho da sua luta tradicional e, por vezes, reclamando da falta de atenção do árbitro que permite alguns lutadores iniciarem a luta sem antes casarem o pé, deixando para interrompê-los somente quando as disputas ficam travadas, sem oportunidade de aplicar qualquer golpe, ou quando os lutadores saem do círculo de areia. O medo de perder e decepcionar o público presente fica explícito quando alguns abandonam o árbitro antes dele levantar o braço do vencedor e declarar a sua vitória.

Após a euforia do torneio, muitos lutadores visitantes embarcam de imediato para suas casas, enquanto outros decidem permanecer para a derrubada dos mastros, que acontece poucas horas depois do fim do torneio, antes do pôr do sol. O torneio constitui atualmente o último grande momento da Luta Marajoara na festividade.

As sequências de combates que deveriam ocorrer pouco antes e logo após a derrubada dos mastros não estão acontecendo com a grandiosidade e frequência que ocorreriam a pouco tempo atrás, conforme registrado nas memórias de alguns lutadores: “Inclusive antes de derrubar os mastros, e depois que derruba, é muita gente lutando. É homem, é mulher, é criança” (Mario, 2023); “Aí, quando iam derrubar o mastro e o povo estava reunido, antes de derrubar a gente já estava lutando” (Cláudio, 2023). A prática da Luta Marajoara nesse momento da festividade ainda existe, mas com raridade, posto que o espaço para o devoto se entregar à luta, o mesmo do primeiro dia de festa, foi perdido para a grande estrutura dos modernos shows de artistas musicais. O palco não fica exatamente no espaço de areia dos mastros, mas este é ocupado pelo público presente.

Sem reconhecer o que está acontecendo, alguns lutadores-devotos ainda insistem em lutar no meio da multidão, no pouco espaço de areia restante. Porém, os lutadores mais experientes já reconheceram. São eles que fazem a denúncia. Como se já não bastasse perder espaço para as ruas pavimentadas, agora eles devem ceder mais uma das suas arenas de luta. O desejo de manter vivo os costumes de seus antepassados fica cada vez mais difícil. É a tradição contra a modernidade, perdendo mais uma vez.

Perdida a beleza das lutas, restou o ruído da passagem de som do artista contratado. Esquecidos os golpes tão difíceis de serem executados, restou um vazio de uma tradição não substituída, mas trocada. Se antes a força da Luta Marajoara em Cachoeira do Arari despontava da festividade, essa força está cada vez mais enfraquecida. Para a Igreja Católica,

não interessa se a prática da Luta Marajoara for reduzida ou simplesmente desapareça do contexto da festividade, mas para o povo, interessa tanto quanto o leite de onça.

Porém, mesmo sendo empobrecida de tradições vernaculares, nos termos de Hall (2003), a festa continua, uma festa em honra a um santo – herança dos colonizadores portugueses que não deixou de ser transformada pelo povo marajoara – que tem sobrevivido há várias gerações e, mesmo com suas atualizações para inserção de modernidades não-vernaculares, parece estar longe do seu fim.

SEÇÃO IV

UMA HERANÇA DOS VAQUEIROS

*Velho Mané Grigório:
 Você foi um santo de tanto vaqueirar!
 S. Sebastião lhe deu o lugar que merece,
 Muito bezerro chorão pedia por você quando ficava bom das
 bicheiras...
 Você que rezava pro santo da tiração das esmolas.
 Beijava, benzendo-se, as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...
 S. Sebastião, S. Sebastião, santo dos vaqueiros!
 O senhor bem sabe a fama do velho Mané Grigório por estes campos,
 S. Sebastião! (Dalcídio Jurandir, 1932)*

Na grande Ilha de Marajó, São Sebastião é reconhecido como santo dos vaqueiros, romantizou Dalcídio Jurandir, sendo venerado e homenageado por proteger os gados das pragas e doenças (Barros; Pantoja, 2010), mantendo assim o prestígio de protetor contra moléstias contagiantes, conquistado na Europa do século VIII, quando a Itália foi atingida por um epidemia tão mortal que quase não restou ninguém para enterrar os mortos, e só teve alívio quando construíram um altar dedicado ao santo que continha seus restos mortais (Wall, 2012). Cascudo (2002) registra que São Sebastião também é invocado nas guerras e na escassez de víveres. Com essa proteção, seus devotos não morrem de peste, de fome e nem de guerras.

Em terras cachoeirenses, área de tradição pecuarista, para agradecer a São Sebastião por ter protegido as crias das pestes, dos roubos e da morte, os vaqueiros estão fortemente envolvidos na festividade do Glorioso:

O vaqueiro passa o ano todo trabalhando para quando chegar essa data ele se divertir, agradecer o santo, brincar. O vaqueiro marajoara tem uma grande vantagem de ser verdadeiro. Então, quando ele diz que é grato por tudo que o São Sebastião fez por ele, é porque realmente ele é. (Mestre César, 2023)

Boulhosa (2016) identifica o vaqueiro como a figura humana mais conhecida no Marajó, sendo apresentado como tipo característico da região dos campos, o que decorre da importância da pecuária para a ilha e das contribuições dessas pessoas para o desenvolvimento dessa atividade econômica. Os primeiros vaqueiros da ilha surgiram, de acordo com referida autora, dentro de um regime escravocrata, quando transformações implementadas pela colonização portuguesa, que expandiu a lavoura e implantou a empresa pastoril e sistematizou a pesca, levou a reboque toda a organização sociocultural dos indígenas que habitavam a ilha e os escravizou. A escravização dos indígenas, no entanto, não produziu os resultados esperados pelos colonizadores. Surgiu então a ideia de trazer para o

Marajó a mão de obra dos negros escravizados que, ao contrário dos indígenas, eram resistentes fisicamente e dóceis (Lisboa, 2012). Somados aos indígenas e aos brancos colonizadores, os negros escravizados deram assim origem aos vaqueiros marajoaras.

Com seus traços mestiços, esses filhos de ameríndios e negros, na expressão de Pacheco (2009), apresentam características que lhe garantem certa tipicidade no traje, na montaria, na dinâmica do trabalho (Boulhosa, 2016), nos seus saberes legados pelas gerações que o antecederam (Pombo, 2014). A sabedoria do vaqueiro e sua religiosidade, crenças e tradições, vale destacar, é resultado de recriações entre as populações de negros e indígenas, conclui Pacheco (2009) em sua tese que analisa as relações históricas produzidas nos encontros entre culturas de matrizes orais marajoaras, com matrizes letradas religiosas.

Da sabedoria dos vaqueiros do Marajó, há uma contribuição significativa na construção dos saberes que permeiam a Luta Marajoara, tendo em vista que, conforme será abordado adiante, as fazendas de Marajó são âmbitos tradicionais de prática dessa luta, são espaços para compartilhar e aprender os saberes técnicos que a compõem, uma herança que os vaqueiros deixam aos seus filhos. Não obstante, a associação da luta com o búfalo não tem outro endereço, a não ser o das fazendas da ilha, onde a relação com o animal acontece diariamente. É bem verdade que no Marajó muitas casas possuem búfalo de estimação, mas a relação íntima com o animal é, indubitavelmente, maior no trabalho árduo do vaqueiro, que chega até mesmo a enfrentar o animal:

Eu posso te falar da relação com o búfalo porque o vaqueiro tem esse convívio direto com esse animal. O vaqueiro luta de frente a frente com o búfalo. Tem vaqueiro que nem corre, o búfalo mete a cabeça e ele agarra mesmo o chifre, agarra na braba, já cansei de ver. O vaqueiro tem esse contato direto com o búfalo. Ele bate de frente com o búfalo. O cara agarra aqui na frente e outro já vem (segurando) no rabo e derruba (o animal). Ele (o vaqueiro) luta com o búfalo, literalmente. (Mestre César, 2023)

O búfalo é um dos principais símbolos da cultura marajoara, estando presente na culinária típica da região, na arte popular, sendo usado para o transporte de mercadorias e até mesmo para a locomoção de policiais. Os búfalos, cabe destacar, chegaram ao Brasil de forma desordenada, no início do século XIX, a partir de importação oficial e de animais sobreviventes ao naufrágio de embarcações que transportavam escravos da África para as Guianas (Bastianetto, 2009).

No Marajó, os búfalos teriam surgido também a partir de um naufrágio, quando alguns animais conseguiram nadar e chegar até a ilha. Com o tempo, adaptaram-se muito bem ao clima da região. “Enquanto no período seco o bovino emagrece porque os pastos secam, o búfalo anda sempre bem nutrido” (Pacheco, 2009, p. 64). A cultura bubalina permitiu aos

moradores da ilha descobrir o valor da carne e do leite do animal: “As vacas búfalas, mesmo sem tratamento, produzem uma quantidade enorme de leite” (Pacheco, 2009, p. 64). Além da utilidade do seu couro e chifre, muito valorizados pelos artesãos locais.

A intimidade dos vaqueiros do Marajó com o búfalo é indiscutível. Em sua árdua rotina de trabalho na fazenda, despendem um tempo enorme, alimentando-os, domando-os em seus laços, curando-os, amansando-os, tirando seu leite, conversando sobre eles, ou apenas admirando-os. Uma das formas do vaqueiro marajoara expressar o seu saber-fazer está “nas lançadas seguras quando disparam pelos campos a cavalos domados e inteligentes, atracando chifres curtos, no seu preciso golpe de vista, deixando ver coragem, previsão e conhecimentos dos instintos do gado” (Pacheco, 2009, p. 65). Esse conjunto de saberes e intimidade com o búfalo possivelmente deu origem ao que hoje conhecemos como Luta Marajoara, conforme sugere a versão mais compartilhada e bem aceita na tradição oral da região.

Quando um búfalo percebe que sua posição de liderança no rebanho está ameaçada, ele confronta seu rival abaixando a cabeça, emaranhando os chifres e mantendo os pés no chão. Nesse confronto, o búfalo que cair é considerado perdedor. Jesus e Assis (1997) e Assis (2010) explicam que, no contexto de Marajó, essa prática recebe o nome de “marrada”. A partir da observação desta prática, pontuam os autores com base na tradição oral e por motivos não muito bem explicados, os caboclos locais tentaram imitá-la, usando seus braços para derrubar o adversário, uma imitação que ficou conhecida como “agarrada”, termo criado para se referir a luta antes da criação do termo “Luta Marajoara”. Alguns lutadores cachoeirenses admitem essa inspiração e estabelecem comparação:

Dizem que a Luta Marajoara é comparada com a briga do búfalo, porque os búfalos (durante um embate) vem e ‘pá’, cabeça com cabeça. Aí (na Luta Marajoara), quando o oponente vai (atacar), ele realmente mete a cabeça e vai com a mão ali para tentar pegar a perna do oponente. Fica uma disputa como se fosse realmente dois búfalos brigando, só que não necessariamente usando somente a cabeça, mas também as mãos. (Ademilton, 2023)

Originada da observação dos embates do búfalo ou não, é fato que a Luta Marajoara é percebida como tendo o contorno do búfalo brigando frente a frente com seu chifre, orgulhoso, difícil de ser tombado, com o pescoço estendido, buscando se aproximar do seu adversário com a cabeça, com o dorso arqueado e olhando no olho. Em torneios, alguns lutadores vão além e se valem da criatividade para elaborar gestos de chifre com os dedos e cavar o chão como se estivesse avisando o oponente que está pronto para atacar, gestualidades que remetem ao búfalo.

Na Luta Marajoara, o búfalo ainda representa ampliações da personalidade do lutador, pelo menos no lado masculino. Ser comparado a um búfalo significa ser “forte”, “bravo” e “corajoso”, características que, conforme Rodrigues (2017), são as mesmas associadas ao desenho clássico da figura do vaqueiro marajoara. Um lutador cuja força está acima da sua condição, é por vezes comparado a um búfalo: “O símbolo da bandeira da nossa delegação é um homem carregando um búfalo, ou seja, é a Luta Marajoara representando a força do búfalo, uma mistura do búfalo com o homem, o homem marajoara” (Ademilton, 2023).

Como eu te falei, eu escutei ‘ih, rapaz, esse é acostumado a lutar com búfalo, esse é um búfalo na força’. Então a gente associa a força do búfalo com a força do marajoara. O búfalo é um símbolo do Marajó. Ele tem sim tudo a ver com a história da Luta Marajoara e do vaqueiro marajoara, porque o vaqueiro marajoara é aquele que pratica a Luta Marajoara. Então, não tem jeito, tu não pode tirar o búfalo dessa vivência, ele faz parte dessa história. Tirar ele é cortar um pedacinho da história. Ele pode não ser o marco principal, mas ele faz parte da história, não tem jeito. (Mestre César, 2023)

O búfalo é, portanto, figura simbólica indissociável da prática da Luta Marajoara, assim como a figura do vaqueiro, que antes ou depois de assumir suas responsabilidades na criação, cuidado e manejo deste animal, no seu tempo de ócio, interessa-se por lutar. Nas paisagens de areia, grama e lama das fazendas cachoeirenses, sob os olhares curiosos de búfalos, muitos vaqueiros lutam sob o crepúsculo matutino para aquecer o corpo antes de ir trabalhar: “A gente praticava sempre de manhã para esquentar o sangue. Era só por lutar mesmo, porque nesse tempo não existia federação de Luta Marajoara, como tem agora. A gente lutava mesmo para aquecer o corpo e ir para o serviço” (Antonio, 2023).

Nas fazendas de Cachoeira do Arari, a Luta Marajoara é também um meio para aquecer o corpo antes de tomar banho nas águas frias da região e uma forma de educar a criança para ser forte, ágil, resiliente e com força de vontade. Sua prática pode ainda ocorrer ao final da tarde, no tempo livre do vaqueiro, depois de passar o dia vaqueirando:

Os meus avós sempre trabalharam em fazenda e quando a gente era moleque, no finalzinho da tarde a gente sempre praticava (a Luta Marajoara), desde moleque. O mais prático era tu conseguir pegar a perna do teu adversário e tombar ele. (Mario, 2023)

Porque a gente foi criado assim. Papai sempre antes do banho mandava a gente dar uma agarrada, era a Luta Marajoara. Sem briga, sem nada. Aí a gente vai se esportando, aprendendo a se defender. A gente também não pode se criar muito mole, que se não já sabe, né? A luta ajuda, a gente tem que ter esse exercício. E deu certo. Pra mim deu certo. (José, 2023)

As fazendas de Cachoeira do Arari são, assim, espaços tradicionais de prática da Luta Marajoara, uma manifestação cultural que nesse contexto é transmitida principalmente de pai

para filho, um aprendizado que ocorre então pela convivência, por vezes grupal, à medida que envolve tios, primos, avôs e vizinhos residentes em outras fazendas, uma interação comum em diversos momentos, a exemplo do período de apartação do gado⁴⁵, um trabalho que, segundo Rodrigues (2017), promove interação social entre os vaqueiros de distintas fazendas, que se reúnem por semanas, constroem relações interpessoais, estabelecem laços de camaradagem e sociabilidade.

É dessa interação com os companheiros, com quem compartilham as experiências cotidianas na labuta do serviço, que os seus filhos têm a oportunidade de aprender os saberes que permeiam a Luta Marajoara: “Foi incentivo do meu pai na fazenda, aí chegava o vizinho da outra fazenda e trazia os filhos dele e chamava a gente pra lutar, a gente lutava com fulano e tinha que ir lutar cedo, pé-casado mesmo” (Cláudio, 2023).

Eu lutava com meus primos, com meus amigos de outras fazendas. A gente lutava também porque tinha filho de vaqueiro que se achava melhor lutador, aí a gente praticava, lutava contra o filho dos outros vaqueiros. (Antonio, 2023)

Eu era fã do meu pai. Ele lutou a vida toda. Ele largava um prato de comida, se o cara chamasse, e ia lutar naquela hora ali. Ele trabalhou em muitas fazendas, sempre em Cachoeira do Arari. Fazenda Anajás, Fazenda Bom Jardim, Fazenda Beleite, todas aqui na região de Cachoeira. Assim, a gente começa a aprender a lutar desde criança, porque é uma cultura dos pais. O meu pai bebia com outros vaqueiros e era aquela coisa de mandar os filhos lutarem para eles se divertirem, a ideia era essa. Então a gente lutava enquanto eles ficavam achando graça. A gente chorava e voltava para lutar, porque eles diziam que perder era normal. Então tinha isso, era cultural. E por isso que eu te digo que o marajoara ele luta, ele já tem esse dom, porque os pais já ensinam desde cinco, seis anos, a gente já começa a brincar de lutar. (Mestre César, 2023)

Como pode ser visto no relato dos lutadores, as experiências com a Luta Marajoara na infância contribuíram em grande medida para os lutadores desenvolverem o gosto por lutar, seja nas fazendas ou em outros espaços, como o da Festividade do Glorioso São Sebastião, na qual o vaqueiro está fortemente envolvido. Ou seja, por crescerem em um ambiente no qual o ato de lutar era valorizado, em que havia pessoas com quem lutar e lutadores mais experientes para compartilhar seus saberes de luta, criou-se uma inclinação para apreciar e valorizar essa prática cultural para além das cercas das fazendas, nos espaços que se revelam propícios a esta luta tradicional.

Essa geração de lutadores, herdeira de vaqueiros, em sua maioria não reside mais nas fazendas, mas em centros urbanos, um êxodo rural que, provavelmente, é resultado do interesse por uma educação escolar (Fares, 2017). Contudo, são lutadores que não deixaram

⁴⁵ Trabalho coletivo dos vaqueiros de todas as fazendas, a fim de separar o gado pertencente a uma determinada fazenda que acabou se misturando com o rebanho de outras fazendas durante o verão.

sua herança de lado: “Quando eu vim da fazenda pra cá (Cachoeira do Arari) eu já sabia o que era a Luta Marajoara, aí, como agora eu moro aqui, eu continuei” (Cláudio, 2023).

Aí o que acontece? Tu vem crescendo, tu vem vivendo esse mundo ali, de luta, cavalo, fazenda, então esse é teu mundo. A partir daí a gente começa a crescer, aí tu já começa a pegar 12, 13 anos, aí sim tu já começa a praticar dentro da festa, porque tu já começa a frequentar a festa de São Sebastião. Então a partir desse mundo eu comecei a lutar na festividade. Na festa tu vê menino de 12 anos lutando e lutando de verdade. (Mestre César, 2023)

Olha, é desde moleque, desde criança. Quando a gente ia para a fazenda, nossos tios colocavam a gente para lutar, entendeu? E aqui (em Cachoeira do Arari) como tem o cortejo, a criança, o adulto, todo mundo luta na rua. Então, desde criança mesmo. Eu comecei a lutar durante as férias, as aulas paravam e todo mundo ia para a fazenda. Lá na Fazenda do Fogo é muito grande, tem várias fazendas ao redor, então dava muita criança, muito adolescente. Lá a gente começou essa vida de luta. Eu sempre pratiquei a luta na fazenda e no dia 10 e 20 de janeiro, no cortejo da festividade. (Augusto, 2023)

Olha, eu acho que desde quando eu me conheço por gente, porque meu pai e minha mãe sempre praticaram isso. Depois, quando a gente ficou de maior, sempre a gente tomba aqui na festa de São Sebastião, dia 10, a gente gosta. Aliás, o povo daqui gosta, o povo de fora também. Era uma brincadeira dos antigos, pessoal antigo fazia aquela brincadeira e a gente ia lutar com as crianças, irmão contra irmão, era assim. A gente lutava só com o irmão mesmo, em casa, brincava, aquilo lá e pronto. (Elizionete, 2023)

Com base nos relatos, podemos dizer que os vaqueiros, assim como nas fazendas, encontraram, dentro de um espaço de devoção, a oportunidade para compartilhar seus saberes de luta com seus filhos e amigos, tal como faz a lutadora Leidimilsa (2023): “faz parte da minha cultura, eu adoro. Eu passo para os meus amigos, para os meus familiares. Eu acabo ensinando um pouco da cultura que está no meu sangue”.

Tendo por base a concepção de educação de Brandão (2007), podemos dizer que a Festividade do Glorioso São Sebastião e as fazendas cachoeirenses são, portanto, espaços notáveis de educação para ensinar e aprender os saberes da Luta Marajoara. São “escolas” onde o saber-observar é fundamental e boa parte do ensino é coletivo, pois os pais, avôs, tios e amigos ensinam seus filhos, netos, sobrinhos e vizinhos, desempenhando papel preponderante enquanto preceptores: “Foi assistindo os adultos lutarem na fazenda. O pessoal colocava a gente para lutar. Eu lutava com meus amigos, meus vizinhos, meus primos” (Augusto, 2023); “Meu pai praticava a ‘agarrada’. A gente via ele lutar. A pessoa que mora em fazenda, a primeira coisa que aprende é lutar. Então eu aprendi vendo e venho lutando desde então” (Antonio, 2023); “Eu via meus irmãos lutarem. Quando eles iam lutar eu assistia, aí eu ia pegando. Quando eu vim da fazenda pra cá (Cachoeira do Arari) eu já sabia o que era a Luta Marajoara, aí como eu agora eu moro aqui eu continuei” (Cláudio, 2023); “Só de ver alguém (lutando) a gente já sabe. E aí fui praticando (na fazenda), vim morar pra

cidade, continuei a praticar com os amigos no quintal de casa, na beira do campo de futebol e assim a gente foi aprendendo a Luta Marajoara” (Ademilton, 2023).

Na verdade, a Luta Marajoara a gente traz de berço. Desde criança a gente já vai aprendendo. Vem passando de geração em geração, de tios, avós, entendeu? Os meus pais lutavam, meus avós, meus tios. A gente vai vendo, vai aprendendo. Na festividade de São Sebastião eu participo desde criança. Os meus pais me traziam e a gente ia crescendo, querendo ou não, com aquela influência deles. A gente vai vendo os nossos amigos, vizinhos, os nossos pais. Inclusive eles participavam dos eventos. Aí vai passando de geração para geração e não tem como fugir. (Mario, 2023)

A partir dos relatos, podemos dizer que os saberes da Luta Marajoara são aprendidos por meio do ato de lutar em si, mediante a observação e imitação dos movimentos dos lutadores mais experientes, que os ensinam oralmente. Esta forma de educação é o que Ingold (2010) defende como “educação da atenção”, um tipo de aprendizagem que ocorre a partir da cópia das atividades, não no sentido de transcrição automática de um conteúdo mental de uma cabeça para outra, mas sim de seguir o que as outras pessoas fazem. Envolve um misto de imitação e improvisação, tendo em vista que “copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação” (Ingold, 2010, p. 21). De acordo com esse teórico, a educação da atenção não é um processo de transmissão de informação, mas de redescobrimento dirigido. Nesse processo, o aprendizado ocorre mais precisamente pela noção de “mostrar”, isto é, ocorre quando uma pessoa (tutor) mostra alguma coisa a outra pessoa (iniciante), para que ela possa olhar, ouvir ou sentir e, assim, aprender sobre aquela coisa:

O processo de aprendizado por redescobrimento dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’. (Ingold, 2010, p. 21)

Esta forma de educação parece desempenhar um papel significativo para a Luta Marajoara, pois contribui para perpassá-la de uma geração para a outra, um processo que auxilia na sua (re)construção, ampliando e aprimorando os seus saberes, isso porque a “educação da atenção” não ocorre apenas por meio da enculturação, isto é, da assimilação das representações culturais de uma geração anterior, mas sim por meio de um processo de habilitação, que implica em capacitar e desenvolver habilidades por parte da nova geração, permitindo que alcancem e ultrapassem a sabedoria da geração anterior:

É através de um processo de habilitação (*enskilment*), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a

concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção. (Ingold, 2010, p. 7)

Por meio de uma educação da atenção, a Luta Marajoara tem sido lapidada e ressignificada. Se antes era concebida como uma simples imitação do confronto entre búfalos, por exemplo, com o passar tempo alcançou o *status* de luta, com seus próprios golpes e regras, construídos e reconstruídos a partir de cada geração de lutadores que a praticou. Se hoje tem sido induzida a um processo de esportivização, isso decorre dos interesses da nova geração de lutadores.

As construções e reconstruções contemporâneas da Luta Marajoara, como ser transformada em esporte, para alguns lutadores significa manter viva e disseminar a tradição de prática da Luta Marajoara, pelo menos no centro urbano onde muitos vivem atualmente: “Olha, o torneio foi criado em 2002, então tem pessoas que já conheceram a Luta Marajoara a partir do torneio” (Ademilton, 2023). De certa forma, o processo de esportivização parece, até certo ponto, ter contribuído para a Luta Marajoara ser cada vez mais vista e apreciada na grande ilha, angariando, por meio de eventos esportivos, lutadores de localidades que antes não a praticavam.

Desse cenário, é possível destacar que existe uma nova geração de lutadores urbanos que já não passa pela longa formação pela qual passava a criança da fazenda. Essa nova geração aprende a lutar a partir de centros de treinamento voltados às competições e só luta quando sente afinidade. Em muitos casos, netos de vaqueiros não demonstram mais qualquer interesse pela herança de luta dos pais e avôs, preferem se entreter e se envolver com os conteúdos transmitidos e compartilhados na televisão e na internet, possível consequência do que Hall (2003) concebe como forças dominantes de homogeneização cultural, um processo em que o desenvolvimento de hábitos e uso de símbolos de outras culturas importadas e de modernidades não-vernaculares, tornam-se mais recorrentes do que tradições da cultura local, ao ponto de esterilizá-las. Um dos lutadores admite:

Eu comecei a praticar com sete anos de idade. Quando a gente mora na fazenda... mesmo aqui (em Cachoeira do Arari) a gente começa a praticar bem cedo, hoje mudou um pouco porque as crianças já não são da época de antes. Hoje a criança fica mais dentro de casa, tem televisão, a televisão se tornou acessível para muita gente, tem os brinquedos, tem o celular que prende muito a criança dentro de casa, mas na minha época, eu nasci numa fazenda, de lá a gente ia visitar outras fazendas onde tinha garotos da nossa idade e aí com incentivo dos nossos pais, dos irmãos mais velhos a gente praticava a Luta Marajoara. (Ademilton, 2023)

Tal realidade nos revela que o povo do Marajó, assim como a maioria dos povos da Amazônia, não está isolado no tempo e no espaço; ao contrário, sempre estabeleceram

relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores das culturas, tanto no mundo rural quanto urbano, e em escala global (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009). Em concordância com os referidos autores, é preciso considerar que as manifestações culturais do povo marajoara se expandem pelo mundo urbano e vice-versa, e mesmo que mantenham certas manifestações tradicionais em suas vidas cotidianas, não podemos afirmar que esses grupos sociais não estejam envolvidos em um processo progressivo de diferenciação e transformação.

No caso da transformação da Luta Marajoara em esporte, seus agentes precisam estar atentos para não esvaziar sua prática, evitando dissociá-la de seus elementos culturais e históricos, tornando-a apenas mais uma modalidade esportiva. Um processo que Santos, Andrade e Freitas (2023a, p. 9) denominam de “envenenamento da Luta Marajoara”: “não se trata de ‘assassiná-la’, mas adulterar e/ou apagar sua forma tradicional e histórica”. Um esvaziamento que aparentemente já está em curso, visto que muitos lutadores não mais associam a figura do búfalo à prática desta luta: “Muita gente já questiona que não tem nada a ver. Uns concordam, uns não concordam. O Léo não concorda muito com a relação com o búfalo. Pessoal de Soure já concorda, aí outros não concordam” (Mestre César, 2023). Eis a importância de pesquisas em torno dos saberes históricos, culturais e técnicos que permeiam a prática da Luta Marajoara, visto serem uma forma de registro e preservação, principalmente, para a geração futura de lutadores, de modo especial, e para o povo do Marajó, de modo geral, desses saberes que vieram de um passado distante, de outros tempos.

4.1 Saberes técnicos

Ao transcender a alcunha de “país do futebol”, percebemos que o Brasil se manifesta como uma nação histórica e contemporaneamente vinculada à prática de lutas. No estado do Piauí, registros rupestres de 9.000 A.P. sugerem lutas corpo a corpo sendo praticadas de forma individual e coletiva, com e sem o uso de “armas” (Paiva *et al.*, 2023). No cenário atual, em todas as regiões brasileiras podemos encontrar modalidades de luta sendo amplamente praticadas, sejam importadas ou de origem local, estas últimas em sua maioria parte integrante da tradição de povos originários e nativos e pouco (re)conhecidas na literatura acadêmica, como a luta tradicional *RáRá*, do povo *Kanhgág*, a luta corporal *Piãguá*, do povo Maraguá, e a luta alto-xinguana *kindene*, mais conhecida como *huka-huka*.

O universo das lutas brasileiras é vasto e complexo, pois cada modalidade possui suas próprias técnicas, táticas, filosofias, tradições e história. Tais modalidades de luta detêm, assim, um conjunto de saberes próprios. A luta tradicional *RáRá*, por exemplo, é permeada

por múltiplos saberes do povo *Kanhgág* e envolve rituais de preparação espiritual e física para a sua realização (Juvêncio, 2021), características que a diferencia das demais lutas. Outro exemplo é a *kindene*, uma luta que encerra rituais pós-funerários (*egitsü*) e engloba um composto de saberes tradicionais e modos de vida dos indígenas que a praticam, não sendo, portanto, uma luta constituída unicamente por técnicas e táticas (Costa, 2023).

A Luta Marajoara, assim como outras lutas, é permeada por múltiplos saberes. Ao ser praticada na festa cachoeirense de São Sebastião, um composto de saberes é desvelado. Saberes construídos e reconstruídos pelos próprios marajoaras e repassados a si mesmos já faz mais de um século. Saberes que vem resistindo às transformações contemporâneas sem, todavia, deixar de se transformar. Saberes de um universo muitas vezes hermético àqueles que não são filhos do Marajó. Saberes não ocidentais que têm sido negligenciados e marginalizados em diversos setores sociais, resultado das máximas eurocêntricas da colonização. Saberes aprendidos e compartilhados nas festas de São Sebastião, nas fazendas e nas inúmeras outras “escolas” do povo, tendo a oralidade como principal mediadora, mesmo com todo o arcabouço de tecnologias disponíveis.

Os saberes da Luta Marajoara estão imbricados a diversos aspectos técnicos, históricos e culturais, como aqueles relacionados aos seus marcos de desenvolvimento ao longo do tempo, aos lutadores ancestrais, aos contextos tradicionais de luta, bem como aos símbolos, ações e termos da cultura marajoara associados à sua prática. Devido a essa complexidade, concentramo-nos naqueles saberes referentes às técnicas de combate, quais sejam: golpes e regras, presentes nas narrativas dos intérpretes desta dissertação. Saberes que juntos formam a coluna dorsal da Luta Marajoara.

Os golpes e regras são basilares nas lutas. Cada modalidade possui seus próprios golpes, seja de ataque, contra-ataque, defesa, esquivas ou bloqueios. Em se tratando das regras, estas são as formas mais particulares das lutas, pois costumam variar de uma modalidade para outra, sendo muitas vezes relacionadas à área de combate, tempo de luta, critérios de vitória ou condutas. Em um combate de Luta Marajoara, travado em território cachoeirense, um conjunto de golpes e regras podem ser empregados, como os Pés-Casados, a Calçada e a Recalçada, o Boi-Vaca, o Carrega e Bate, a Enfincada, a Recolhida, a Passada, a Baianada, entre outros, conforme veremos a seguir.

4.1.1 *Pés-Casados*

Uma das principais regras para iniciar um combate de Luta Marajoara em Cachoeira do Arari é a necessidade de “casar” os pés. Pés-Casados (figura 12) é uma expressão que se

refere ao ato de aproximar os pés, de forma que toque na lateral do pé contrário do adversário. Para bem executá-la, os lutadores devem estar frente a frente e semi-agachados. A posição é utilizada tanto para iniciar, quanto para reiniciar a luta. Casar é um termo entendido pelo lutador marajoara como sinônimo de aproximar, juntar, unir. Inclusive a expressão “Pé Unido” é uma variação de Pés-Casados, evidenciaram Jesus e Assis (1997).

Figura 12 - Pés-Casados



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Campos, Pinheiro e Gouveia (2019), ao caracterizarem a Luta Marajoara, constataram ainda, em relação ao início da luta, a posição “joelho casado”, joelhos contrários tocando um no outro, e o “braço casado”, posição em que lutador envolve um dos seus braços no tórax do adversário e o outro é posicionado para trás. No entanto, nas observações dos combates durante a festa e na narrativa dos lutadores, tais posições não se fizeram presentes.

Ainda em relação ao início da luta, destacamos a posição denominada “mãos-casadas”, mãos espalmadas tocando nas mãos do adversário, que também devem estar espalmadas, uma regra constante em torneios organizados no município de Chaves, mas desconhecida entre lutadores cachoeirenses, mesmo estes muitas vezes tocando as mãos do oponente para iniciar o combate.

Na arena dos mastros, no torneio ou em qualquer outro espaço de prática da Luta Marajoara em Cachoeira do Arari, a posição Pés-Casados costuma ser exigida pelos próprios lutadores e por quem os observa, sob pena do combate não ser validado. Casar o pé é o básico na luta, afirma o Mestre César (2023):

Na tradicional não existem muitas regras, a única coisa que tem que acontecer é casar o pé. Tanto no torneio quanto no cortejo tem que casar o pé. Se não casar o pé, não acontece a luta. Luta afastada não vai acontecer, porque nenhum dos dois vai aceitar. É o básico, pés-casados e as costas sujas no chão.

Para Assis (2010, p. 25), a posição Pés-Casados não surgiu sem função, mas sim com o objetivo de obrigar “os adversários a reduzirem o centro gravitacional (umbigo aproximado do solo), nivelando a estatura e consequentemente reduzindo as vantagens entre os adversários”. Fato é que esta posição aproxima os lutadores permitindo o olho-no-olho, característica marcante da Luta Marajoara e frequentemente associada aos embates entre búfalos que também se encaram diretamente nos olhos.

Em termos históricos, mas com carência de mais estudos, o lutador Augusto afirma que a posição foi criada por lutadores cachoeirenses e destaca sua incorporação por outras localidades da Ilha de Marajó, quando criado o “livro de regras” proposto pela Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM).

O pé-casado surgiu aqui (em Cachoeira do Arari). Desde que a gente se lembra e dentro do debate da federação, ele foi sugerido como de origem daqui de Cachoeira. Já foi definido dentro da federação que vai ser pé-casado em todas as lutas, só que a gente ainda não finalizou esse livro de regras, ainda vai ser debatido algumas coisas, mas a questão do pé-casado já foi debatida, então vai ser inserido, todos os municípios vão adotar o pé-casado. (Augusto, 2023)

A criação de um livro de regras está entre as propostas da FPLM para conduzir a Luta Marajoara a um processo de esportivização (Santos; Andrade; Freitas, 2023a). O intuito é alcançar uma universalização das técnicas da luta, isto é, que a Luta Marajoara seja praticada com o mesmo conjunto técnico nos eventos esportivos organizados pela entidade. A posição Pés-Casados, por exemplo, seria elegida de forma universal por todos os lutadores ao iniciarem um combate, independentemente de ser uma regra particular e de origem cachoeirense. Por esse motivo, concordamos com os mencionados autores quando alegam que ao deliberar tal interesse, faz-se necessário estabelecer diálogo não somente com a minoria que compõe a federação, mas também com os lutadores e demais indivíduos envolvidos com a luta, tanto para garantir legitimidade e credibilidade, como para encontrar consenso que assegure que a luta tradicional do Marajó não seja descaracterizada frente a esse processo.

Para além dos Pés-Casados, outra regra de igual importância na Luta Marajoara é a obrigatoriedade de sujar as costas do oponente no chão (Figura 13). As lutas que iniciam com agarre, geralmente, finalizam com a projeção e imobilização do adversário no solo (Espartero, 1999), o que diferencia a finalização na Luta Marajoara da finalização de outras lutas é, justamente, a necessidade de sujar as costas do oponente. A imobilização não é tão relevante, pois sujar as costas é suficiente para garantir a vitória e a derrota completa.

Figura 13 - Costas de areia



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Devido às influências das características ambientais do Marajó dos Campos, composta por paisagens de areia, grama e lama, o ato de sujar as costas do adversário tornou-se uma regra inextricável da Luta Marajoara. Para o Mestre César (2023), “as costas no chão é o ponto mais forte da Luta Marajoara. Sujou as costas, acabou a luta”. Na arena dos mastros, sujar as costas é suficiente para ganhar a luta. Por outro lado, no torneio do dia 20 de janeiro,

conforme exposto na seção anterior, consta no regulamento do evento a necessidade de aguardar o soar de uma sirene para a posição ter validade, assim como a necessidade de sujar toda a região das costas do adversário na areia. Caso o lutador consiga sujar somente a parte inferior ou apenas um lado das costas do adversário, este não ganha a luta, apenas consegue dois pontos de vantagem, um bom exemplo de como o processo de esportivização burocratiza uma simples característica de uma prática corporal.

4.1.2 *Calçada*

Concebida por Campos, Pinheiro e Gouveia (2019, p. 212) como “uma técnica de agarrar o oponente pela nuca, tórax ou membros superiores, bloquear (calçar) uma das pernas do adversário para projetá-lo ao solo”, a Calçada, na Luta Marajoara praticada em Cachoeira do Arari, refere-se ao ato de segurar, controlar e elevar uma ou ambas as pernas do oponente, com o intuito de desequilibrá-lo e, subsequentemente, projetá-lo de costas no chão, conforme afirma o lutador Ademilton (2023): “Calçada é o ato de atacar uma perna ou as duas pernas do oponente, é o que a gente chama de ‘calçar’. A gente tem que levantar o oponente e jogar ele de costas no chão”.

Mestre César explica que a aplicação da Calçada durante o cortejo dos mastros ocorre após consenso entre os lutadores ou de forma inesperada, enquanto no torneio, depende do sistema que sorteará um dos lutadores para dar início ao confronto:

Tem a tradicional da festividade e a do torneio, a diferença é que na Luta Marajoara tradicional o teu adversário te convida: ‘po, mano, bora fazer uma engatada’ Ele te convida, tu vais. Os caras casam o pé e aí começa a luta. Às vezes uns dizem ‘po, mano, a calçada é tua’, para dar início. Tem uns que nem falam isso, casam o pé e já vão lutar. A calçada então é pegar nas pernas. A do torneio já é diferente, você vira de costas, tira par ou ímpar, quem ganhar no par ou ímpar é que vai dar a primeira calçada. O torneio já acaba fugindo um pouco da realidade. Sempre tem que falar das duas formas para as pessoas poderem entender.

A diferença entre a Calçada apresentada por Campos, Pinheiro e Gouveia (2019), que envolve membros superiores do corpo, e a relatada por lutadores cachoeirenses, restringida a região das pernas, existe devido às variações na prática da Luta Marajoara que ocorre de um município para o outro. É o que explicam os lutadores ao estabelecerem comparações entre os combates de Cachoeira do Arari e aqueles realizados nos municípios de Soure e Salvaterra:

Aqui, em Cachoeira do Arari, a gente luta embaixo, da cintura pra baixo, a gente pega na perna, que é a calçada, para fazer a finalização no chão. Já o pessoal de Soure e Salvaterra luta mais em cima, a luta é mais ‘cinturada’, eles dão ‘lambada’, fazem questão de golpes da cintura para cima, entendeu? (Augusto, 2023)

Não se pega no meio, porque geralmente lá em Soure eles nem vão nas pernas, já vão no meio (do corpo), dar a ‘cinturada’. Aqui (em Cachoeira do Arari) é cintura pra baixo. Se tu for em cima os caras vão logo te ‘encarnar’⁴⁶: ‘égua, tu é doido, que luta é essa? Tá ficando doido? É perna’. É isso, essa é a calçada, que inicia assim: ‘po, mano, bora fazer uma engatada, qual é a primeira a minha ou a tua?’, ‘não, mano, a primeira é tua’. Então tu já sabes que o cara vai na tua perna e ele não fala mais nada, porque tem que tá ligado, entendeu? Casou, encostou, o cara já vai, e é porrada certa. (Mestre César, 2023)

Nas arenas cachoeirenses de luta, a Calçada é um dos primeiros golpes aplicados, o que pode ser explicado pelo fato de muitos lutadores iniciarem os combates com uma postura semi-agachada, que favorece a aplicação da técnica. Vale destacar que a postura semi-agachada para iniciar a Luta Marajoara é mais exigida na comunidade de lutadores cachoeirenses, isto é, há flexibilidade para lutadores não-cachoeirenses iniciarem a luta em uma postura menos agachada.

É totalmente diferente o estilo de luta de Cachoeira do estilo de luta de Soure. A nossa é aquela luta agachada, mão com mão e pés-casados. Lá (em Soure) geralmente eles ficam um pouco mais altos. Isso aí eu costumo dizer que são estilos de luta diferentes. Não significa que não seja Luta Marajoara, que a gente esteja certo ou eles estejam errados. São estilos de luta diferentes. (Mestre César, 2023)

A priorização de uma postura mais agachada, contudo, não significa que lutadores cachoeirenses aplicam somente técnicas em membros inferiores do corpo. Há aplicação de técnicas, seja para segurar e/ou projetar o adversário, em membros superiores, conforme veremos mais adiante.

4.1.3 *Recalçada*

Classificada pelos próprios lutadores como um golpe de ataque, a Calçada pode não ser aplicada, o que depende da agilidade do oponente. Surge então a oportunidade de contra-ataque, que pode ser aplicado com a mesma técnica da Calçada, dessa vez “em sentido oposto para defender e/ou projetar o oponente ao solo” (Campos; Pinheiro; Gouveia, 2019, p. 212), o que os lutadores criativamente denominaram de Recalçada:

A recalçada é um contra-ataque, porque eu espero tu me atacar para eu me aproveitar do seu ataque e também te atacar. É quando o lutador vai calçar e o adversário se projeta mais embaixo do que ele. Eu vou tentar calçar, só que ele (o adversário) veio mais embaixo e me calçou primeiro, essa é a recalçada. (Ademilton, 2023)

A recalçada é quando eu vou te pegar e você vai mais embaixo, ou seja, se tu der uma brecha para um lutador que for muito rápido e se tu for um pouco em cima, ele te pega lá embaixo. Então ele tá te ‘recalçando’. Acontece muito isso em Santa Cruz (do Arari). Aqui o pessoal faz, mas já não é com tanta facilidade que aqueles caras de Santa Cruz têm. Os caras são bons, mano. Se tu vacilar, se tu der uma brecha,

⁴⁶ Zombar ou tirar sarro de outra pessoa.

eles vão lá e te pegam. Isso porque a calçada era tua, mas os caras são tão rápidos que eles conseguem te ‘recalçar’. Então o próprio nome já diz, ‘recalçar’. (Mestre César, 2023)

A gente calça, mas o cara mais esperto ‘recalça’. A calçada é embaixo, aí quando o cara é vivido mesmo, é esperto, acostumado com a Luta Marajoara, ele ‘recalça’. Aí pega o cara e tomba. A recalçada é mais embaixo, pegou lá, o cara não tem apoio. A recalçada é na perna, pega ele, ele monta aqui, o cara levanta e ele cai. Às vezes ele não tem nem mais condições de voltar para lutar. (José, 2023)

Enquanto a Calçada é frequentemente aplicada por lutadores cachoeirenses, o mesmo não se pode dizer da Recalçada, cuja aplicação é relativamente rara, ocorrendo, conforme observado no relato do lutador César, com maior frequência entre lutadores de Santa Cruz do Arari, que geralmente são vaqueiros (quando observamos a participação dos lutadores nos festejos de São Sebastião) e, portanto, lutam não somente no período da festa, mas nos amplos campos das fazendas da região, no seu momento de ócio. Ou seja, é provável que, devido ao trabalho árduo de vaqueiro, o qual demanda destreza no manejo do gado, eles acabem desenvolvendo a agilidade necessária para a execução dessa técnica.

4.1.4 *Boi-Vaca*

Na Luta Marajoara, os saberes técnicos são designados a partir do imaginário, de ações, termos e símbolos marcantes da cultura marajoara. O Boi-Vaca, também denominado de Boi Laranjeira, por exemplo, foi assim nomeado a partir do entendimento de uma certa superioridade do boi perante a vaca. Como discutido anteriormente, ser comparado a um búfalo significa ser “forte”, “bravo” e “corajoso”, já ser comparado a uma vaca, teria um sentido oposto. Isso justifica, em partes, porque o Boi-Vaca é um golpe de humilhação para quem o recebe: “Pra gente é o boi que vira vaca, então é vergonhoso, ninguém quer pegar um boi-vaca” (Mestre César, 2023). Favorito entre os lutadores, o Boi-Vaca é também considerado um golpe de humilhação para quem o recebe por ser executado com a mão nos órgãos genitais do adversário:

Pega, mas pegando pelos ‘ovos’ (testículos) mesmo. ‘Amassa’ (pressiona) a cabeça e trás. Muita força. O peão não vai pegar perna, mano. Se tu fosse na questão do cuidado seria a perna, mas o peão já leva os teus ‘ovos’ com tudo, ou tu vira ou esmaga tudo, o peão é bruto. Tu vai dizer que o cara vai escolher parte (do corpo)? Não, o cara pega e dá-lhe e gira. O sistema é bruto, a Luta Marajoara é muito rústica. Você tá de quatro ali e o cara te vira ao contrário, já pensou? Então ninguém quer (ser golpeado com) o boi-vaca. O pessoal fala ‘Ei, deu boi-vaca, acabou, terminou tudo’. Os caras ‘encarnam’. Então ninguém quer pegar um boi-vaca. Ele é o mais forte de todos os golpes e ninguém quer pegar. Pode pegar uma recolhida, uma recalçada. (Mestre César, 2023)

Tem o boi-laranjeira que a gente fala. É quando tu tenta projetar o teu oponente quando ele se joga de barriga no chão. É uma oportunidade de tu virar ele de costas

e colocar teu braço por baixo do braço dele, segurando na nuca, amassando a cabeça dele pra baixo e com a outra mão tu podes colocar entre as pernas dele e projetar ele de costas. Inclusive, é um golpe que tu humilha o teu oponente, se tu pegar um boi-laranjeira na Luta Marajoara tu sai humilhado dali, é por isso que ninguém quer pegar o boi-laranjeira. Esse golpe também muda o nome por região, aqui a gente chama de boi-vaca, mas em outros lugares chamam de boi-laranjeira. (Ademilton, 2023)

Tem o boi-laranjeira. Tem uns que chamam de boi-vaca e outros de boi-laranjeira. Essa daí é uma das técnicas mais usadas na Luta Marajoara, nela tu puxa (o adversário) pelo pescoço e joga ele ao contrário, para sujar as costas. (Mário, 2023)

Olha, tem o boi-vaca que o pessoal gosta muito de dar. Eu gosto, mas nem toda vez o adversário deixa a gente fazer a luta fácil, o boi-vaca não é fácil, é difícil, mas quando tem uma chance, né. E é bem animado (se referindo ao público do torneio) quando damos um boi-vaca. (Elizionete, 2023)

O Boi-Vaca, também conhecido como Onze-Quedas (Assis, 1997), é um golpe que ocorre mais exatamente quando o lutador domina o oponente, que está em posição de seis apoios (com as duas mãos, os dois joelhos e os dois pés no chão), com uma das mãos na região da nuca e a outra na região genital, e executa um movimento de rotação do seu corpo, que passa então de uma posição para a outra de forma controlada, resultando em sua projeção de costas no chão. A figura 14 apresenta o momento de execução do golpe.

Figura 14 - Boi-Vaca



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

De acordo com Campos, Pinheiro e Gouveia (2019), o Boi-Laranjeira é uma ação de ataque ou contra-ataque. Como ação de contra-ataque, acontece, segundo Assis (2010), após

uma tentativa de “cabeçada” contra o abdômen do adversário, que ao esquivar-se provoca a queda do seu oponente em posição quadrúpede, propiciando, assim, o contra-ataque.

4.1.5 *Carrega e Bate*

Os saberes técnicos da Luta Marajoara também costumam ser designados a partir de referências óbvias, sendo que, por vezes, não precisam de explicação, outras a explicação não existe ou não foi possível encontrar. O Carrega e Bate é um golpe assim designado devido ao modo que é executado, não precisando de muita explicação para entendê-lo: “Tem o Carrega e Bate que é carregar o cara e trazer ele (ao solo de costas)” (Mestre César, 2023).

Antes executado apenas dominando o oponente, levantando-o na altura dos ombros e jogando-o de costas no chão, o Carrega e Bate, segundo o Mestre César, precisou ser modificado. Agora para ser aplicado é necessário conduzir, com total domínio do movimento, o adversário de volta ao solo preso nos braços, movimento chamado de Bater-Peiado.

Por conta de alguns acidentes que tiveram, uns caras que jogavam mesmo o adversário, carregava lá em cima e jogavam, foi proibido. Então, hoje em dia tu tem que carregar o cara e vir junto com ele, trazer ele para o chão. Aqui eles deram o nome de ‘bater peiado’, que é carregar e trazer ele (o adversário) junto, não podendo jogar. (Mestre César, 2023)

Aí o oponente ele é projetado da altura do nosso ombro e ele vem simplesmente com as costas, ele não tem uma maneira de amortecer a queda dele, é uma queda que é brusca mesmo. Tem uns que dizem assim ‘carrega e trás peiado’, por quê? Porque tem gente que só carrega o cara e joga, e aí no meio do caminho tem lutador que é muito esperto e ele consegue virar o corpo e mete uma perna para amortecer, ou cai de lado ou cai de barriga. Só que tem uma forma de ‘peiar’ que é quando eu suspendo ele, passo o meu braço, segurando as duas pernas, e com a outra eu seguro o pescoço ou braço, aí não tem como ele meter braço, meter perna, não tem. Aí eu trago ele de costas, eu trago ele ‘peiado’, não tem como ele (não cair de costas). É como se ele tivesse amarrado. Se ele cair com as costas chapadas acabou a luta, porque o objetivo da Marajoara é sujar as costas. Sujou, acabou. (Ademilton, 2023)

O cara ‘marcou’⁴⁷ a gente segura ele, carrega lá em cima, joga ele de costas e vem junto pra ele não ter a chance de distorcer, porque se jogar (de qualquer jeito) ele pode tá preparado e não cai (de costas). Tem que vir junto pra ele sentir o peso da gente. Segura ele pra encostar as costas e solta. (José, 2023)

De acordo com o lutador Ademilton, o Carrega e Bate dá base para outras técnicas da Luta Marajoara, pois ao carregar o oponente, tem-se algumas alternativas para conduzi-lo de volta ao solo. Caso o adversário seja jogado de cabeça, por exemplo, surge assim um dos saberes técnicos mais traumáticos da Luta Marajoara: a Enfincada.

Carregar e bater é carregar e jogar (o oponente) no chão, agora como ele vai ser jogado no chão é o que define o nome do golpe. O carrega e bate é a base de outros golpes, o que vai definir é a finalização. Eu posso jogar o cara de costas, eu posso

⁴⁷ Ficou desatento.

jogar ele de cabeça, eu posso jogar ele de lado. Por exemplo, na enfincada eu vou carregar e eu vou bater, só que eu vou bater ele de cabeça, entendeu? (Ademilton, 2023)

Interessa destacar que a forma como os lutadores cachoeirenses executavam o Carrega e Bate, sem “bater-peiado”, parece se encaixar na definição da técnica denominada Baiana evidenciada por Campos, Pinheiro e Gouveia (2019, p. 212): “é o ato de agarrar o oponente pelo tórax, levantando-o o mais alto possível para arremessá-lo de costas ao solo”. É bem possível que estas fossem as mesmas técnicas, com denominações diferentes, possibilidade decorrente da variação de tais saberes técnicos de uma localidade para outra do Marajó.

4.1.6 *Enfincada*

O marajoara, especialmente o vaqueiro, tem um vocabulário muito particular, constituído por termos muitas vezes inventados: “O modo deles (vaqueiros) falarem é diferente. Quando eu fui crescendo eu já fui escutando esse tipo de palavreado” (Ademilton, 2023). Quem não é filho do Marajó, dificilmente entende de imediato alguns termos. Para nomeação dos saberes técnicos da Luta Marajoara, os lutadores parecem ter incorporado esse léxico de maneira significativa. O golpe Enfincada, por exemplo, também denominado de “Infincada” e “Fincada”, foi assim batizado devido a semelhança com o ato de “enfincar” (cravar) uma estaca de madeira no solo, ação recorrente na construção de cercas nas fazendas, isso porque esse golpe, que pode vir a ser fatal, acontece, a grosso modo, quando o adversário é carregado e em seguida jogado de cabeça no chão.

A nossa fala raiz mesmo é ‘infincada’, não é nem ‘enfincada’, é ‘infincada’. A enfincada é o seguinte: quando o pessoal que trabalha na fazenda vai fazer a cerca, aí faz a ponta do esteio, a gente fala ‘infincar o esteio’, a gente não fala ‘a gente vai enterrar’. Pega o esteio e ‘tchan’, de ponta, né. Aí na infincada eu peguei o meu oponente, nas duas pernas, eu levanto ele e jogo ele de cabeça no chão. Essa que é a enfincada. É por isso que a enfincada foi tirada quando virou esporte, ela é muito perigosa, porque tem risco de quebrar o pescoço do oponente, entendeu? (Ademilton, 2023)

A enficanda é mais ou menos quando tu pega o cara e joga, só que ele vai de cabeça. Também foi proibida, é pescoço. Essa daí eu até concordo que é perigosa. Já pensou pegar o cara e jogar ele de ponta cabeça? É a mais perigosa que tem. Aí sim, eu sei que é um golpe traumático. Como é que tu vai te defender se tu tá no alto e tu vens de ponta cabeça? Ou saca o braço ou saca a mão. Aí entra na questão de golpes traumáticos. E ainda tem mais, tem uns que jogam pra frente, mas tem outros que jogam pra trás. Tanto que chegou a falecer um rapaz, jogaram ele, não por maldade, porque era da luta, ele bateu com a cabeça no cimento e acabou falecendo, bem na frente do hospital. Eu estava lá nesse dia e foi muito triste essa morte, o cara gostava de brincar, só que tava bebendo. Como eles estavam bebendo, não tiveram o cuidado de dizer ‘não, bora mais pra lá’, porque a Luta Marajoara é onde dá mesmo. (Mestre César, 2023)

Campos, Pinheiro e Gouveia (2019) ressaltam a necessidade de domínio total do tronco e dos braços do oponente para execução da Enfincada. Assis (2010, p. 26), por sua vez, alega que o golpe é resultado de uma “cabeçada” malsucedida:

Para não perder o golpe o lutador que tenta a cabeçada, não conseguindo sucesso, passa seus braços por trás do corpo do opositor, entrelaçando suas mãos em suas costas, consequentemente imobilizando seus braços, com um único movimento lança-o para cima e para traz. O lutador sem chance de se defender do choque com o solo vai com a cabeça de encontro ao mesmo, o que dependendo da situação pode também ocasionar a fratura de pescoço atingindo a região da coluna cervical e podendo provocar a tetraplegia e até a morte do lutador.

A Enfincada, como visto, é uma técnica proibida no torneio da festividade de São Sebastião e dificilmente vista sendo aplicada durante o cortejo dos mastros, realidade que tem contribuído para apagá-la do repertório da nova geração de lutadores, seja por estes conhecerem a Luta Marajoara somente a partir da festa ou por medo de lesionar alguém.

4.1.7 *Recolhida*

Os saberes técnicos da Luta Marajoara são produto da criatividade, da força e outras habilidades do caboco do Marajó, que geralmente possui porte atlético. A maioria dos seus golpes não são simples de executar e, em alguns casos, dependendo da combinação de força, peso corporal e choque proporcionado pela queda no solo, a aplicação de alguns golpes pode resultar em uma fratura de cervical, resultando em tetraplegia ou até mesmo óbito (Assis, 2010), como é o caso da Recolhida:

Tem a recolhida, que é um pouco perigosa, que é quando tu tenta pegar seu oponente na perna e ele agarra pelo teu tórax, pelo teu tronco, se projetando de costas. Só que ele (o golpe) pode machucar o rosto, (porque) geralmente ele (o adversário) vai com o rosto na terra, tanto que nas competições a recolhida é proibida. Essa daí eu não gosto. Foi um golpe banido porque era muito perigoso, é um golpe maldoso, porque tu não tá com o objetivo de sujar as costas e tá prendendo o braço do teu oponente para que ele não tenha chance de defesa, de defender o rosto, porque ele vai de rosto no chão. Aí quebra o nariz. É um golpe violento. (Ademilton, 2023)

A recolhida é quando o cara mete a cabeça, aí o cara prende os braços dele com a mão. No torneio não pode, na tradicional pode. A gente segura no short do cara, já tá preso o braço, eu já prendi o braço, prendo os dois braços, seguro no short e me jogo de uma vez para trás. Os caras dizem assim ‘olha, cuidado com a testa dele no capim, porque ele vai levando com tudo’. É porque, antigamente, onde era que se lutava? Ou era na lama ou era na grama. Em Cachoeira não existia asfalto, as pessoas lutavam ou na lama ou na grama. Até entendo porque no torneio eles tiraram, mas não pode tirar da Luta Marajoara, é dela. Era um subterfúgio que o cara tinha, entendeu? (Mestre César, 2023)

Os golpes traumáticos, todavia, são minoria quando observamos todos aqueles saberes técnicos que perpassam um combate de Luta Marajoara. Na verdade, são somente dois: a

Enfincada e a Recolhida. Por isso, estas são frequentemente excluídas de eventos esportivos, o que não significa que deixam de ser aplicadas em espaços que não as proíbem.

4.1.8 *Passada*

Assim como o Carrega e Bate, a Passada é uma técnica denominada a partir da sua execução, do ato de passar o adversário de um lado para o outro. Ainda que seja uma denominação simples, os lutadores sentem notável dificuldade em explicar como executá-la. É difícil apresentar, apenas com palavras, algo que se costuma saber-fazer somente com as mãos, pés, força, agilidade e outras habilidades corporais. Porém, fazem o esforço: “ocorre quando o lutador deixa o oponente pegar a sua perna para em seguida pegar pelo meio (do corpo) dele e jogar ele, como se fosse sentar” (Augusto, 2023).

A passada é aquela quando o cara vem, que tu vem de uma vez e ele te abaixa, tu já foi, tu já passou, tu já deu a ‘passada’ nele. Às vezes tu nem consegue jogar o cara, ele passa mesmo. É uma passada, tu passou, é muito parecida com a recalçada. A diferença da recalçada é que o cara pega o cara e segura, essa é a diferença dela. (Mestre César, 2023)

A passada é quando o cara vem com muita força. A gente ‘laja’ e ele passa para o outro lado, às vezes ele não consegue cair. Ele ‘calça’ a gente, a gente pega ele e ele passa, vai embora. Às vezes ele consegue cair, às vezes tá esperto também, tá parado, mete o pé, a mão. Às vezes ele cai de costas, às vezes ele dá de lado, claro que não é a queda de lado, só quando suja as costas. (José, 2023)

Com base nos relatos e na observação de alguns combates, compreendemos que a Passada ocorre após uma tentativa de aplicação da Calçada, quando o lutador contra-atacante se aproveita da curvatura do oponente para agarrá-lo pela cintura e projetar-se para trás, como se fosse sentar, o que leva o adversário a cair rolando para frente, sujando, assim, as suas costas no chão. Ao se projetar para trás, o lutador suja não apenas as costas do adversário, mas também as suas, o que levou a exclusão de tal golpe do torneio da festividade, com a justificativa de que, em um combate de Luta Marajoara, somente um único lutador pode ter as costas sujas. Atitude duramente criticada por alguns lutadores veteranos, uma vez que não se trata de um golpe traumático, mas de uma técnica que apenas gera dúvidas em relação à finalização tradicional da luta.

4.1.9 *Lambada*

A Luta Marajoara é, indubitavelmente, carente de mais pesquisas e não somente na área da Educação e da Educação Física, nas diversas áreas, como forma de abranger a complexidade de sua prática. Pesquisas que contemplem a sua estética, sua linguagem,

tradição e história, cultura e identidade, entre outros aspectos, são urgentes e necessárias. O cenário atual de pesquisas (incluindo esta dissertação) não tem sido suficiente para mapear e analisar todos os saberes técnicos da Luta Marajoara, tampouco para entender a origem de cada termo que os batiza. Essa é uma tarefa complexa, que exige mais tempo em campo, novas questões de pesquisa, sobretudo mais relatos de lutadores, de preferência de localidades diferentes do Marajó. O golpe “Lambada”, por exemplo, aparece no relato de lutadores de Cachoeira do Arari, porém, a sua origem, incluindo o motivo pelo qual os lutadores escolheram tal denominação, permanece um mistério na literatura acadêmica.

A Lambada é uma técnica que muitos lutadores de Cachoeira do Arari, ainda que muito experientes, desconhecem, e os poucos que a descrevem nos permitem dizer que esta ocorre a partir de uma projeção lateral do oponente ao solo: “é quando o lutador vai fazer a entrada, aí ele pega e joga para o lado o oponente” (Augusto, 2023).

O que eu entendo por lambada é quando o oponente pega por entre os braços dele e (inaudível) com a cabeça para baixo, que a gente chama de ‘traço de asa’, e tenta jogar ele pro lado. Traço de asa é quando tu vem na minha perna e eu meto meu braço por dentro dos teus braços, subindo nas tuas costas. Aí o que eu faço? Eu vou ‘lambar’ o cara pra tentar jogar ele de costas. Eu ‘lambo’ o cara. (Ademilton, 2023)

Campos, Pinheiro e Gouveia (2019, p. 212) parecem ter resumido bem como ocorre a aplicação da Lambada: “é uma técnica de agarrar o oponente pela nuca, tórax ou membros superiores e projetá-lo ao solo lateralmente”. Porém, ainda que certas generalizações sejam possíveis, como a relação com a cultura marajoara, faz-se necessário ressaltar a importância de aprofundar os aspectos históricos e culturais específicos que influenciam cada golpe, cada regra, cada saber técnico que permeia a Luta Marajoara, isso para desvelar as variações dos seus saberes técnicos de uma comunidade de lutadores para a outra e para entendermos o que de fato pertence a esta luta tradicional e o que não pertence.

4.1.10 *Espalhada*

Na linguagem do lutador marajoara, espalhar é um termo utilizado quando alguém estende os braços ou as pernas durante a luta: “Abriu o braço ou a perna, a gente chama de espalhar” (Ademilton, 2023). Nessa lógica, chamam de Espalhada (Figura 15), a técnica de defesa que ocorre quando o lutador, na tentativa de evitar ser golpeado, joga as pernas para trás, estendendo-as: “A espalhada é quando tu pega o teu oponente e tenta jogar ele de costas e ele dá o jeito de cair de barriga no chão, então ele se espalhou no chão” (Ademilton, 2023). Vale destacar que, seja no torneio ou na arena dos mastros, uma parcela significativa de lutadores, na tentativa de evitar serem “calçados”, recorrem a esse movimento defensivo.

Figura 15 - Espalhada

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (2023)

Ao definir a Espalhada, o lutador Augusto (2023) admite a sua semelhança com o *Sprawl*, uma técnica recorrente em outras modalidades de luta: “Espalhada é quando o atleta faz a entrada no seu oponente (a Calçada) e ele projeta o próprio corpo para trás, não deixando ser golpeado na perna. A espalhada o nome na Luta Olímpica é *sprawl*”.

De forma harmônica ao relato, Campos, Pinheiro e Gouveia (2019, p. 212) definem a Espalhada da seguinte forma: “é um ato de defesa, especialmente para a técnica de cabeçada, onde o oponente projeta as pernas para trás a fim de não permitir que o adversário o agarre”.

O lutador Ademilton, por sua vez, faz questão de enfatizar, a partir das suas experiências com outras modalidades de luta (e considerando ainda sua vivência como filho de vaqueiro), que o *Sprawl* não é uma técnica da Luta Marajoara:

Sprawl não é da Luta Marajoara, eu falo porque eu venho do MMA. A gente se joga com as pernas para trás, pra ele (o adversário) não pegar. E quando eu volto, já é eu que venho calçando ele, porque quando ele se projeta para pegar a minha perna e eu me jogo, automaticamente ele vai ficar de barriga no chão e depois ele vai tentar logo se levantar e eu já espero essa levantada dele para atacar as pernas dele. Isso é a recalçada. (Ademilton, 2023)

As transformações ocorridas na Luta Marajoara ao longo de sua história possibilitaram a construção e reconstrução do seu atual repertório de saberes técnicos, bem como contribuíram para as variações de tais e para a inserção de técnicas provenientes de outras lutas, resultado do envolvimento de lutadores de outras modalidades: “A gente tá tendo um

conflito muito grande, porque o *Wrestling* invadiu o Marajó e eles estão colocando o *Wrestling* na Luta Marajoara” (Ademilton, 2023). Seria então a Espalhada uma técnica inspirada no *Sprawl*? Ou simplesmente uma técnica de outra luta inserida na Luta Marajoara e disfarçada com um termo da cultura marajoara? Somente outras pesquisas podem responder tais questionamentos.

Vale destacar que a inserção de técnicas de outras lutas na Luta Marajoara não se justifica somente em razão do envolvimento de lutadores de outras modalidades, mas devido ao processo de esportivização que esta luta vem perpassando, cuja tendência é priorizar a competição em detrimento da preservação da tradição (Andrade; Santos; Freitas, 2024), isto é, os lutadores estão buscando obter um melhor desempenho durante as competições, mesmo que isso signifique descaracterizar a tradição técnica da luta.

Assim, tendo em vista o exposto, concluímos que são múltiplos os saberes técnicos que permeiam a prática da Luta Marajoara, seja nas fazendas de Cachoeira do Arari ou nos festejos do Glorioso São Sebastião. Saberes que ao serem aprendidos significam dominar a arte de praticar a Luta Marajoara. Um conjunto de saberes que reluz a identidade, a criatividade e a força do homem e da mulher marajoara. Por isso, a Luta Marajoara pode ser vista como uma manifestação representante do povo e da cultura do Marajó, os próprios lutadores admitem: “A Luta Marajoara pra mim representa nós vaqueiros, pescadores, ribeirinhos, todo mundo que luta” (Antonio, 2023).

Ela faz parte da nossa cultura, é a nossa cultura, principalmente agora que virou patrimônio imaterial, porque mostra que o marajoara não é somente um caboco, ele tem uma história para contar e essa história está sendo contada através da Luta Marajoara (Augusto, 2023).

A Luta Marajoara eu pratico porque ela é a minha vida, e onde eu nasci, é a minha história. Eu pratico mesmo porque é o que eu sei fazer, é o que eu amo, se mandar eu praticar outro tipo de luta eu não sei, nem lutar talvez. Então a minha essência é a Luta Marajoara, não tem jeito. (Mestre César, 2023)

Para além dos saberes técnicos apresentados nesta pesquisa, Campos, Pinheiro e Gouveia (2019) evidenciam a existência de outros, como a Cabeçada, uma das principais técnicas de ataque da Luta Marajoara, enfatiza os autores, que ocorre quando um dos lutadores ataca apoiando a cabeça no adversário para projetá-lo ao solo, sendo aplicada tanto no tórax quanto nos membros inferiores; a Rasteira, técnica de ataque que busca desequilibrar o oponente sem a necessidade de agarrar o tronco do adversário, dando uma rasteira em suas pernas; a Desgalhada, ação de erguer o oponente frontalmente sobre os ombros ou cabeça, arremessando-o com as costas em direção ao solo; e a Escora/Escorada, ato de se defender com o uso das mãos, braços e ombros no sentido de evitar ser agarrado pelo adversário.

Cabe ainda destacar que alguns lutadores dominam muitos saberes técnicos e outros menos, uma disparidade que tem sido atenuada, em certa medida, pela crescente adoção do treinamento na Luta Marajoara. Muitos lutadores, mesmo não tendo histórico de luta e de linhagem familiar na luta, têm tido a oportunidade de conhecer e aprender o amplo conjunto técnico desta luta, o que tem sido viabilizado principalmente por meio de centros de treinamento improvisados por lutadores mais experientes que, mesmo sem retorno financeiro, treinam lutadores experientes e iniciantes, contribuindo para formar uma nova geração.

O intuito principal destes centros de treinamento tem sido preparar os lutadores para participarem de eventos esportivos pela ilha e um meio de fomentar e garantir a participação de alunos de escolas básicas da região a participarem de competições escolares em âmbito regional e nacional, a exemplo dos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's).

Paralelamente, instituições esportivas, como a Federação Paraense de Wrestling, têm oferecido auxílio financeiro a lutadores cachoeirenses, mediante a concessão de bolsas, com o intuito de fomentar a prática da modalidade na região, um incentivo que tem suscitado debates acerca do declínio de interesse pela Luta Marajoara, visto que alguns lutadores que antes praticavam com maior frequência, agora, por exemplo, têm se dedicado quase exclusivamente ao *Wrestling*, que oferece retorno financeiro aos seus atletas.

Contudo, é justo ressaltar, em termos de incentivo financeiro, a intervenção do poder público local no fomento da Luta Marajoara, evidenciada pelo apoio em dinheiro ao torneio organizado durante a festividade de São Sebastião, bem como pela facilitação logística para o deslocamento de lutadores cachoeirenses que visam participar de competições pela ilha: “O incentivo que a gente tem é da prefeitura. A gente tem uma parceria muito grande, é ela que arca com as despesas para as competições” (Augusto, 2023). Tal iniciativa raramente é de natureza espontânea, decorre da mobilização proativa dos próprios lutadores, um bom indicativo da importância que a comunidade cachoeirense atribui à sua herança cultural.

Em última instância, ressaltamos que quem pratica a Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, além de aprender os saberes técnicos desta luta, acaba por aprender outros saberes, como os *saberes da devoção*, relacionados às folias, ladainhas e outras rezas, e ao que fazer para agradar e homenagear o santo, agradecer pelas bênçãos e evitar castigos; *saberes culinários*, aqueles referentes ao preparo e ao consumo das comidas e bebidas típicas desse período; e diversos outros saberes que provavelmente apareceriam caso tivéssemos pesquisado o assunto mais a fundo.

Tudo isso porque quem pratica a luta tradicional do Marajó na festa também não esquece de beber o leite de onça, comer o frito do vaqueiro, dançar com os mastros, entoar as

folias do santo e usar seus símbolos pessoais de devoção. Os saberes da Luta Marajoara, no contexto da festa, portanto, inevitavelmente se entrelaçam a outros saberes.

SEÇÃO V

AO PÔR DO SOL, AS ÚLTIMAS COSTAS DE AREIA

Bebi água suja, atolei na lama, dormi com grilos em cima da cama e passei por outras adversidades e condições precárias de higiene durante a imersão em campo que prefiro esquecer do que tatuar nesta dissertação. Embora seja desafiador, percebo que algumas dessas dificuldades foram quase inevitáveis para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente em razão do contexto e do tempo *in loco*. No final das contas, serviram de aprendizado para futuras experiências investigativas.

O que me impulsionou a prosseguir com a pesquisa, mesmo diante de tantos desafios, foi o prazer em descobrir e registrar aspectos únicos acerca do objeto de estudo, pois cada dia proporcionou a oportunidade de desvendar, seja pelos instrumentos adotados ou por meio de diálogos informais, os significados, os saberes, as memórias, as terminologias que giram em torno da Luta Marajoara e da festa de São Sebastião. Aquilo que não consta na literatura acadêmica está ali na ponta da língua do caboco.

O esforço, enfim, rendeu frutos. Conseguimos responder às questões desta dissertação **(quais significados são atribuídos à prática da Luta Marajoara na Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari? Quais saberes técnicos perpassam a prática da Luta Marajoara neste contexto festivo? E como ocorre o processo de ensino e aprendizagem de tais saberes?)**, ainda que sejam questionamentos que devam ser continuados e ampliados para um público maior, visto o envolvimento de lutadores-devotos de outros municípios na festa e o universo extenso dos saberes técnicos da Luta Marajoara.

Foi somente superando os desafios em campo que conseguimos evidenciar a diversão como principal significado atribuído à prática da Luta Marajoara em uma das maiores celebrações em honra a São Sebastião da Ilha de Marajó, assim como observar que são múltiplos os saberes técnicos que podem permeá-la nesse contexto festivo: Pés-Casados, Calçada e Recalçada, Boi-Vaca, Carrega e Bate, Passada, Baianada, Lambada, entre outros. Saberes que são aprendidos e ensinados por meio de uma “educação da atenção”, um processo que ocorre quando um lutador experiente mostra um saber técnico da luta ao lutador iniciante para que ele possa olhar e ouvir e, assim, aprender.

Porém, cabe destacar que é extremamente desafiador, senão impossível, aprender todos os saberes técnicos que compõem a Luta Marajoara, principalmente quando consideramos as mutações que estes sofrem de uma comunidade para outra e sua forma de transmissão. Em razão disso, pode-se dizer que a maioria dos lutadores não domina todos os

saberes técnicos da Luta Marajoara, mas tem nos festejos de São Sebastião e em outros espaços tradicionais de luta, oportunidade para aprendê-los.

Importa considerar, a partir do óculos fornecidos por esta dissertação, que a Luta Marajoara não serve somente para divertir e entreter, ela representa a cultura e o povo do Marajó, servindo ainda para celebrar, de modo especial, a identidade do vaqueiro marajoara. Para quem a pratica desde a infância, ela ainda é uma memória coletiva e afetiva de familiares e amigos. Não à toa, muitos lutadores se emocionam ao rememorar seu passado de luta. É uma vida de dedicação. Sentem orgulho disso, mas também sentem ciúmes. Querem reconhecimento internacional para a sua luta tradicional, ao mesmo tempo querem guardá-la em um lugar em que só os marajoaras podem ter acesso.

Enriquecendo estas considerações, é preciso ressaltar que investigar os contextos de prática da Luta Marajoara parece ser uma tarefa indispensável atualmente, dada a busca por sua escolarização, ou seja, a sua condução, na forma de conteúdo de ensino, para o âmbito escolar, especialmente por meio do componente curricular Educação Física. Isso para desenvolver em momentos pedagógicos os diversos aspectos que permeiam a sua prática, assegurando que não seja trabalhada na escola de maneira esvaziada, restringindo-se meramente aos seus fundamentos técnicos, dissolvendo-a da cultura do povo que a engendrou e a impulsiona até os dias de hoje.

Finalmente, inspirados pelas ideias do historiador marajoara Varela (2020), esperamos, com esta dissertação, ter contribuído para o Marajó navegar pelo âmbito das instituições de ensino, que nem a Boiúna, a mítica cobra grande, viaja pelos rios amazônicos, levando a sua luta tradicional, e retornando trazendo boas notícias para o seu povo.

REFERÊNCIAS

- AIRES NETO, Francisco. **Carnaval das crias do curro velho**: espaço educativo de produção de saberes. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2016. Disponível em: <https://prosp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/10/francisco_aires_netto.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- AKGÜL, Mehmet Haşim; YETİM, Ahmet Azmi. A survey into the religious rites in the traditional kirkpinar wrestling tournament and the religious beliefs of the wrestlers. **European Journal of Physical Education and Sport Science**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 25-43, 2018. Disponível em: <<https://oapub.org/edu/index.php/ejep/article/view/2121/4758>>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- ALVES, Darcel Andrade. **A educação n’O Museu do Marajó**: ver - tocar - contextualizar. 2009. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2009. Disponível em: <https://prosp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/02/darcel_andrade_alves.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1980.
- AMARAL, Dário Dantas do. **Campos e florestas das bacias dos rios Atua e Anajás, ilha do Marajó, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.
- AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar no país que “Não é Sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; CARVALHO, Nazaré Cristina. Entre machados, leite de onça e ombros devotos: a Luta Marajoara na festa de corte dos mastros de São Sebastião em Cachoeira do Arari. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 40-50, jan./abr. 2024. Disponível em: <<https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/4339/2379>>. Acesso em: 01 out. 2024.
- ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Da tradição ao espetáculo: a esportivização da Luta Marajoara na perspectiva dos lutadores. **Revista Territorial**, Goiás, v. 14, 2024.
- ANTUNES, Marcelo Moreira; CAMPOS, Ítalo Sérgio Lopes; COSWIG, Victor Silveira; PINHEIRO, Claudio Joaquim Borba. Fórum de luta marajoara: a carta de Belém. **Conexões**, Campinas, v. 19, n. 00, p. e021042-e021042, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8659390>>. Acesso em: 01 out. 2024.
- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ASSIS, José Wildemar Paiva de. **A agarrada marajoara como manifestação de identidade cultural da ilha do Marajó/Pará**. 2010. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2010.

ASSIS, José Wildemar Paiva de; PINTO, Ricardo Figueiredo; SANTOS, Cesar Augusto Sousa. A Agarrada Marajoara como manifestação de identidade cultural da ilha do Marajó, Pará. **Lecturas: Educación Física y Deportes (EFDeportes.com)**, Buenos Aires, v. 16, n. 157, jun. 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd157/a-agarrada-marajoara-como-manifestacao-de-identidade-cultural.htm>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BAKER, Patrícia Andréa Godinho; CARVALHO, Nazaré Cristina. Crianças Amazônicas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros. **Revista Cocar**, Belém-PA, v. 14, n. 28, p. 838-855, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3154>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BARBOSA, Yorranna Suilan Oliveira; NEVES, Ivânia dos Santos. Dona Onete e sua interseccionalidade: a fissura no discurso colonial na contemporaneidade. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 58, p. 40-56, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5410>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BARBOZA, Rafael Allen Gonçalves. **Os Terena de Buriti e a Festa de São Sebastião: da promessa à tradição**. A Festa de São Sebastião como estratégia de resistência entre os Terena da Aldeia Buriti – Mato Grosso do Sul. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MT, 2019. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8809996>. Acesso em: 01 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Líliam da Silva. Folias e Ladainhas no Marajó. *In*: LIMA, Maria Dorotéia de; PANTOJA, Vanda. **Marajó: culturas e paisagens**. Belém: SR/IPHAN, 2008. p. 44-57.

BARROS, Líliam; PANTOJA, Vanda. **Dossiê das festividades de São Sebastião na mesorregião do Marajó**. Iphan, Belém, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA S SEBASTI%C3%83 O.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília: Plano, 2007.

BASTIANETTO, Eduardo. Criação de búfalos no Brasil: situação e perspectiva. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte, n. 6, p. 98-103, 2009. Disponível em: <<http://www.cbpa.org.br/pages/publicacoes/rbra/download/p98-103.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BERNARD, Harvey Russell. **Research methods in anthropology**: qualitative and quantitative approaches. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora, 1994.

BOULHOSA, Marinete Silva. **Entre a sela e o santo**: etnográfico sobre a vida e a lida do vaqueiro marajoara. Belém: IFPA, 2016.

BOULHOSA, Marinete Silva. Festividade de São Sebastião, de Cachoeira do Arari: uma possibilidade para o desenvolvimento do turismo cultural na ilha do Marajó, Brasil. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 14, n. 01, p.01-15, ago. 2017. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/641>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BOULHOSA, Marinete Silva; CABRAL, Neila Waldomira do Socorro Sousa; GOMES, Eduardo Lima dos Santos. Turismo no Marajó (PA): identidade e diversidade como potencialidades para um turismo sustentável. In: CABRAL, Neila; LIMA, Ailton Pires de Lima; GOMES, Eduardo (org.). **Turismo e desenvolvimento local**: experiências, análises e perspectivas na Amazônia. Belém, PA: Editora do IFPA, 2017. p. 181-199.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 136 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. **O que é Educação**. 33. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

_____. **Plantar, colher, comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

_____. **Prece e folia, festa e romaria**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

BREDA, Mauro; GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CAMARGO, Arlete; FERREIRA, Diana Lemes; LUZ, Iza Cristina Prado da. Perfil, condição e formação docente no Pará. In: MAUÉS, Olgaíses; CAMARGO, Arlete ; OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. **O trabalho docente na educação básica**: o Pará em questão. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 53-74.

CAMPOS, Ítalo Sergio Lopes; ANTUNES, Marcelo Moreira. Luta Marajoara: diálogos com o esporte, saúde e educação. **Cenas Educacionais**, Caetité, v. 4, n. e11870, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11870>>. Acesso em: 01 out. 2024.

CAMPOS, Ítalo Sergio Lopes; PINHEIRO, Claudio Joaquim Borba; GOUVEIA, Amauri. Modelagem do comportamento técnico da Luta Marajoara: do desempenho ao educacional. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, [S. I.], v. 27, n. 2, p. 209-217, 2019. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/9421>>. Acesso em: 01 out. 2024.

CARDIAS-GOMES, Fabio José; SOUTO, Clívia; FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. Luta Marajoara: narrativas familiares dos primórdios de sua esportivização em Cachoeira do Arari. 2021. In: 2021 WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY OF SPORT, 2021, Virtual, Worldwide. **Book of Abstracts**. Worldwide: International Sociology of Sport Association, 2021. p. 115.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; PÍCOLI, Carlos; DOS SANTOS, Wagner. Fundamentos ontológicos e epistemológicos das lutas corporais. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 18, n. 3, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/download/31311/19023>>. Acesso em: 01 out. 2024.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, [S. I.], v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>>. Acesso em: 01 out. 2024.

CARDOSO, Vinicius Miranda. **O padroeiro principal da terra**: poderes locais e oculto político religioso a São Sebastião no Rio de Janeiro, 1680-1760. 2017. 282 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CASADO, Julián Espartero. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha In: HERRERA, Miguel Villamón (org.). **Introducción al judo**. Barcelona: Hispano Europea, 1999. p. 23-54.

CASADO, Julián Espartero; GARCÍA, Carlos Gutiérrez; HERRERA, Miguel Villamón. Las actividades de lucha. In: SÁNCHEZ, Belén Tabernero (org.). **Educación física**: propuestas para el cambio. 1. ed. Barcelona: Paidotribo, 2003. p. 283-324.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CAVALCANTI, Bruno Cesar. Novos lugares da festa – tradições e mercado. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 10-20, mai. 2013.

CHAGAS JUNIOR, Edgar Monteiro; MAIA, Maíra Oliveira; NEVES, Shirley do Socorro Moura das. **Cachoeira do Arari**: a experiência festiva na elaboração de um lugar da Ilha do Marajó. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2019, Salvador, Bahia. Disponível em: <<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112491.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, p. 01-09, jan./mar. 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n1p01/2707>>. Acesso em: 01 out. 2024.

COSTA, Carlos Eduardo. A luta esportiva nos rituais pós-funerários: corporalidade, chefia e disputa política no Alto Xingu. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, [S .I.], v. 18, p. e20220019, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/wDH9gRgvP7tfHGTMMYsFfZH/>>. Acesso em: 01 out. 2024.

CRUZ, Miguel Evangelista Miranda da. **Marajó, essa imensidão de ilha**. São Paulo: MEM Cruz, 1987.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Debates, volume 84. 3ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2004.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983. 236 p.

ENGELHARD NETO, Rodolpho Fernando; ABRAHIN, Rejane Walessa Pequeno Rodrigues; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. A federalização da Luta Marajoara. *In*: MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva (org.). **Lutas/artes marciais/esportes de combate em educação física**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 50-57.

FARES, Josebel Akel. A épica do vaqueiro marajoara: histórias de vida de Juvêncio Amador e cartografias de saberes no Marajó. *In*: FARES, Josebel Akel (org.). **Saberes de vaqueiros**. Épica, ancestralidade, ofício. Belém, EDUEPA, 2017. p. 31-52.

_____. **Cartografias marajoaras**: cultura, oralidade, comunicação. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. O Museu do Marajó: viagem, acervo e entrevista com Giovanni Gallo. **Revista Cocar**, Belém-PA, v. 01, n. 01, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/144>>. Acesso em: 01 out. 2024.

FERREIRA, Felipe. Festejando. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 51-60, mai. 2013.

FERREIRA, Maria de Jesus Ferreira. **Festas religiosas na Amazônia**: cultura e identidade na tradição festiva de São Sebastião da Vila de Maiauatá (Igarapé-Miri/PA). 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2019. Disponível em: <https://www.ppgciti.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/turma_2017/Vers%C3%A3o%20final%20MARIA%20DE%20JESUS%20FERREIRA%20FERREIRA.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

FIGUEIREDO, Carly Anny Barros. **São Sebastião do arraial e do terreiro**: territorialidades urbanas e as festas de santo de Parintins (AM). 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5856>>. Acesso em: 01 out. 2024.

FLICK, Uwe. Entrevistas. *In*: FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a. p. 143-163.

FLICK, Uwe. O que é a pesquisa qualitativa? *In*: FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b. p. 15-33.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012>. Acesso em: 01 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. **Almanaque Olímpico Sportv**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB Cultura, 2008.

GALINA, Décio. Forte como um búfalo. **Revista Trip**, [S. I.], 2009. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/forte-como-um-bufalo>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GALLO, Giovanni. **Marajó**: a ditadura da água. Belém, Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1980. 312 p.

GALLO, Giovanni. **O homem que implodiu**. Belém, Secult, 1996. 294 p.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo. Editora Nacional, 1955.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: Teoria e Prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro- RJ: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_8bfa25bd3e05a251314dacfe9da03868>. Acesso em: 01 out. 2024.

GOMES, Paulo Wender P.; MARTINS, Luiza; GOMES, Emilli; MURIBECA, Abraão; PAMPLONA, Sônia; KOMESU, Andrea; BICHARA, Carissa; RAI, Mahendra; SILVA,

Consuelo; SILVA, Milton. Antiviral Plants from Marajó Island, Brazilian Amazon: A Narrative Review. **Molecules**, [S. I.], v. 27, n. 5, p. 1542, 2022. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1420-3049/27/5/1542>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 263-266.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília, 2003.

HENRIQUE, Márcio Couto; LINHARES, Anna Maria Alves. Cerâmica marajoara e Círio de Nazaré: significação e sacralização do patrimônio cultural brasileiro. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 394-420, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/3syxZXtRd77MLkhCfN7d3P/>>. Acesso em: 01 out. 2024.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, [S. I.], v. 33, n. 01, p. 06-25, 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>>. Acesso em: 01 out. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Saberes, fazeres, gingas e celebrações: ações para a salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural do Brasil 2002-2018**. Brasília-DF: IPHAN, 2018.

JESUS, Fernando Pereira de; ASSIS, José Wildemar Paiva de. **Agarrada Marajoara**. Belém-PA, 1997.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos lobos**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

_____. **Chove nos campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém, CEJUP, 1991. 294 p.

_____. **Marajó**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1992.

_____. **Velho Mané Grigório**. Cachoeira-Nova. Cachoeira do Arari, 1932.

JUSTO, Joana Sanches; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 760-774, 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300013>. Acesso em: 01 out. 2024.

JUVÊNCIO, Nosá Ferreira. **Luta tradicional Rará do povo Kanhgág: significados e valores históricos e culturais**. 2021. 25 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

KRAWIETZ, Birgit. The sportification and heritagisation of traditional Turkish oil wrestling. **The International Journal of the History of Sport**, [S. I.], v. 29, n. 15, p. 2145-2161, 2012.

Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2012.721597>>.
Acesso em: 01 out. 2024.

LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer, modos de usar. *In*: ALMEIDA, Sónia Vespeira de; CACHADO, Rita Ávila (org.). **Os arquivos dos antropólogos**. Lisboa: Palavrão, 2016. p. 143-154.

LIMA, George Almeida; MILLEN NETO, Álvaro Rego. A luta marajoara e os processos de esportivização e de curricularização: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Cocar**, Belém-PA, v. 16, n. 34, 2022. Disponível em:
<<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5187>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

LIMA, G. A.; CAVALCANTE, J. S.; CISNE, M. D. N.; SILVA, I. M. B.; BORGES, L. N.; NOGUEIRA, P. H. S.; ROZENDO, J. F.; OLIVEIRA, R. A. F.; CAMPOS, A. S.; FERREIRA, H. S. Reflections on the development of the Luta Marajoara in Physical Education classes: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. e23311326454, 2022. Disponível em:
<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26454>>. Acesso em: 01 out. 2024.

LISBOA, Pedro Luiz Braga. **A terra dos Aruã**: uma história ecológica do arquipélago do Marajó. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém, PA: Cultura Brasil, 2015.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2014. Disponível em:
<<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MACHADO, Raoni Perrucci Toledo. **Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga**. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-14032007-100902/pt-br.php>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de Oliveira. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém, PA: EDUEPA, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; CARDOSO, Nicole Marceli Nunes. A produção científica sobre lutas e a teoria de Norbert Elias: um estado do conhecimento em artigos 2010-2020. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/66895>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MARQUES, Janote Pires. "A "observação participante" na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 19, n. 28, mai./ago. p. 263-284, 2016. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3152710/mod_resource/content/1/Observacao%20p_articipante.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. **Revista Mal Estar e Subjetividades**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 118-128, 2002. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000100009>. Acesso em: 01 out. 2024.

MARTÍ, Josep. Música i festa: Algunes reflexions sobre les pràctiques musicals i la seva dimensió festiva. **Anuario musical**, [S. I.], n. 57, p. 277-293, 2002. Disponível em: <<https://anuariomusical.revistas.csic.es/index.php/anuariomusical/article/view/92>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, [S. I.], v. 2, n. 1, p. 1-26, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas. Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém, Cejup, 1995.

MEDEIROS, Hécio Pacheco de. **Os processos comunicacionais na festa de São Sebastião: Bairro do Alecrim, Natal/RN**. 2014. 219 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13836?mode=full>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MELO, Alessandro de; RIBEIRO, Débora. Eurocentrismo e currículo: apontamentos para uma construção curricular não eurocêntrica e decolonial. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1781-1807, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/37051>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MORAES, Patrich Depailler Ferreira. **O feitiço caboclo de Dona Onete: um olhar etnomusicológico sobre a trajetória do carimbó chamegado, de Igarapé-Miri a Belém**. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7423>>. Acesso em: 01 out. 2024.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-

164, 2014. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/18875>>. Acesso em: 01 out. 2024.

NASCIMENTO, Lucas Pedro do. “**Ele desceu lá do céu, na bandeira assentou**”: o catolicismo popular e a devoção a São Sebastião em Leopoldo de Bulhões e Silvânia, Goiás”. 2019. 123 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019. Disponível em:

<<https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/401>>. Acesso em: 01 out. 2024.

OLIVEIRA, Fabiana de. **Cultura e memória**: romaria de São Sebastião na cidade de Ibiúna-SP. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/21033/2/Fabiana%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 out. 2024.

PACHECO, Agenor Sarraf. A conquista do Ocidente Marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (org.). **Muito além dos campos**: arqueologia e história. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010. p. 11-30.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Em el corazón de la Amazônia**: identidades, saberes e religiosidades do regime das águas marajoaras. 2009. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_698b0c740bb68bd4275924c866d29552>. Acesso em: 01 out. 2024.

PAIVA, Leandro; COTES, Marcial; JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de. Lutas corporais: atos ancestrais ritualizados nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara/PI. **Cenas Educacionais**, [S. l.], v. 6, p. e16964-e16964, 2023. Disponível em:

<<https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/16964>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PANTOJA, Vanda. As festas de santo no Marajó. In: LIMA, Maria Dorotéia de; PANTOJA, Vanda. **Marajó**: culturas e paisagens. Belém: SR/IPHAN, 2008. p. 28-43.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 57-68, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3574>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PARÁ. **Lei nº 9.989, de 10 de julho de 2023**. Institui no calendário oficial de eventos do Estado do Pará, o Dia Estadual da Luta Marajoara. Assembleia Legislativa do Estado do Pará,

Pará. Disponível em: < <https://leisestaduais.com.br/pa/lei-ordinaria-n-9989-2023-para-institui-no-calendario-oficial-de-eventos-do-estado-do-para-o-dia-estadual-da-luta-marajoara?q=lei%20de%20acesso%20a%20informa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

PARÁ. **PL nº 6/2021**. Declara como integrante do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial a manifestação sociocultural e desportiva conhecida como “LUTA MARAJOARA”, do Arquipélago do Marajó, no âmbito do Estado do Pará, e dá outras providências. Assembleia Legislativa do Estado do Pará, Pará, 2021. Disponível em: <<https://downloads.alpara.com.br/Projeto/10655.PDF>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

PATI, George. Kalari and Kalarippayattu of Kerala, South India: nexus of the celestial, the corporeal, and the terrestrial. **Contemporary South Asia**, [S. I.], v. 18, n. 2, p. 175-189, 2010. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09584931003674976>>. Acesso em: 01 out. 2024.

PEDROZA, Reigler Siqueira. **A performance da folia de São Sebastião**: aspectos simbólicos de um ritual na comunidade Quilombola Magalhães – GO. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2010_-_Reigler.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

PITA, Naira Santana. Basílica Santuário Senhor do Bonfim: análise da interferência no bairro do Bonfim. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 16., 2019, Vitória-ES. **Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Vitória: UFES, 2019. p. 2896-2910. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26604>>. Acesso em: 01 out. 2024.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2022. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

POMBO, Délcia Pereira. **Educação, memórias e saberes amazônicos**: vozes de vaqueiros marajoaras. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém, PA, 2014. Disponível em: <https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/08/delcia_pereira_pombo.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

PORTO, Maria Beatriz Gomes Bellens. **“Porque quer haver o seu pagamento”**: usos políticos, econômicos e simbólicos das festas de São Sebastião e seus oitavários no Rio de Janeiro (1790-1828). 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **A Festa do Jacaré na aldeia indígena Assurini Trocará**: espaço educativo e de manifestação de saberes. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2015. Disponível em: <https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2021/04/maria_gorete_cruz_procopio.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

RAMOS, Lino. **O devoto fiel**. Cachoeira do Arari, Edição do Autor, 2013. 90 p.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Vozes, 1982.

RIOS, Gleyson Batista. O processo de esportivização do taekwondo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/16062>>. Acesso em: 01 out. 2024.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Ser vaqueiro no Marajó: memórias de ofícios ancestrais. In: FARES, Josebel Akel (org.). **Saberes de vaqueiros**. Épica, ancestralidade, ofício. Belém, EDUEPA, 2017. p. 31-52.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista diálogo educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116275004.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2024.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate: uma questão de terminologia. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 158, 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd158/lutas-artes-marciais-uma-questao-de-terminologia.htm>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004. 250 p.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. “Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio”: Luta Marajoara e reconhecimento em academias de ginástica. **Revista Kinesis**, Santa Maria, RS, v. 39, p.01-15, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/64667/pdf>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Combat itineraries of the Paraense Federation of Marajoara wrestling. **Journal of Physical Education**, v. 34, n. 1, p. e-3415, 2023a. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/65143>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta Marajoara na escola: relatos de uma sequência pedagógica para o 3º ano do ensino fundamental. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 36, 2023. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/128914>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/19262>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; GOMES, Ivan Carlo Rego; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do Estado do Pará. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-24, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e65668>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; SANTOS, Herberth Henrique dos. (org.). **Lutas do mundo na escola**: coletânea de planejamentos. Belém: Editora Açai, 2017.

SANTOS, Patrícia Lessa dos. A imagem enquanto fonte de pesquisa: a fotografia publicitária. **Iniciação científica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 63-68, ago./dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/view/27>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SCHAAN, Denise Pahl. **Cultura Marajoara**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires; PORTAL, Vera Lúcia Mendes. Patrimônio Arqueológico do Marajó dos Campos. In: SCHAAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (org.). **Muito além dos campos**: arqueologia e história. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010. p. 71-87.

SEABRA, Jéssica Portal; CAMPOS, Ítalo Sérgio Lopes; ANTUNES, Marcelo Moreira. Luta Marajoara: uma perspectiva a partir do discurso de atletas. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 5, p. e-5024, 2020. Disponível em: <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/454>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/37452>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança**: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.

SILVA, Dilma Oliveira da. **Crianças que dançam, crianças que louvam**: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA. 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2017. Disponível em: <https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/11/dilma_oliveira%20_da_silva.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Dilma Oliveira da; CARVALHO, Nazaré Cristina. Narrativas de crianças sobre o saber/fazer em festas amazônicas: o caso da Marujada de São Benedito e São Sebastião em Tracuateua/PA. **Nova Revista Amazônica**, [S. I.], v. 9, n. 01, p. 83-99, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/10031/6982>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, José Maria da. Espetáculo e performance no Festival de Parintins. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2, p. 111-129, 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2009v11n1-2p111>>. Acesso em: 01 out. 2024.

SOUZA, Ytallo Kassio Franco de. **Oh! São Sebastião da Vila do Mocajatuba, proteja o boi Cuirão**: Um estudo sobre a “invenção” das identidades no Distrito Industrial de Ananindeua/Pará. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2019. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1frUilpcoyfAyaDXf9Vh6VGYgSsMOnzJy/view>>. Acesso em: 01 out. 2024.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. **Festas e saberes**: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.

VALENTE, Francisco Luís Auricélio; GOVEIA, Jean Carlos de; PINTO, Guilherme Moreira Caetano; VARGAS, Leandro Martinez. Estudo sobre Huka-huka: uma luta de matriz indígena brasileira. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e–28608, 2022. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/28608>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

VARELA, José Marajó. **Breve história da amazônia marajoara**: ensaio decolonial acerca da amazonidade. Editora Amazônica Bookshelf, 2020. 432 p.

VIANNA, João Rodrigues. **Historico do Municipio de Cachoeira**. [S. I.], 1938.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 01 out. 2024.

VORAGINE, Jacobus de. **The Golden Legend**: Readings on the Saints. Translated by William Granger Ryan. Princeton: Princeton University Press, 2012.

WALL, Rachel. Saint Sebastian in the Renaissance: The Classicization and Homoeroticization of a Saint. **Art Journal**, v. 2012, n. 1, p. 2, 2012.

WANE, Cheikh Tidiane. **La lutte sénégalaise**: contribution au développement des compétences en éducation physique et sportive. 2012. 367 f. Tese (Doutorado) – Université Bordeaux, Senegal, 2012. Disponível em: <<https://theses.fr/2012BOR21913?domaine=theses>>. Acesso em: 01 out. 2024.



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciencias Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**

